



JULIA DA SILVA MARINHO

**O *PROMPTING* E SUAS FUNÇÕES LINGUÍSTICO-
INTERACIONAIS NAS AFASIAS**

**CAMPINAS,
2012**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

JULIA DA SILVA MARINHO

***O PROMPTING* E SUAS FUNÇÕES LINGUÍSTICO-INTERACIONAIS
NAS AFASIAS**

Orientadora: Profa.Dra. Edwiges Maria Morato

**Tese de doutorado apresentada ao Instituto
de Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Doutora em Linguística.**

**CAMPINAS,
2012**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR

CRISLLENE QUEIROZ CUSTODIO – CRB8/8624 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

<p>M338p</p> <p>Marinho, Julia da Silva, 1983- O prompting e suas funções linguístico-interacionais nas afasias / Julia da Silva Marinho. -- Campinas, SP : [s.n.], 2012.</p> <p>Orientador : Edwiges Maria Morato. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Prompting (Fonoaudiologia). 2. Afasia. 3. Neurolinguística. 4. Interação verbal. I. Morato, Edwiges Maria, 1961-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p>
--

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: Prompting and its linguistics-interactional functions in aphasia.

Palavras-chave em inglês:

Prompting (Speech, language and hearing sciences)

Aphasia

Neurolinguistics

Verbal interaction

Titulação: Doutora em Linguística.

Banca examinadora:

Edwiges Maria Morato [Orientador]

Anna Christina Bentes da Silva

Larissa Cristina Berti

Margareth de Souza Freitas Thomopoulos

Marígia Ana de Moura Aguiar

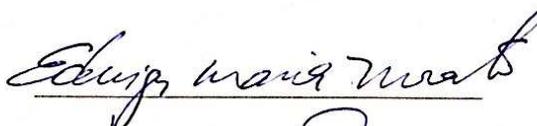
Data da defesa: 21-09-2012.

Programa de Pós-Graduação: Linguística.

Folha de Aprovação

BANCA EXAMINADORA:

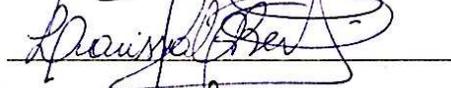
Edwiges Maria Morato



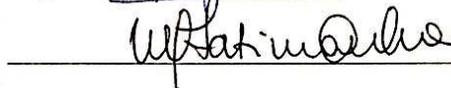
Anna Christina Bentes da Silva



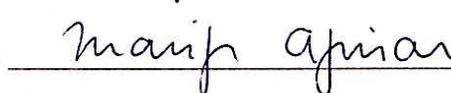
Larissa Cristina Berti



Mercedes Fátima de Canha Crescitelli



Marília Ana de Moura Aguiar



Lilian Cristine Scherer

Lucia Figueiredo Mourão

Margareth de Souza Freitas Thomopoulos

IEL/UNICAMP
2012

AGRADECIMENTOS

À orientadora Edwiges Morato, por quem tenho imensa admiração, pelo empenho e competência nas orientações, pela incentivo, pelo acolhimento, pela compreensão e pelos constantes ensinamentos;

às professoras Anna Christina Bentes e Margareth de Souza Freitas Thomopoulos, por ocasião do exame de qualificação da tese, pelas valiosas contribuições, discussões e indagações;

às professoras Heloísa Macedo e Vanda Elias, pela leitura atenciosa e comentários enriquecedores do texto de qualificação de área;

ao professor Ray Wilkinson, por ter aceitado me receber em seu grupo de pesquisa na Universidade de Manchester, pelo acolhimento e recepção na Inglaterra, pelas frequentes supervisões e ricas discussões em torno dos dados conversacionais de afasia;

à professora Marígia Aguiar, por estar sempre ao meu lado, me incentivando e acreditando no meu trabalho;

à Fapesp, pela bolsa de estudo concedida e incentivo financeiro à pesquisa;

à Capes, pela bolsa-sanduíche concedida por ocasião do estágio doutoral na Universidade de Manchester;

aos participantes do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), pelas experiências ali vividas, pelo aprendizado e pela amizade;

aos amigos do grupo de pesquisa COGITES, pelas valiosas discussões e companheirismo;

aos queridos amigos que a Unicamp me apresentou - Aline Gravina, Heloísa Macedo, Karla dos Santos, Lílian Sousa, Marcela Braganholo, Marcos Pires e Sandra Cazelato - pela convivência diária, companheirismo, amizade e por tornarem os meus dias longe de casa mais alegres;

aos familiares e amigos, pela torcida e carinho;

ao Rafael, meu amado e companheiro marido, por entender as minhas ausências, por estar perto, mesmo quando distante, pela torcida, pelo carinho e amor;

aos meus pais, por tudo o que tenho e sou.

“De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que estamos sempre começando, a certeza de que é preciso continuar e a certeza de que seremos interrompidos antes de terminar. Fazer da interrupção um novo caminho, fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sonho uma ponte, da procura um encontro”.

(Fernando Sabino)

RESUMO

Nosso propósito de empreender um estudo linguístico-interacional do *prompting*, bem como seus ganhos explicativos para o contexto das afasias, surgiu da imprecisão conceitual atualmente dispensada ao fenômeno. Grosso modo, o *prompting* é entendido como uma pista articulatória isto é, a execução, pelo interlocutor, do primeiro gesto ou das primeiras sequências de gestos que compõem as primeiras sílabas da palavra requerida. Não obstante a pouca clareza sobre os aspectos envolvidos em seu funcionamento, tem sido mencionado na literatura clínica quando da referência às estratégias terapêuticas utilizadas na recuperação da linguagem por afásicos. Via de regra, nesses estudos, o terapeuta fornece ou estimula o *prompting* oral ou escrito ao paciente. Com isso, perdem-se de vista vários aspectos constitutivos do fenômeno.

A presente pesquisa tem como objetivo qualificar e caracterizar a emergência do *prompting* na linguagem de afásicos em meio às atividades interativas desenvolvidas no Programa de Linguagem do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), localizado no Instituto de Estudos da Linguagem/Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP).

Ao tomá-lo como fenômeno a ser analisado, pretendemos definir melhor os contornos conceituais e explicativos do *prompting*, em suas diversas configurações e modalidades, descrevendo as condições e o contexto linguístico-interacional propício a sua ocorrência, bem como a sua relação com as características de linguagem dos sujeitos afásicos. Além disso, objetivamos a caracterizar o que motiva os afásicos a selecionarem, na resposta ao *prompting*, por uma produção oral, escrita ou gestual.

O empreendimento analítico das implicações do *prompting* permite-nos uma melhor compreensão do que ocorre mais especificamente no contexto das afasias, a fim de que possamos estabelecer as relações necessárias acerca do fenômeno e possamos, com isso, agregar novos conhecimentos para a área dos estudos interacionais e conversacionais no campo da Linguística, além de contribuir para as investigações clínicas que objetivam a auxiliar os afásicos em suas dificuldades de comunicação e significação.

Palavras-chave: *Prompting*, afasias, Neurolinguística, interação.

ABSTRACT

Our purpose in undertaking a linguistic-interactional study of verbal prompting, as well as its explanatory gains for the context of aphasia research, has arisen from the conceptual imprecision of the phenomenon. Roughly speaking, prompting is understood as an articulation cue, that is, the execution by the recipient, or the first act of the first sequences of gestures that forms the first syllables of the word required. The lack of clarity on some aspects involved in its functioning, verbal prompting is usually mentioned in the clinics literature when one refers to the therapeutical strategies used in language recovery by aphasics. As a rule in these studies the therapist provides or stimulates spoken or written prompting to the patient. Therefore various aspects of the phenomenon are lost of sight.

This research aims to describe and characterize the emergence of prompting in aphasic language through interactive activities developed in the Language program of Centro de Convivência de afásicos (CCA), located at the Institute of Language Studies/ Universidade Estadual de Campinas (IEL/Unicamp).

By taking it as a phenomenon to be analyzed, we intend to further define and explain the conceptual contours of prompting, in its various settings and types, describing the conditions and interactional-linguistic context to its occurrence and its relationship with the characteristics of the aphasic language. Furthermore, we aimed to characterize what motivates aphasics to choose, in response to prompting by an oral production, written or sign language.

The development of the analytical implications of prompting allows us a better understanding of what occurs specifically in the context of aphasia, in order that we may establish the necessary links about the phenomenon and can, therefore, besides adding new knowledge to the area of interactional and conversational studies in the field of linguistics, contribute to the clinical investigations that aim to assist aphasic subjects in their difficulties to communicate and significate.

Keywords: *Prompting*, aphasias, neurolinguistics, interaction.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Tipos de facilitação lexical mais utilizados como técnicas de reabilitação (PAMIES, PEÑA-CASANOVA & PULIDO, 2005, p.212)	53
QUADRO 2	Sumarização dos dados analisados nesta tese	86
QUADRO 3	Número de ocorrências das diferentes categorias de <i>prompting</i>	108
QUADRO 4	Quadro esquemático das sequências de “ <i>Hint and Guess</i> ”	109
QUADRO 5	Síntese das características linguísticas e estratégias utilizadas pelos sujeitos	115

O *PROMPTING* E SUAS FUNÇÕES LINGUÍSTICO-INTERACIONAIS NAS AFASIAS

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

1. INTRODUÇÃO AO PROBLEMA TEÓRICO.....	19
---	-----------

CAPÍTULO 2

2. DOS ESTUDOS NEUROLINGUÍSTICOS RELATIVOS AO <i>PROMPTING</i>: CONTRIBUIÇÃO DO SOCIOCOGNITIVISMO INTERACIONAL	23
---	-----------

2.1 Introdução.....	23
----------------------------	-----------

2.2 Abordagens cognitivistas da produção da linguagem.....	27
---	-----------

2.3 Das abordagens interacionais/conversacionais da linguagem.....	31
---	-----------

2.4 Concluindo: descrição do estatuto linguístico-interacional do fenômeno....	44
---	-----------

CAPÍTULO 3

3. O ESTUDO SOBRE O <i>PROMPTING</i> NO CONTEXTO DAS AFASIAS.....	49
--	-----------

3.1 Das questões de linguagem nas afasias.....	49
---	-----------

3.2 O <i>prompting</i> no contexto clínico das afasias: conceituação e utilização terapêutica.....	58
---	-----------

3.3 Discussão da literatura no campo da clínica de linguagem de afásicos.....	63
--	-----------

CAPÍTULO 4

4. SOBRE A METODOLOGIA DA PESQUISA.....	71
4.1 Problematização e objetivos.....	71
4.2 Conhecendo o Centro de Convivência de Afásicos (CCA): local de produção e emergência dos dados.....	73
4.2.1 Descrição dos sujeitos participantes do CCA.....	75
4.3 A constituição do <i>corpus</i>.....	83

CAPÍTULO 5

5. ANÁLISE DE DADOS.....	87
5.1 Apresentação dos dados.....	87
5.2 Resultados e discussão.....	107

CAPÍTULO 6

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	127
ANEXOS.....	137

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO AO PROBLEMA TEÓRICO

É muito comum que escutemos falar do termo por nós aqui estudado, o *prompting*, entre os profissionais da Fonoaudiologia, no campo dos estudos clínicos, bem como nas questões relacionadas a pesquisas na área da Neurolinguística, principalmente, para se referir ao trabalho terapêutico com crianças em fase de aquisição de linguagem, pacientes com dificuldades de iniciativa verbal, como autistas e afásicos, entre outros. O termo *prompting* é evocado para definir a situação na qual o interlocutor vem em auxílio ao falante, em momentos de dificuldades de nomeação, promovendo pistas (gestuais, fonológicas, escritas *etc*) a fim de que a evocação oral seja realizada e a comunicação desenvolvida com maior fluência.

Apesar de ser uma estratégia que, nos últimos anos, vem sendo explorada enquanto técnica-terapêutica, não tem recebido a atenção teórico-metodológica devida, o que, inclusive, impede que seja analisada de forma consistente no próprio contexto clínico. Há uma grande escassez de estudos dedicados ao tema com atenção e acurácia, que, de maneira mais específica, se proponham a estudar a natureza do fenômeno, suas características e condições de emergência.

O uso que vem sendo feito do fenômeno atualmente é, em sua grande maioria, baseado em trabalhos calcados no método clínico tradicional, em que prevalecem a visão estruturalista e comportamentalista da linguagem que, muitas vezes, não leva em conta o aspecto social e interacional das práticas linguísticas. Nessa abordagem, o *prompting* é entendido como um fenômeno fornecido pelo terapeuta, sendo a resposta do afásico considerada uma reação comportamental ao estímulo.

Reconhecemos a importância de alguns dos testes e procedimentos avaliativos que se propõem a identificar e discorrer acerca das dificuldades de ordem linguística apresentadas pelos pacientes com alterações de linguagem, buscando alternativas terapêuticas entre os estímulos que se mostram produtivos para tal finalidade.

Contudo, o intuitivismo do enfoque e mesmo das técnicas terapêuticas deixam de compreender a natureza linguística e cognitiva do fenômeno, bem como a forma como os indivíduos dele lançam mão de forma estratégica e processual. Afinal, o *prompting* se deixa a ver em situações comunicativas, interacionais. Assim pensando, apostamos na análise mais

aprofundada do fenômeno e, a partir daí, nos trabalhos que seguem linhas teóricas de base mais sócio-interacionista.

As pesquisas e discussões linguístico-interacionais realizadas no terreno das afasias e outras alterações de linguagem permitem, como bem assinala Morato (2008), que possamos entender melhor também questões relacionadas à organização da linguagem não-patológica, bem como estabelecer as relações não apenas de exclusão entre o normal e o patológico.

Assim, nosso propósito de empreender um estudo linguístico-interacional do *prompting* verbal (oral e escrito), bem como de verificar seus ganhos explicativos para o contexto das afasias surge da imprecisão conceitual do fenômeno, em geral tomado apenas como “*um auxílio para a inclusão automática de uma palavra, especialmente em tarefas em que devem completar ou concluir uma frase*” (Benson & Ardilla, 1998, p.158). Via de regra, nesses estudos, o terapeuta fornece ou estimula o *prompting* oral ou escrito com vistas à produção do paciente. Nessa acepção, perdem-se de vista vários aspectos do fenômeno, como, por exemplo, seu caráter linguístico-interacional, sua relação com a fluência oral e seu aspecto estruturador e reorganizador do tópico conversacional e do discurso.

O presente trabalho tem como objetivo qualificar e caracterizar a emergência do *prompting* na linguagem de afásicos em meio às atividades interativas desenvolvidas no Programa de Linguagem de um dos grupos do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), localizado no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP). *Grosso modo* o *prompting* é entendido como uma pista articulatória isto é, execução, pelo interlocutor, do primeiro gesto ou das primeiras seqüências de gestos que compõem as primeiras sílabas da palavra requerida. Ao tomá-lo como fenômeno a ser analisado, pretendemos definir melhor os contornos conceituais do *prompting*, em suas diversas configurações e modalidades, descrevendo as condições e o contexto linguístico-interacional propício à sua ocorrência.

Nesse sentido, enfatizamos a importância de nos determos também na reflexão sobre a produção de linguagem em interação, tomando por base no campo da Neurolinguística uma perspectiva sócio-interacional (ou sócio-cognitiva) de inspiração vygotskyana. Neste quadro teórico, a linguagem e a interação são essenciais na constituição e organização da cognição humana.

Como ressalta Morato (1996, 2007), tomando por base as reflexões sobre a sociogênese da cognição humana e o papel epistemológico reservado à linguagem e à interação desenvolvidas por Vygotsky (1934/1987), é nas ações sociocognitivas - isto é, nas múltiplas e diversas experiências simbólicas e práticas sócio-culturais - que emergem as significações verbais e não verbais. Tal abordagem privilegia as relações sociais instauradas pelos interlocutores mediante os recursos linguísticos e cognitivos de que dispõem e salienta a presença de semioses co-ocorrentes (simultâneas e solidárias entre si) em nossa tarefa de compreensão e interpretação do mundo (MORATO, 2007).

A presente tese está subdividida em 7 (sete) capítulos. No primeiro capítulo, realizamos uma introdução sobre o tema pesquisado com a apresentação da nossa proposta de estudo, bem como a sua justificativa. O capítulo segundo é dividido em 4 (quatro) partes. Realizamos, nesta sessão, uma inserção no campo da Linguística, explorando, a partir de diferentes abordagens metodológicas, categorias linguísticas assemelhadas ao fenômeno aqui investigado, que possam convergir na explicação e entendimento do nosso objeto de análise. Na primeira parte, fazemos uma introdução sobre a inserção e importância dos estudos afasiológicos no campo da Linguística. Posteriormente, discutimos, os limites do ponto de vista das abordagens essencialmente cognitivistas do fenômeno. Na terceira parte do capítulo, dedicamo-nos à explicação das categorias linguísticas utilizadas, a partir de uma perspectiva interacional da linguagem e da cognição, na qual se situa a orientação metodológica que norteia este trabalho. Ao final do capítulo, para concluir, refletimos acerca do estatuto linguístico-interacional do *prompting*, procurando levantar vantagens de nossa proposta analítica para a compreensão do fenômeno e suas implicações teóricas e práticas, tanto no campo investigativo, quanto no terapêutico.

No terceiro capítulo, realizamos um aprofundamento sobre o tema principal desta pesquisa, o *prompting*, mais especificamente, em seu contexto clínico, onde é comumente utilizado face ao tratamento de dificuldades de linguagem. No subitem 3.1, realizamos uma revisão bibliográfica a respeito da concepção e uso do termo no contexto clínico. No subitem seguinte, aprofundamos a discussão do fenômeno no campo da linguagem em seus diversos formatos, porém, mais especificamente, entre os afásicos. No subitem 3.3, discorreremos, brevemente, sobre as afasias e sua semiologia, principalmente no que se refere aos sintomas de linguagem que reclamam a utilização da estratégia linguística do *prompting*.

O quarto capítulo aborda questões metodológicas relativas à execução desta pesquisa. Iniciamos essa seção retomando a problematização e os objetivos do trabalho, bem como as justificativas ou motivações para a sua realização. Em seguida, apresentamos o local em que foi realizada a coleta dos dados, o Centro de Convivência de Afásicos, caracterizando o seu funcionamento e a maneira como realizamos a escolha dos dados, bem como os quadros afásicos dos sujeitos.

O capítulo 5 (cinco) é dividido em duas partes e diz respeito à análise dos dados. Na primeira parte, procedemos à apresentação dos dados que constituem o *corpus*, isto é, os extratos conversacionais e, além disso, a descrição do contexto em que emergiram os fenômenos linguísticos em suas diferentes configurações. A segunda parte do quinto capítulo diz respeito aos resultados alcançados na pesquisa, bem como a discussão e reflexão em torno da constituição do *corpus*.

No sexto e último capítulo, abordamos, a partir dos achados da pesquisa, as implicações teóricas e terapêuticas do fenômeno, tomando por base uma abordagem sociocognitiva da linguagem e da observação a respeito da importância de uma análise linguístico-interacional do *prompting* para uma melhor compreensão não só das afasias, como da linguagem não patológica. Neste capítulo, realizamos ainda algumas discussões sobre os achados da pesquisa e a tipologia de *prompting* proposta no escopo do estudo. Além disso, refletimos sobre questões-chave surgidas no decorrer da análise do fenômeno, como aquelas relacionadas às dicotomias fluência x disfluência, bem como competência x incompetência. E, por fim, discorreremos sobre a importância da análise do *prompting* para que se compreenda melhor questões relacionadas aos fenômenos conversacionais, bem como as atividades interacionais de uma forma geral.

CAPÍTULO 2

DOS ESTUDOS NEUROLINGUÍSTICOS RELATIVOS AO *PROMPTING*: CONTRIBUIÇÃO DO SOCIOCOGNITIVISMO INTERACIONAL

2.1 Introdução

Considerar as questões de linguagem apenas sob um único ponto de vista é ter uma visão reducionista do processo e nos leva inevitavelmente às dicotomias que perpassam as discussões em torno das afasias e seus fenômenos linguísticos, como podemos facilmente pontuar como exemplo os debates sobre as questões internas x externas da linguagem. A separação entre o externo e o interno, presente nas ciências cognitivas clássicas, enfatizam Koch e Cunha-Lima (2007, p. 278), é questionada também em outros aspectos, principalmente na separação entre fenômenos mentais e sociais.

De acordo com Koch e Cunha-Lima (2007, p.254):

Os cognitivistas clássicos se preocupam fundamentalmente com aspectos internos, mentais, individuais, inatos e universais do processamento linguístico e que o outro grupo (que não se pode reunir sob um único nome, mas que reúne sociolinguistas, etnolinguistas, analistas do discurso, pragmaticistas, entre outros) está fundamentalmente preocupado com aspectos externos, sociais e históricos da linguagem. No entanto, nos últimos anos têm crescido os debates e pesquisas que compreendem os fenômenos cognitivos em geral, e a linguagem em particular, como fenômenos capazes de oferecer modelos da interação e da construção de sentidos cognitivamente plausíveis ou cognitivamente motivados e, ao mesmo tempo, como fenômenos que acontecem na vida social.

Tendo em vista o exposto, é proposta neste trabalho uma visão que leve em conta tanto os aspectos sociais, como os cognitivos da linguagem, isto é, uma abordagem sociocognitivista de inspiração, principalmente, vygotskiana, baseada no pressuposto básico de que a linguagem e a interação são essenciais na constituição e organização da cognição humana.

Morato (2007, p.18) chama atenção para o fato de que “*no campo da Linguística, a perspectiva sociocognitivista que podemos encontrar em seus vários domínios (Linguística*

Cognitiva, Linguística Enunciativa, Análise da Conversação, Linguística Textual, Neurolinguística) agrega aspectos sócio-culturais, linguísticos e multimodais à compreensão da problemática cognitiva, centrada na hipótese segundo a qual os processos cognitivos humanos se constituem em sociedade e no curso das interações e práticas sociais”.

A alternativa aqui seguida, postula Marcuschi (2007, p.61), tem por base a hipótese sociocognitiva do conhecimento; neste caso, vai-se da investigação de processos gerais e abstratos para a análise de atividades situadas. Neste contexto teórico, afirma o autor, os seres humanos são vistos como *sujeitos linguísticos* e o problema é como dar conta da produção e distribuição do conhecimento nas atividades linguísticas conjuntas desses sujeitos como seres sociais. O problema é explicar como é possível compreender-se e *produzir sentidos públicos* através do ‘uso’ da língua como realidade simbólica (grifos do autor).

A abordagem sociocognitiva, de acordo com Morato (2007),

incorpora aspectos socioculturais e linguístico-interacionais à compreensão da problemática cognitiva, investindo no domínio empírico com base na hipótese de que nossos processos cognitivos se constituem em sociedade e no decurso das interações e práticas sociais (isto é, não são essencialmente individuais e inatas) e na hipótese de inspiração vygostskiana segundo a qual não há possibilidades integrais de linguagem fora de processos interativos humanos. Além de ser um fenômeno social (portanto, não descarnada de seus usuários e de suas condições materiais de vida em sociedade), a cognição – tomada sempre em inter-ação – é também situada local e historicamente, sendo sua constituição e funcionamento estabilizados e reorganizados nessas circunstâncias, compartilhadas de algum modo e por meio de ações conjuntas e coordenadas pelos sujeitos (MORATO, 2007, p.43).

Nesta abordagem, acrescenta Morato (2007), configura-se um conjunto de questões ligadas a todo tipo de produção linguística que é considerada material interativo: práticas, estratégias e operações languageiras, dinâmicas de trocas conversacionais, comunicação verbal e não-verbal, construção de valores culturais, atividades referenciais e inferenciais realizadas pelos falantes, normas pragmáticas que presidem a utilização da linguagem etc.

Como ressalta a autora (MORATO, 2007, p.10) a respeito das relações mutuamente

constitutivas entre linguagem e cognição, tomando por base Vygotsky (1934/1987), é nas ações sociocognitivas - isto é, nas múltiplas e diversas interações humanas - que emergem as significações verbais e não verbais. Tal abordagem privilegia as relações sociais instauradas pelos interlocutores mediante os recursos linguísticos de que dispõem e salienta a presença de semioses co-ocorrentes (simultâneas e solidárias entre si) em nossa tarefa de compreensão e interpretação do mundo, realizada, como afirma Marcuschi (2005, p.69) dentre outros, em meio a *versões públicas da realidade*, em meio à negociação pública de pontos de vista, ajustes, acordos, desacordos, *etc.*, enfim, em diferentes práticas com linguagem, em variados contextos sociais.

Para que fique bem estabelecida a linha teórica que optamos por seguir, é importante que explicitemos as diversas abordagens em que identificamos fenômenos assemelhados ao ora investigado e o modo como são analisados esses processos para que possamos articular os debates e formular questionamentos adequados acerca da estratégia de linguagem que está sendo aqui investigada, principalmente, pela opacidade ainda existente em relação a sua conceituação e à descrição de seu funcionamento, como já pôde ser percebido no capítulo introdutório desta tese.

Neste capítulo, enfatizaremos diferentes linhas de pesquisa que se debruçam em pesquisas e estudos na tentativa de explicar de forma mais precisa as questões envolvidas na produção da linguagem e no seu processamento de forma geral. Aliadas a essas questões, focaremos também nos estudos afasiológicos desenvolvidos no campo da linguística, uma vez que, como aponta Morato (2007, p.06), “*os dados de instabilidade relativos à linguagem – como os dados de afasia – têm-se mostrado de fato instigantes para o estudo das relações entre linguagem e cognição, como bem preconizou Jakobson nos 1950*”.

Inaugurando a entrada sistemática da Linguística nos estudos das afasias, Jakobson (1954) destaca a importância dessa disciplina para uma adequada descrição e melhor compreensão dos fenômenos que ali ocorrem. Esse autor, lembramos, foi o primeiro a realizar uma análise dos distúrbios afásicos utilizando critérios essencialmente linguísticos. Jakobson rompeu com a tradição de tomar a afasia de forma psicológica ou meramente mental, comum na antiga Afasiologia, assumindo o ponto de vista de que só se pode

entender a linguagem "em funcionamento" e compreendendo as suas distintas funções, e não apenas a partir do sistema linguístico *stricto sensu*.

Hebling (2007), ao realizar uma investigação sobre os estudos de Jakobson sobre a afasia, chama atenção para uma aproximação teórica indireta entre o estruturalismo peculiar de Jakobson e perspectivas sócio-cognitivas atuais dedicadas aos estudos da linguagem e da afasia, pautando-nos pelas diferentes aplicações da idéia de *multi-funcionalidade* linguística, que remete aos postulados humboldtianos que *grosso modo* observam a língua como modo de atividade.

Morato (2006, p.157), ao comentar a respeito da influência de Jakobson no estudo das afasias a partir do ponto de vista da Linguística, acrescenta que:

Ao se dedicar às afasias, Jakobson estava, na verdade, interessado em construir uma teoria geral da linguagem, uma teoria que a explicasse no seu todo: aquisição, funcionamento, estrutura, alterações etc. Justamente por ferir a norma, a gramaticalidade, os padrões estruturais e funcionais da língua, as afasias dariam solidez empírica à sua teorização sobre o funcionamento da linguagem de um modo geral. A partir dessa primeira incursão linguística, passou-se a acreditar que os linguistas e a Linguística em muito contribuiriam para uma melhor descrição da semiologia e do diagnóstico das afasias.

O estudo da afasia, acrescenta Morato (2010, p.26), tem sido fundamental não apenas para o diagnóstico, mas também para o conhecimento da estrutura e do funcionamento da linguagem, uma vez que as dissociações e seletividades que ela indica permitem elaborar hipóteses que a observação do processamento normal não faz mais do que apenas sugerir.

No plano da pesquisa neurolinguística, estudam-se as afasias não apenas por meio de testes-padrão com fins diagnósticos ou por neuroimagens, mas, especialmente, por meio de protocolos não fechados de investigação, e também por observação e análise do contexto de uso da linguagem (MORATO, 2010, p.27).

Tendo em vista essa breve introdução a respeito da inserção e do interesse dos estudos afasiológicos para a Linguística focalizamos agora a discussão de aspectos

específicos do *prompting* e os processos de linguagem a ele relacionados a partir de diferentes linhas teóricas no campo, suas peculiaridades e congruências.

2.2 Abordagens cognitivistas da produção de linguagem

Nesta seção, nos dedicaremos de forma mais aprofundada ao tratamento dos fenômenos de linguagem e sua produção propriamente dita, tendo como pano de fundo os estudos e diferentes abordagens cognitivistas. As questões de ordem puramente cognitivas no tratamento dos processos de linguagem, apesar de divergentes em muitos aspectos da linha teórica por nós adotada, permite que façamos algumas relações para uma abordagem mais completa do fenômeno ora investigado.

A produção de linguagem é concebida, na maior parte dos modelos de produção, como uma atividade complexa que envolve processamento de informação em diferentes níveis ou estágios (GARRETT, 1976, 1980, 1988; LEVELT, 1989; BOCK e LEVELT, 1994). Para o desenvolvimento desses modelos, os estudos e pesquisas para explicação dos mecanismos envolvidos na produção da palavra falada, que tomam por base a perspectiva cognitivista, analisam, principalmente, os desvios de fala e outras técnicas experimentais de produção da palavra falada.

Garrett (1976, 1980) defende a existência de cinco níveis de processamento da fala, cuja característica principal do modelo é o fato desses processos serem considerados independentes. O primeiro nível corresponde ao nível da mensagem que representa a intenção do sujeito de falar, correspondendo, portanto, à seleção da informação relevante a ser transmitida; o segundo nível, o nível funcional, consiste na seleção das palavras/conceitos que transmitem a informação pretendida, correspondendo, deste modo, ao processo de lexicalização; o nível três, chamado nível posicional, refere-se ao planejamento sintático, responsável pelo posicionamento correto de cada palavra na frase; no nível seguinte, todas as palavras são transformadas em representações fonológicas, considerando-se, assim, o nível do som; e, por último, tem-se o nível articulatorio que consiste na ativação dos músculos periféricos do sistema articulatorio para a produção propriamente dita dos sons em sua sequência correta. De acordo com o autor, o processamento é serial e não existe interação entre cada um desses estágios, isto é, durante

o processamento de cada nível, somente um processo está sendo executado.

Com base nos trabalhos de Garrett (1976, 1980), Levelt (1989), propôs um modelo serial de produção de fala que consiste fundamentalmente em três estágios subseqüentes: o conceituador, o formulador e o articulador. No conceituador ocorre a geração da mensagem. No formulador, a mensagem é codificada sintática e fonologicamente. No articulador, a fala está preparada para a execução, ou seja, para tornar-se discurso externo. O modelo inclui o chamado auto-monitoramento, realizado pelo sistema de compreensão da fala. Esse sistema analisa tanto o discurso externo quanto o interno e é a análise deste último que permite ao falante detectar erros e corrigi-los antes que ocorra a efetiva articulação. O monitoramento da própria fala ou da fala alheia fornece ao falante as restrições (*constraints*) ao que será produzido a seguir, seja esta produção um novo enunciado qualquer, como uma resposta a uma pergunta, ou então, a correção de um problema identificado por um dos interlocutores (LEVELT, 1983). De acordo com Hebling (2009), em sua pesquisa sobre a reformulação em afásicos, estudos sobre as hesitações e pausas no fluxo da conversação indicam que esses comportamentos de monitoramento variam em sua duração dependendo da predicabilidade contextual de uma palavra. Esses achados sugerem que essas pausas podem caracterizar dificuldades momentâneas para o acesso lexical. A transferência e a reutilização de elementos estruturais das formulações anteriores a uma correção, segundo Levelt, possibilitam ao falante um ganho na fluência e no estabelecimento de coerência discursiva em benefício do interlocutor.

Um modelo relacionado às questões do acesso lexical, conseqüentemente, relacionado à questão da produção verbal, foi aquele proposto por Dell (1986) e Dell e O'Seaghdha (1991), conhecido como modelo de ativação interacional da palavra falada. Consiste em uma rede estrutural que possui três níveis de representação: traços semânticos, nodos lexicais e nodos fonológicos. Um feixe de traços semânticos representa um conceito. O modelo postula que o acesso lexical ocorre quando as conexões entre os traços semânticos e os nodos lexicais estão enfraquecidas, diminuindo a ativação dos nodos lexicais pelos traços semânticos. Conseqüentemente, a ativação dos nodos fonológicos é menos provável que aconteça e o acesso lexical não ocorre. Portanto, a seleção do *lemma*¹

¹Nível intermediário de representação das palavras, em que as mesmas são especificadas nos níveis sintático e semântico, mas não no nível fonológico (PARENTE E COLS, 2006, p.134).

mantém-se incompleta quando o acesso falha.

O modelo descrito é contrário ao sistema modular de acesso ao léxico proposto por Levelt *et al* (1991) e os outros teóricos que apresentam modelos modularistas da produção de fala. Este modelo sugere que o acesso ao léxico acontece em duas etapas independentes. Quando evocamos uma palavra, primeiramente acessamos o nível semântico, em que as palavras são representadas na forma de *lemmas*, para somente depois passar a um nível intermediário. Durante o acesso do *lemma*, as informações semânticas são ativadas e as fonológicas não. E de maneira oposta, no acesso fonológico as informações fonológicas são acionadas, mas as semânticas mantêm-se inativas. Os *lemmas* são especificados no nível sintático e semântico, mas não no nível fonológico. Após a seleção do *lemma* (seleção lexical), o sistema deve selecionar as formas fonológicas dessa palavra no estágio de codificação fonológica. Quando ocorre a ativação fonológica da palavra, é o *lexema* da palavra que é acionado.

Whitworth, Webster e Howard (2005) sugerem um modelo de produção da palavra falada durante a nomeação de figuras e objetos. Os autores apontam que existem quatro estágios principais que estão envolvidos na recuperação das palavras que são: o sistema semântico (o armazenamento de significado de palavras que são ativados em resposta a uma idéia ou conceito), o léxico fonológico de saída (armazenamento da palavra na forma falada: promove o acesso para a forma falada da palavra), estrutura fonológica (que gera uma sequência métrica de fonemas para a produção), programação articulatória (converte o fonema em movimentos articulatórios) e, por fim, tem-se a fala articulada.

De acordo com os autores, a produção da fala de uma forma geral é caracterizada por anomias, com falhas e atrasos na recuperação da palavra. Erros semânticos são produzidos tanto nas atividades de nomeação de fala quanto de escrita. Quando os sujeitos com dificuldades de nomeação decorrente de uma alteração no sistema semântico recebem auxílio de ordem fonêmica para uma associação semântica, esses podem produzir uma palavra semanticamente associada à palavra-alvo (HOWARD E ORCHAND-LISLE, 1984).

Esses modelos de produção de fala e acesso lexical baseados nos erros de fala, experimentos e tarefas de nomeação nos fornecem algumas informações a respeito desse processamento, mas, ao mesmo tempo, deixam de lado questões cruciais pertinentes ao ato

de linguagem propriamente dito, como as interações e os aspectos sociais envolvidos nessas atividades. Apresentam uma abordagem abertamente internalista das questões da linguagem, uma vez que se preocupam essencialmente com a explicação do processo de tradução do pensamento, dos conteúdos internos à fala articulada, na qual estão implicados processos cognitivos, linguísticos e motores apenas.

Partindo para uma visada mais social dos aspectos linguísticos e afastando-se dos modelos essencialmente cognitivistas de produção de fala, convocamos Luria (1986), neuropsicólogo estudioso das questões de linguagem, quando este discorre sobre a organização das palavras faladas em uma rede semântica. O autor postula que a palavra converte-se em elo ou nó central de toda uma rede de imagens por ela evocadas e de palavras “conotativamente” ligadas a ela. Aquele que fala ou que escuta contém, inibe, toda esta rede de palavras e imagens evocadas pela palavra, para poder escolher o significado imediato ou denotativo no caso ou situações dadas.

O autor destaca a importância dos métodos associativos para o estudo da organização das redes semânticas e esclarece que medir a velocidade da reação também pode dar indícios da sua organização, uma vez que palavras mais complexas levam mais tempo para que se acesse uma palavra associada. Uma das variantes do método associativo – as associações livres – indica que as redes semânticas podem estar determinadas por processos cognoscitivos – de caráter situacional ou conceitual – ou por processos afetivos, às vezes por tendências encobertas ou por vivências.

Se cada palavra evoca um campo semântico, isto é, está unida a uma rede de associações que aparece involuntariamente, é fácil verificar que a recuperação de palavras ou a denominação de objetos de nenhuma forma é a simples atualização de uma palavra. Tanto a recuperação de uma palavra como a designação de um objeto são um processo de escolha da palavra necessária dentre todo um complexo de enlaces emergentes e ambos os atos são, por sua estrutura cognitiva, muito mais complexos do que se costumava acreditar (LURIA, 1986, p.88).

Os limites de uma perspectiva cognitivista para uma análise de dados de linguagem reside, como aponta Koch e Cunha-Lima (2007, p.269), na inadequação de alguns pressupostos básicos como a radical separação entre mente e corpo, entre processo interno, individual e processo externo, social, e a cognição como sistema de representação

simbólica.

Concordamos com as autoras acima citadas quando essas afirmam que entender o funcionamento da linguagem exige observar essa língua em funcionamento, observar como os falantes constroem sentido com ela, como se engajam em atividades usando a língua como uma forma de mediação. Além disso, é necessário considerar o contexto mais imeditato de uso da língua e as relações desses usos linguísticos com as condições mais gerais de produção, tais como a visão de mundo e as práticas sociais e culturais dos falantes. Uma visão que incorpore aspectos sociais e culturais à compreensão que se tem do processamento cognitivo pode integrar o fato de que existem muitos processos cognitivos que acontecem na sociedade e não exclusivamente nos indivíduos.

Tendo em vista essas ponderações, apresentamos brevemente nesta sessão algumas abordagens que tratam das questões de linguagem e produção de fala a partir de diferentes postos de observação. Como nesta tese estamos interessadas nos processos linguístico-interacionais propriamente ditos, procuramos explorar uma alternativa explicativa às abordagens tradicionais do fenômeno em questão, alternativa esta baseada na premissa de que “não há possibilidades integrais de processos ou conteúdos cognitivos fora da linguagem e nem linguagem fora de processos interativos humanos” (Cf. MORATO, 2012, p.45).

Sendo assim, a partir de uma perspectiva sociocognitiva ou interacionista, é enfatizada no terreno de nossos interesses analíticos e orientação metodológica a inseparabilidade entre os processos linguísticos e cognitivos imbricados, essencialmente, às situações de interação.

2.3 Das abordagens interacionais/conversacionais da linguagem

Nos estudos do campo da Linguística é possível, a partir das pesquisas sobre o texto falado, sobretudo a partir dos estudos textuais e conversacionais, descrever e analisar a presença de características linguísticas assemelhadas funcionalmente ao fenômeno descrito na literatura clínica como *prompting*. Tais categorias linguísticas apresentam, como procuraremos assinalar, características muito semelhantes as do fenômeno aqui investigado,

como a colaboração do interlocutor na busca de palavras, a co-construção do texto falado, as estratégias de reformulação, o planejamento e o acabamento de sentenças.

Em grande parte dos estudos que serão mencionados nesta seção, podemos perceber regularidades quanto aos momentos interativos em que ocorrem as estratégias de *prompting*. Goodwin & Goodwin (1986), por exemplo, compreendem as buscas de palavras como atividades. De acordo com os autores (1986, p.52),

As activities, word searches provide organization for a wide range of vocal and non-vocal phenomena, including both stereotypic and nonstereotypic gestures, and second, that participants attend to such phenomena because they are part of currency through which appropriate coparticipation in the activity is displayed and negotiated.²

Abordando as atividades de busca de palavras e das estratégias a elas relacionadas, os autores questionam: como os sujeitos da conversação reconhecem que um momento de procura de palavra está em progresso? Para tentar responder a essa questão, remontam a Sacks, Schegloff & Jefferson (1974, p. 702), que perceberam uma propriedade das estruturas básicas utilizadas para produzir a fala em meio às conversações, estruturas essas denominadas turnos conversacionais, que permitem “uma projeção da unidade conversacional em construção e que, aproximadamente, servirá como opção de unidade a ser completada”.

Caracteristicamente, em uma busca de palavras, a unidade conversacional é interrompida após seu início, mas antes de ter sido finalizada. Este ponto de interrupção é, frequentemente, marcado por uma variedade de perturbações de fala, com características não-lexicais, chamadas hesitações, como, por exemplo, os alongamentos vocais e “uh’s” que podem assinalar um início de um auto-reparo, parte do processo da recuperação de um item lexical.

No caso da ocorrência das hesitações, detecta-se uma interrupção no fluxo informacional, devido a uma dificuldade de seleção de um ou mais termos do enunciado,

² Como atividades, as buscas de palavras fornecem organização para uma ampla gama de fenômenos verbais e não-verbais, incluindo tanto os gestos estereotipados como os não-estereotipados, e também os participantes fazem uso do fenômeno porque são parte da atividade interativa em que a co-participação apropriada acontece e é negociada.

resultando um enunciado ainda não concluído do ponto de vista da organização sintagmática (Cf. FÁVERO, ANDRADE E AQUINO, 2006, p.261).

Sobre o fenômeno da hesitação, Marcuschi (2006, p.48) postula que este é intrínseco à competência comunicativa em contextos interativos de natureza oral, e não uma disfunção do falante. De acordo com o autor,

a hesitação desempenha papéis importantes na fala: papéis formais, cognitivos e interacionais. É uma atividade textual-discursiva que atua no plano de processamento e não no da formulação textual. Além disso, a hesitação não se acha aleatoriamente distribuída na estrutura organizacional do enunciado, mas obedece a alguns princípios gerais de distribuição e serve também como indicação de organização sintagmática da língua.

Assim, o autor explica que o papel da hesitação é muito mais o de sugerir os sintomas de um processamento em curso do que o de propor alternativas de formulação textual-discursiva, isto é, as interrupções hesitativas funcionam como indícios ao interlocutor de que o falante encontra-se em um momento de processamento linguístico e, dessa maneira, este pode realizar intervenções e/ou aguardar algum tipo de auxílio para o fechamento do segmento discursivo.

De acordo com Marcuschi (2006, p.69), as hesitações exercem dois grandes papéis formais: indicação de orientação/reorientação de seleções sintagmáticas e atividade de busca/confirmação de seleções lexicais. No primeiro caso, trata-se de um indicador da busca de um item lexical com a antecipação de um elemento que lhe convém, ou seja, refere-se ao prenúncio de uma correção; no segundo caso, diferentemente, ocorre que ainda não foi encontrado o item que se buscava, é uma tentativa de preenchimento, que seria o caso das buscas e recuperação de palavras. Assim, podemos dizer que os papéis da hesitação estão nas atividades de construção de estruturas e de identificação de referentes.

Em virtude do que isto ocasiona ao momento da conversação, uma interrupção como esta torna visível não apenas o fato de a palavra não estar disponível, mas uma relevante indisponibilidade que impede o processamento e o fluxo conversacional que não permite que o sujeito dê continuidade ao preenchimento inicialmente projetado. No entanto, a hesitação pode ter motivações discursivas, preservando a fluência, já que a fala, mesmo

com essas interrupções, pode continuar fluente. Sobre isso, Marcuschi (2006) conclui que dadas as funções que a hesitação desempenha no intercâmbio comunicativo, não é consistente a idéia de que a hesitação seja uma simples descontinuidade da fala. O texto falado, em sua materialidade, pode ser visto como uma pista relevante para a observação tanto das estratégias de formulação como das atividades verbais nos aspectos formais, interacionais e cognitivos.

Esta característica da língua falada refere-se, então, “aos procedimentos adotados pelos falantes para resolverem os problemas que surgem devido ao processamento *on-line* de formas e conteúdos” (MARCUSCHI, 1999, p.163), como é o caso das buscas por palavras.

Apresentamos abaixo um exemplo, extraído dos dados aqui selecionados³, que ilustra a atividade acima explicitada. No exemplo, há uma série de elementos hesitativos que ocorrem em momento de busca de palavras por parte de um falante afásico.

AphasiAcervus (10/09/2009)

01 HM deu pra entender tudo?
02 RL sim mas **eh:: ah erm eh:** (3s) a escrita...num num sei **se:**

O reparo, outra categoria lingüística estruturante das atividades de conversação, também se insere no rol dos fenômenos que apresentam aspectos funcionais relacionados e/ou que promovem o *prompting*.

Ao falarmos de reparo e propormos esta relação com o *prompting*, é importante que façamos uma pequena digressão para explicá-lo melhor, até mesmo para esclarecer e ampliar as suas relações com a estratégia de correção que se distancia um pouco em termos conceituais e funcionais do fenômeno aqui investigado. Para tanto, trazemos à tona o arrazoado feito por Schegloff, Jefferson & Sacks (1977) sobre o tema:

Some occurrences, clearly in the domain with which we are concerned, do not involve the replacement of one item by another. For example, a “word search”, which can occur if an item (e.g. a

³ A transcrição completa do dado e sua contextualização podem ser visualizados nos anexos, ao final deste texto.

word) is not available to a speaker when “due”, is in the domain which we address, but is not a “replacement” or a “correction”.⁴

Já corrigir, de acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2006, p.258), é produzir um enunciado linguístico (enunciado-reformulador – ER) que reformula um anterior (enunciado-fonte – EF), considerado “errado” aos olhos de um dos interlocutores. Segundos os autores, a correção é claramente um processo de reformulação retrospectiva. Diferente da hesitação, processo citado anteriormente, que é produzida prospectivamente.

Por outro lado, o reparo designa uma prática mais abrangente, que tem como objetivo a resolução de qualquer problema que apareça na interação em curso. Nesse caso, é possível considerar a correção como um subtipo de reparo (Cf. SCHEGLOFF, JEFFERSON e SACKS, 1977).

Dessa maneira, no caso do reparo em si não ocorre unicamente uma substituição ou correção de palavras, uma vez que quando há essa indisponibilidade, como no caso da busca/recuperação de palavras, a sequência pode se desenvolver em direção ao acesso lexical propriamente dito. Na correção, uma seleção inadequada já se efetivou, ou seja, o enunciado já foi concluído do ponto de vista sintagmático. No caso do reparo, não há erro ou engano para ser corrigido porque o problema reside em ter acesso ao léxico para evocar.

Segue dado ilustrativo da estratégia de reparo em conversação entre afásico e não-afásico:

AphasiaAcervus (10/09/2009)

25	RL	=é que é:: ainda é::um é::
26	HM	que ainda é difícil

Nos casos de reparo, esses podem ser caracterizados como auto-reparos ou hetero-reparos, isto é, o início ou complemento dos segmentos reparadores, sejam eles efetivos ou não, podem ter formas distintas. Por exemplo, aquele que realiza um reparo não é, necessariamente, o sujeito que iniciou a operação reparadora, neste caso teríamos um

⁴Algumas ocorrências, claramente fazendo parte do domínio em que estamos interessados (*reparos*), não envolvem a substituição de um item por outro. Por exemplo, em uma “busca de palavras”, a qual pode ocorrer se um item (ex. “uma palavra”) não está disponível para o sujeito quando deveria estar, mas não se trata de uma “substituição” ou “correção”.

hetero-reparo. No auto-reparo, o falante que iniciou o processo de reparo vai, ele mesmo, finalizá-lo.

Ferguson (1992, p.299), ao estudar o reparo em conversações entre afásicos e não-afásicos, reconhece o fato de que, em momentos de lapsos e esquecimentos, o falante é provido de auxílio do seu interlocutor. A autora identifica o fenômeno também em estudos realizados com aprendizes de língua estrangeira, bem como em conversação entre falantes não-afásicos.

As word-finding difficulty is the most prominent characteristic of aphasia (BENSON, 1979), it is not surprising that conversation partners frequently supply words for aphasic people (LUBINSKI, DUCHAN, & WEITZNER-LIN, 1980). Strategies to assist this process have been targeted in therapy (FLOWERS & PEIZE, 1984; GOLPER & RAU, 1983). However, research on conversations between second-language learners and native speakers shows the same phenomenon (CARTER, 1988; DAY, CHENOWETH, CHUN & LUPPESCU, 1984; GIACOBBE & CAMMAROTA, 1986), as does research on conversation between normal speakers (TANNEN, 1989)⁵.

Lubinski, Duchan & Weitzer-Lin (1980, p.113), ao analisarem conversações entre afásicos e seus parceiros, propõem oito tipos de reparos que concorrem para a resolução de problemas de evocação e retorno ao tópico, dentre eles estão as estratégias de *hint* e *guess* (ou hipóteses), as mais utilizadas entre os sujeitos afásicos. Segundo as autoras, o primeiro envolve três subtipos de pistas: as pistas verbais (pistas sonoras e táticas de completamento de sentenças), pistas gestuais (apontar) e mudança na modalidade da pista (quando as pistas eram transformadas do modo verbal para o modo escrito ou vice-versa); a estratégia de *guess* envolve a apresentação de um conjunto restrito de respostas a partir das quais o reparo (a palavra pretendida) pode ser formulado. As autoras mencionam ainda as seguintes estratégias: perguntas iniciadas com QU-, correções e rejeições, repetições, enunciados sociais tangenciados, aproximações fonológicas e os reforços positivos.

⁵ Como as dificuldades de encontrar palavras são consideradas uma das características mais proeminentes da afasia (BENSON, 1979), não é surpresa que os parceiros conversacionais forneçam frequentemente palavras para as pessoas afásicas (LUBINSKI, DUCHAN & WEITZNER-LIN, 1980). Algumas tarefas para promover essas estratégias foram focadas em terapias (FLOWERS & PEIZE, 1984; GOLPER & RAU, 1983). No entanto, pesquisas conversacionais realizadas entre aprendizes de segunda língua apresentam o mesmo fenômeno (CARTER, 1988; DAY, CHENOWETH, CHUN & LUPPESCU, 1984; GIACOBBE & CAMMAROTA, 1986), assim como pesquisas conversacionais entre falantes “normais” (TANNEN, 1989).

Em relação às estratégias de *guess*, Oelschlaeger & Damico (2003) também as consideram uma estratégia facilitadora nos momentos de dificuldade de encontrar palavras. De acordo com os autores, a *guess* é uma estratégia importante na conversação, pois quando o interlocutor oferece uma palavra como “guess”/hipótese, o afásico é selecionado como próximo falante. Dessa forma, ao fazer um questionamento, o interlocutor socialmente identifica o sujeito afásico como competente para entender a necessidade de promover uma resposta àquela pergunta e ser linguisticamente capaz de o fazer.

Laakso (2003) pondera também sobre o fato de falantes sem dificuldades de linguagem fazerem uso de algumas estratégias linguístico-interacionais em momentos de procura de palavras, como, por exemplo, quando direciona a procura para o seu interlocutor.

Além do reparo, são citadas ainda as estratégias de repetição que também colaboram para a estruturação, resolução de problemas e manutenção da fluência durante os eventos comunicativos.

Tagliaferre (2008, p.27) menciona que, no campo das afasias, a repetição também está associada à dificuldade de encontrar palavras, ao problema de acesso ou processamento lexical, a alterações sintáticas, aos problemas de ordem mnésica ou fonarticulatória. Nesse caso, é também uma categoria linguística importante para o nosso trabalho, uma vez que o fenômeno de *prompting* vai ocorrer, usualmente, durante esses momentos do processamento da linguagem.

De acordo com Marcuschi (1992, p.31), a repetição refere-se à produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo. Na perspectiva do autor, o fenômeno de linguagem presente nas interações em língua falada é parte importante do próprio texto que se está elaborando. Trata-se de processamento e produção realizados no tempo real.

Tannen (1989, p. 48), outra importante estudiosa do fenômeno em questão, afirma que a repetição serve ao falante para que se produza um maior volume de linguagem com mais facilidade e fluência. Com a repetição, a produção vai situando as informações novas em formas já preparadas, permitindo ao falante um tempo para pensar no que dirá em seguida, sem que perca o turno; quanto à produção, portanto, as funções servem, sobretudo, às intenções e propósitos comunicacionais dos interactantes.

Segue extrato conversacional em que é possível observar um caso de repetição em evento interacional:

AphasiAcervus (10/09/2009)

40 RL [é...é não é::eu por é::aqui ((pega
41 papel)) **nada é a mesma coisa aqui nada é a mesma coisa**
42 HM nada o quê?

Ainda em relação ao aspecto da produção, Marcuschi (1992) aponta dois processos relacionados ao fenômeno, considerando a interação entre os falantes. São elas: a auto-repetição (a matriz e a repetição são produzidas pelo mesmo falante), e a hetero-repetição (a matriz e a repetição são produzidas por falantes diferentes). Os falantes em situação de conversa estão submetidos a uma situação de troca de turnos, permitindo que a repetição seja produzida no mesmo turno (intra-turno) ou em turnos diferentes (inter-turno). Para o autor, as marcas de produção funcionam na organização interacional e são essenciais para a formação do texto dialógico.

Como podemos observar, são diversos os fatores que estão envolvidos e vão concorrer para a resolução de um problema instalado durante a conversação. Isso deixa claro que não se trata somente de uma atividade de comunicação da mensagem por si só; os aspectos interativos e cognitivos necessários para isso trabalham de forma integrada e integral nos eventos discursivos. Por isso, ao analisar as características linguísticas envolvidas nesse processo, podemos nos dar conta de forma mais explícita da complexidade e das diferentes questões envolvidas no advento da linguagem. Ao analisar o fato linguístico utilizado como estratégia, mesmo que no âmbito clínico, devemos levar em consideração todas essas questões para uma compreensão abrangente e adequada do fenômeno.

Um outro aspecto que vem junto com as características de linguagem mencionadas acima e, conseqüentemente, com o *prompting*, é a colaboração do interlocutor durante esses eventos, como podemos verificar nos casos de hetero-reparo. É possível identificá-los, principalmente, nos momentos onde falta ao falante uma palavra ou nos momentos de dificuldades no acesso lexical.

Sacks (1992, p.261) afirma, à maneira de Goodwin e Goodwin (1986), em relação às atividades linguísticas relacionadas às buscas de palavras:

Word searches are specifically designed for conditional entry by recipients. Though word searches can expand into long sequences, roughly they minimally provide conditional access to the current turn for other participants to aid in the search by suggesting candidate words and a slot for the original speaker to accept or reject proffered candidates.⁶

De acordo com Schegloff (1979), o início de uma busca de palavra é assinalado por uma interrupção de uma sentença em curso, seguida por uma pausa ao invés da próxima palavra da frase. Além de pausas, os falantes costumam recorrer também a sons que indicam a procura como “uh” e “hmm”, repetição de palavras ou acentuação ao pronunciar sons como já foi explicado anteriormente. Para tornar a busca explícita normalmente também são usadas expressões como “como é mesmo o nome?” ou “como chama aquilo?”

Goodwin e Goodwin (1986, p.53) acrescentam que apesar de o falante também poder encontrar a solução para a sua busca sozinho, a procura de palavras é, normalmente, considerada uma atividade em que os interlocutores também podem colaborar, em uma atividade de co-construção. Em outras palavras, o falante que está buscando a palavra pode convidar o interlocutor a ajudar na procura. Esses pedidos de auxílio podem ser identificados, por exemplo, através de um olhar lançado ao interlocutor ou mesmo de um questionamento.

Koch (2006, p. 42), a propósito, em seus estudos em torno das questões das especificidades do texto falado, postula que “*um fato singular das interações faladas é o de o falante receber ajuda explícita do ouvinte para complementar um enunciado que está processando*”. Para exemplificar o seu arrazoado, a autora analisa o extrato conversacional abaixo, retirado do *corpus* do Projeto NURC:

(D2 SP 360:726-36)

L1 – tinha-se esperança...em que dona Ana Cândida tendo assumido a procuradoria geral do estado...em ela sendo mulher...que ela defendesse um pouco mais:: a classe não?

L2 - *Ahm*

[

⁶ As buscas de palavras são especificamente marcadas pela entrada do interlocutor. Embora a busca de palavras possa se expandir em longas seqüências, pode ocorrer a entrada de outros participantes no turno corrente com o objetivo de auxiliar na busca sugerindo palavras possíveis e pistas, ficando a cargo do falante aceitá-las ou rejeitá-las.

L1 – mas...
 L2 – mas eu tenho a impressão que ela acabou se vendo mais
 [()
 L1 - ()
 L2 – ou menos numa () mais ou menos ()
 [cerceada, não é?
 L1 -
 L2 – cerceada [...]

Como pode ser observado no exemplo acima, diante da hesitação do locutor (L2) quanto à escolha de uma palavra que dê prosseguimento à sua fala, o interlocutor (L1) vem em seu auxílio, fornecendo-lhe uma opção lexical.

Em contextos como os trazidos acima, referentes à linguagem não-patológica, também podemos observar as ocorrências do fenômeno tanto em momentos de lapsos como no processo de construção de referente e do desenvolvimento do tópico discursivo. Nesses momentos, são comuns fenômenos como a hesitação, a pausa, a repetição, reformulação, a correção, etc.

Preti (1991), em trabalho que descreve a hesitação em sujeitos idosos, aponta para o fato de que “o fenômeno da hesitação na linguagem faz parte, em maior ou menor intensidade, de qualquer tipo de falante, de qualquer faixa etária, em qualquer situação de comunicação” (p.48). De acordo com o autor, a hesitação acontece quase sempre diante de um problema de memória, mas pode refletir também o precário domínio pelo falante do assunto desenvolvido na conversação. Enfatiza que, durante esses momentos, podem acontecer os pedidos de colaboração do falante, por meio da intercalação de uma parentética: “como é que se diz?”; “como é que chama esse negócio aqui?”. Com isso o falante pretende obter o auxílio do ouvinte para a lembrança da palavra esquecida. Segundo Preti (1991, p.48), trata-se de um caso curioso que bem demonstra como, às vezes, o falante, depois de tentar conservar o domínio da palavra, procura realizar uma entrega de turno controlada, apenas para que o interlocutor colabore momentaneamente.

Um recurso muito importante para manter a fluência ao nível do enunciado, de acordo com Preti (2004, p.48), é o processo cooperativo do *engate* das falas, que ocorre quando o interlocutor, reconhecendo a estrutura que está sendo desenvolvida pelo falante que está com a palavra, resolve completá-la, antes que ele o faça. Em momentos de hesitação, pois, o interlocutor facilmente interfere, toma a palavra ou, se for seu desejo

apenas colaborar, vale-se do recurso do *engate* para completar o pensamento do falante que estava com a palavra.

Um aspecto interessante que surge nessas atividades colaborativas e que deve ser reconhecido para a análise de fenômenos desse tipo é o papel fundamental desempenhado pelos participantes em uma interação ao interpretar o contexto e, conseqüentemente, os processos inferenciais que são acionados para prover o auxílio ao interlocutor.

Ao atuar num diálogo, muito se deixa por dizer. Por isso, são constituintes das atividades interacionais os cálculos inferenciais realizados pelo interlocutor, os enquadramentos interacionais etc, recursos esses construídos com base em pelo menos dois fatores: o conhecimento de mundo do ouvinte e os conhecimentos que são partilhados entre eles. Dessa forma, parece claro o trabalho linguístico-cognitivo efetuado tanto pelo interlocutor, quanto pelo falante:

“(...) a *produção de inferências* desempenha um papel particularmente relevante. *Nenhum* texto apresenta de forma explícita *toda* a informação necessária à sua compreensão: há sempre elementos implícitos que necessitam ser recuperados pelo ouvinte/leitor por ocasião da atividade da produção de sentido (KOCH, 2001, p. 26)”.

Gumperz (1982) chama a atenção para as pistas de contextualização que são utilizadas para sinalizar intenções comunicativas ou para inferir as intenções conversacionais do interlocutor. Essas pistas, de acordo com o autor, podem ser de natureza linguística, extralinguística, prosódica e não vocal. Para Gumperz (2002, p.100), o processo inferencial é baseado em construções hipotéticas, pois o conhecimento pressuposto ou “conhecimento de mundo” é reinterpretado na conversa, construído social e interacionalmente, sendo considerado culturalmente situado.

O conceito de pistas de contextualização proposto pelo autor diz respeito aos traços presentes na estrutura de superfície das mensagens, sinalizados pelos falantes que permitem que os interlocutores interpretem qual é a atividade que está ocorrendo, como o conteúdo semântico deve ser entendido e como cada elocução se relaciona com a que precede ou segue. O autor acrescenta:

Embora tais pistas sejam portadoras de informação, os significados são transmitidos como parte do processo interativo. Ao contrário das palavras, que podem ser discutidas fora do contexto, os significados das pistas de contextualização são implícitos. Geralmente não nos referimos a ele fora do contexto. O seu valor sinalizador depende do reconhecimento tácito do significado por parte dos participantes. Quando todos os participantes entendem e notam as pistas relevantes, os processos interpretativos são tomados como pressupostos e normalmente acontecem sem serem percebidos. Entretanto, quando um ouvinte não reage a uma das pistas ou não conhece sua função, pode haver divergências de interpretação e mal-entendidos (GUMPERZ, 2002, p.100).

A contribuição essencial das inferências na compreensão de textos é funcionarem como provedoras de contexto integrador para informações e estabelecimento de continuidade do próprio texto, dando-lhe coerência. De acordo com Morato (2008, p.15),

a atenção à noção de interação de fato é essencial para desvelar os recursos ou estratégias que os sujeitos colocam em ação, implícita ou explicitamente, para organizar de maneira comum (e mútua) a construção do sentido: aos recursos lingüísticos, devemos destacar na análise os recursos multimodais (como gestos, olhares, mímicas faciais, postura do corpo, etc.). A tomada de consciência dessa multimodalidade da significação (e da interação, naturalmente) é importante não apenas para o investigador, como também para os interlocutores ou participantes da situação interativa. Assim, é possível elaborar diferentes graus de comparação em relação a fenômenos que podemos encontrar largamente na linguagem dita patológica e no contexto dito normal: repetições, perífrases, dificuldade de encontrar palavras, seleções lexicais aparentemente irrelevantes, violação de regras conversacionais, pausas, hesitações, superposição de fala, reformulações, auto-correções, etc.

Os aspectos inferenciais, intrinsecamente envolvidos nos eventos interacionais, estão integrados também às atividades de referenciação nos contextos conversacionais. De acordo com Koch (2005, p.35), a referenciação também constitui uma atividade discursiva. O sujeito, por ocasião da interação verbal, opera sobre o material lingüístico que tem à sua disposição, realizando escolhas significativas para representar estado de coisas, com vistas à concretização de sua proposta de sentido. Isto é, as formas de referenciação, bem como os processos de remissão textual que se realizam por meio delas, constituem escolhas do

sujeito em função de um querer-dizer. É por esta razão que se defende que o processamento do discurso, visto que realizado por sujeitos sociais atuantes, é um processamento estratégico.

Koch (2002, p.106) enfatiza que a função das expressões referenciais não é apenas referir. Pelo contrário, como multifuncionais que são, elas contribuem para elaborar o sentido, indicando pontos de vista, assinalando direções argumentativas, sinalizando dificuldades de acesso ao referente e recategorizando os objetos presentes na memória discursiva.

Marcuschi (2007, p.104) acrescenta que a referenciação na relação face a face é fruto de uma atividade colaborativa e não uma simples convenção linguística. A referência, na relação face a face, é muito menos uma determinação linguística e muito mais uma ação conjunta num processo interativo com atividades inferenciais realizadas na enunciação, em que a cognição situada exerce papel central.

O autor salienta que as pistas de acesso da referenciação são construídas de tal maneira que permitem atualizar domínios cognitivos que estabelecem correspondências sem constituir um mundo possível para sua realização. A compreensão torna-se possível e efetiva, supondo-se indivíduos com conhecimento de mundo e competências cognitivas similares e partilhadas, o que é garantido pelas próprias faculdades cognitivas, em virtude de sua natureza social.

A referenciação é definida por Mondada & Dubois (2003) como atividade de construção colaborativa de *referentes* como **objetos de discurso**. Em seus estudos sobre a construção dos objetos de discurso e categorização abordando o processo de referenciação, as autoras afirmam que:

A instabilidade das categorias está ligada as suas ocorrências, uma vez que elas estão situadas em práticas: práticas dependentes tanto de processos de enunciação como de atividades cognitivas não necessariamente verbalizadas; práticas do sujeito ou interações em que os locutores negociam uma versão provisória, contextual, coordenada do mundo (MONDADA E DUBOIS, 2003, p. 29).

Identificamos facilmente nessas passagens acima mencionadas o fenômeno por nós denominado de *prompting*, quando das discussões sobre a colaboração – largamente

derivada de processos inferenciais - do interlocutor diante de problemas para encontrar palavras por parte do falante durante a conversação, bem como as categorias linguísticas envolvidas nessa atividade. É importante salientar que, nesta tese, propomos uma concepção do fenômeno mais ampla do que aquela realizada comumente na clínica fonoaudiológica, tomamos por base alguns critérios da análise linguística, principalmente, aqueles das áreas que estudam os fenômenos textuais e conversacionais como já foi citado neste capítulo.

A nossa preocupação em realizar essa análise mais completa e abrangente do *prompting* advém da necessidade de superarmos o tipo e as propostas de estudo que vêm sendo realizados na área da clínica da linguagem e que apresentam uma visão bastante restrita dos fenômenos linguístico-interacionais de uma forma geral.

Tal iniciativa nasceu de nossa experiência de trabalho com sujeitos afásicos e da observação das estratégias por eles utilizadas no dia-a-dia e, principalmente, da concepção de linguagem que assumimos, a partir da qual o *prompting* faz parte de forma constitutiva da dinâmica da conversação e do processo de construção (e reconstrução) de textos falados.

2.4 Concluindo: definição do estatuto linguístico-interacional do fenômeno

No presente estudo, o *prompting* é considerado como um fenômeno atinente a práticas linguístico-interacionais que se realiza por meio da construção conjunta entre os sujeitos em conversações ordinárias, cotidianas, notadamente, as que se realizam face a face. Assim, leva-se em consideração, nessa perspectiva, em especial : i) as questões de co-construção do tópico/do referente, ii) o reconhecimento de intenções e as inferências linguístico-pragmáticas dos falantes engajados em uma situação interativa, iii) as atividades de cooperação comunicativa, da percepção de como deve se processar a dinâmica conversacional etc.

Dessa forma, admitimos que na conversação espontânea, seja ela entre sujeitos afásicos ou não, ocorrem episódios e sequências interacionais em que se verificam manobras e estratégias linguísticas que estruturam e (re)organizam a dinâmica conversacional. Os diferentes tipos de *prompting*, na forma como aqui é considerado,

operam de forma produtiva e funcional nessa estruturação conversacional, principalmente atuando na resolução das questões de acesso/seleção lexical.

Não se trata, pois, apenas de um método ou de uma estratégia circunscrita ao ambiente clínico-terapêutico, embora também possa sê-lo, e não necessariamente de forma tradicional, como no esquema par adjacente (*Cf. SCHEGLOFF & SACKS, 1973, p.295*) como será visto em alguns trabalhos que serão mencionados no próximo capítulo, mas de práticas interacionais que ocorrem nos mais diversos contextos e de diferentes maneiras, como, por exemplo, uma palavra que pode vir carregada de significado, incitando o interlocutor a falar sobre ela ou algo a ela relacionado; uma música ou uma imagem pode fazer disparar um texto; um gesto ou um meneio de cabeça que podem indicar que compartilhamos uma mesma ideia nos estimulando a dar continuidade à construção de determinado argumento, e diversos outros disparadores e fenômenos que nos servirão como “gatilho” para a comunicação e a significação.

O *prompting* é um processo linguístico que convoca, numa situação interacional, o estabelecimento e organização da evocação de um enunciado ou ideia. É um fenômeno que pode ser identificado de forma explícita, isto é, na superfície da estrutura textual de um evento conversacional como também se apresentar de forma extremamente vinculada à interlocução, exigindo um vasto conhecimento das questões de ordem linguístico-pragmáticas, sendo necessária bastante atenção, conhecimento e sensibilidade para a sua interpretação.

Salomão (1999, p.71), ao discorrer sobre pontos cruciais da abordagem sociocognitiva, destaca que fazer sentido (ou interpretar) é necessariamente uma operação social na medida em que o sujeito nunca constrói o sentido-em-si, mas sempre para alguém (ainda que este alguém seja si mesmo). Construir sentido implica em assumir determinada perspectiva sobre uma cena, perspectiva que é também mutável do próprio curso da encenação. Do ponto de vista de Goffman (1986, p.124), toda interação comunicativa é dramática, na medida em que participar dela é inserir-se numa determinada moldura (ou *frame*) e exercer dentro dela um papel comunicativo particular.

As características das situações interacionais e a qualidade desses eventos também competem para a ocorrência e análise dessas estratégias linguísticas, uma vez que são vários os fatores que interferem nessas dinâmicas.

Diversos estudos (VYGOTSKY, [1934]2000; BAKHTIN, [1929]1995; LEVINSON, 1983; CLARK, 1996; MONDADA, 2001; MARCUSCHI, 2003; MORATO, 2004) apontam para a importância que a interação assume nas práticas dos falantes e na estruturação dos recursos linguísticos, sendo essencial levar em consideração as relações entre o tipo e a qualidade da situação e envolvimento interacional para a organização da conversação e do discurso.

O âmbito selecionado para a realização do estudo em questão diz respeito a situações de reunião informal - embora haja uma metodologia e rotina específica que as norteiam - entre sujeitos diversos: indivíduos afásicos e não-afásicos, velhos e novos conhecidos, estudiosos e não-estudiosos da linguagem, entre outras caracterizações e papéis desempenhados que compõem e moldam a configuração daquele grupo que frequenta o Centro de Convivência de Afásicos da Unicamp. As práticas desenvolvidas nessas atividades fazem emergir e consolidar diferentes competências sócio-cognitivas (linguísticas, pragmáticas, comunicacionais, sociais, procedurais, profissionais, *etc.*) com as quais atuamos e apreendemos o mundo (Cf. MORATO, 2007, p.5). Esse contexto interacional, assim, promove a emergência do fenômeno linguístico de forma mais recorrente e específica.

Vion (1992), ao estudar as questões interacionais, propõe uma distinção entre relação social e relação interlocutiva. A relação social encontra-se refletida no reconhecimento, pelos participantes da interação, do enquadre em que se desenvolve a troca verbal. A relação social diz respeito ao tipo de relação (ou vínculo) existente entre os interagentes, assim como ao seu propósito, e é dentro do reconhecimento dessas características que se definem os papéis que eles atribuem a si próprios e ao outro. Já a relação interlocutiva, embora apoiada na relação social, é construída ao longo da atividade linguística e através dela. É uma atividade que, ao atualizar a relação social, pode construir um ordenamento potencialmente diferente daquele previsto por ela. Segundo Vion (1992), as relações sociais e interlocutivas não são nem mutuamente exclusivas nem totalmente independentes, mas elementos co-existent em toda interação.

O que defendemos aqui é que o *prompting*, assim como outros recursos linguísticos, além de auxiliar o afásico a evocar determinados segmentos ou enunciados, atua na organização da dinâmica interacional, na construção referencial, no desenvolvimento e

gestão do tópico conversacional e na resolução de mal-entendidos, fornecendo estratégias que promovem o encadeamento conversacional, a fluência e, conseqüentemente, a estruturação da própria dinâmica interacional.

Aqui, o *prompting* é considerado, em uma perspectiva sociocognitiva, como um processo complexo que envolve diferentes semioses (tais como fala, escrita, gesto, entre outros) em meio às quais os interlocutores agenciam vários processos de significação que inter-atuam na compreensão e na interpretação do sentido, que nem sempre se apresentam de forma explícita e não depende apenas e isoladamente de um dos interactantes.

CAPITULO 3

O estudo sobre o *prompting* no contexto das afasias

3.1 Das questões de linguagem nas afasias

As afasias são perturbações na linguagem causadas em decorrência de um episódio neurológico, como um acidente vascular cerebral (AVC), traumatismos crânio-encefálicos (TCE) ou um tumor cerebral⁷. As conseqüências das afasias para o indivíduo são dificuldades nos processos de produção e interpretação de linguagem, ficando a linguagem afetada em seus vários níveis: no nível fono-articulatório, a dificuldade de articular e produzir sons; no nível sintático, a capacidade de ordenar os elementos dos enunciados em formas “gramaticalmente” aceitas, como por exemplo a chamada “fala telegráfica” em que há ausência dos elementos conectivos; no nível lexical, dificuldade de acesso às palavras, além de dificuldades pragmático-discursivas de produção e interpretação do sentido na enunciação (Cf. MORATO, 2001, p.154).

Longe de reduzir a afasia a uma questão cognitiva *stricto sensu* ou meramente metalinguística, conforme é tradicionalmente considerado no campo dos estudos afasiológicos, esta pesquisa pretende aprofundar seu contorno linguístico-interacional a partir da análise das interações nas quais os sujeitos afásicos e não afásicos se engajam cotidianamente. Esta perspectiva permite um entendimento mais abrangente das estratégias linguísticas utilizadas pelo sujeitos aqui analisados e por esta população de uma forma geral.

Para elencar os estudos linguísticos propriamente ditos como uma alternativa mais coerente que vem completar para uma melhor explicação do fenômeno nas afasias, é necessário, antes disso, discutir outras questões que permeiam o ambiente clínico que

⁷ Historicamente, as afasias foram classificadas como “emissivas”, “receptivas” e “mistas”; considerando-se a emissão ou a recepção, respectivamente, como áreas de maior comprometimento e, por sua vez, nos quadros mistos, a recepção e a emissão estariam comprometidas em grau equivalente. Fazem parte do grupo das afasias “emissivas”, aquelas afasias cujo deficit de expressão é maior que o deficit de compreensão, os seguintes tipos: Afasia de Broca, afasia de condução e a afasia transcortical motora; no grupo da afasias “receptivas”, cujo deficit de compreensão é maior do que o deficit de expressão, estão a afasia de Wernicke, a afasia transcortical sensorial e a afasia amnésica/anômica; na formas mistas estão a afasia transcortical mista, a afasia mista e a afasia global (ORTIZ, 2005, p. 50).

influenciam de maneira significativa o estudo do *prompting*.

Assim como Viscardi (2005, p.47) admite em seu trabalho sobre o estatuto neurolinguístico multifuncional dos automatismos, acreditamos que a base do discurso atual sobre o *prompting* é a mesma que permeia a caracterização dos demais fenômenos de disfluência oral pertencentes ao quadro semiológico das afasias e das neurodegenerescências: uma visão fortemente estruturalista, organicamente reacional e/ou instrumental da linguagem, que parte da consideração de que processos linguísticos envolvidos nas afasias são única e exclusivamente evidência de “sintomas”.

Geralmente, a anomia é relacionada às dificuldades em selecionar, acessar ou evocar determinada palavra ou léxico quando do advento da lesão cerebral, como é demonstrado na explicação abaixo por Stemmer e Joannette (1997, p.101):

“(...) A common disturbance following a brain lesion is the difficulty a patient can have in using the right word in order to express a concept. Indeed, the occurrence of so-called word-finding difficulties or anomia is part of the semiology of nearly all types of left-brain-damaged aphasic patients (LECOURS & LHERMITTE, 1979). According to Caplan (1992), helpful indicators for locating problems at the access or retrieval stage are the inability of the patient to produce a word from a semantic stimulus such as a picture or a definition. At the same time, the patient does not encounter difficulties with a non-semantic stimulus such as word repetition, or a semantic stimulus such as answering questions about a picture. Furthermore, the patient benefits from phonological and semantic cueing or prompting (...)”.⁸

De acordo com Ahlsén (2006, p.80), a anomia, dificuldade ou mesmo impossibilidade de encontrar palavras, é um sintoma compartilhado pela maioria das pessoas diagnosticadas com afasia. No tipo de afasia denominado “afasia anômica”, é o

⁸ “[...] um distúrbio comum em consequência de uma lesão cerebral é a dificuldade que o paciente pode apresentar em selecionar a palavra certa para expressar um conceito. Na verdade, a ocorrência das chamadas dificuldades de encontrar palavras ou anomias fazem parte de uma semiologia comum a pacientes afásicos que tiveram um dano do lado esquerdo do cérebro (LECOURS & LHERMITTE, 1979). De acordo com Caplan (1992), algumas estratégias úteis para localizar problemas de acesso ou recuperação é a dificuldade do paciente de produzir uma palavra quando lhe é fornecido um estímulo semântico, como, por exemplo, uma imagem ou definição. Ao mesmo tempo, pode acontecer de o paciente não apresentar dificuldades diante de estímulos não-semânticos, tais como repetição de palavras ou estímulos semânticos como responder a perguntas sobre uma imagem. No entanto, o paciente pode se beneficiar de *cueings* ou *promptings* semânticos e fonológicos [...]”.

único sintoma presente, enquanto nas outras classificações tipológicas da afasia é apenas um dos sintomas existentes. Ainda segundo a autora, a anomia ocasiona problemas nas tarefas de nomeação de objetos (aquelas apresentadas visualmente, as descrições verbais ou dificuldades de memória).

Assim, a anomia ou a dificuldade de encontrar palavras é considerada uma manifestação neurolinguística sempre presente, podendo ser encontrada em, praticamente, todos os tipos e extensões de acometimentos afásicos. Por essa e outras razões, é um sintoma bastante mencionado e investigado na área clínica, e são diversas as estratégias, baterias de testes e exercícios propostos para o seu enfrentamento.

Ortiz (2005, p.73), por seu turno, afirma que as anomias podem ter várias causas e comprometer diferentes classes de palavras. Segundo a autora, muitas vezes essa dificuldade está relacionada a uma dificuldade no acesso fonológico, lexical ou semântico, ou ainda na passagem da informação entre alguns desses subsistemas, podendo aparecer tanto em atividades discursivas corriqueiras, como em provas específicas de nomeação ou denominação.

Quando se fala em avaliação dos fenômenos afásicos na clínica fonoaudiológica e neuropsicológica, é possível logo elencar as diversas baterias de testes metalinguísticos que atuam na identificação dos sintomas afásicos. Para a avaliação das anomias, especificamente, há o Teste de Nomeação de Boston (TNB) (KAPLAN, GOODGLASS E WEINTRAUB, 1983), que é amplamente utilizado e bastante conhecido na prática clínica. É um teste de confrontação visual, em que são apresentados 60 estímulos visuais de alta, média e baixa frequências, com oferta de pistas semântica e fonológica, quando necessárias. Cada estímulo nomeado corretamente equivale a um ponto.

De acordo com Mansur *et al* (2006), a habilidade de nomear em tarefas de confrontação visual é um processo complexo que envolve reconhecimento de elementos visuais (linhas, barras, pontos e curvas), a representação visual complexa de um objeto, e permitem seu reconhecimento. A imagem dispara a representação mental, a partir de nosso conhecimento e diversas experiências, de acordo com o objeto representado em nosso sistema semântico, assim como sua enunciação por formas disponíveis em nossa língua.

Nos testes de confrontação visual há dois tipos de erros muito comuns que podem ser observados: os verbais e os visuais. Na tarefa de entrada visual, a qualidade do estímulo

e o contexto de apresentação podem induzir falhas de percepção e interpretação. A frequência de ocorrência do item lexical numa língua, assim como sua categoria gramatical e semântica, além de lexicalidade, regularidade, idade de aquisição, imageabilidade, operatividade, extensão e familiaridade do estímulo, têm sido reconhecidos como fatores que podem interferir na realização da tarefa (RAYMER E ROTH, 2001). Outras variáveis sociodemográficas, como idade, educação e bilingüismo (OPPENHEIMER E ÁVILA, 2004) também podem influenciar o desempenho. A educação, mesmo considerada isoladamente, influencia o desempenho de sujeitos em testes neuropsicológicos, particularmente os que envolvem linguagem (CASTRO-CALDAS *et al*, 1999; PINEDA *et al*, 2000).

Um dos motivos pelos quais os testes de nomeação são bastante criticados para uma avaliação da linguagem completa do sujeito afásico é que, muitas vezes, o afásico pode ter boas respostas ao nomear figuras, mas apresentar uma grande dificuldade de encontrar palavras na fala espontânea – sendo o contrário também verdadeiro, isto é, o afásico pode apresentar um discurso espontâneo razoável no que diz respeito às questões de nomeação, enquanto nas tarefas propriamente ditas, justamente pelo caráter artificial da atividade, apresentar mais dificuldade do que realmente possui. Por estes e outros motivos é que se faz necessária uma avaliação e intervenção, de forma mais espontânea e menos diretiva, capaz de avaliar e lidar com essas questões de maneira mais adequada, contextualizada e abrangente.

Rajer (2011, p.16), em estudo que propõe uma reinterpretação da anomia a partir de estudos não tradicionais dos processos linguístico-cognitivos, postula que a classificação e o diagnóstico da doença colocam em evidência o papel da linguagem na prática médica: linguagem como condição e obstáculo. Condição, na medida em que o ato de nomeação da doença dá início ao “tratamento”, ao enfrentamento, à compreensão do fenômeno. Obstáculo, na medida em que tal instrumento (a classificação) mostra-se impreciso, incompleto, porque não abrange as particularidades que os quadros patológicos frequentemente apresentam.

Em relação à reabilitação dos quadros de anomia e seu estudo clínico, encontramos na literatura afasiológica mais tradicional a utilização dos sistemas de facilitação da evocação da palavra. Pamies, Peña-Casanova e Pulido (2005), a propósito, elaboraram uma

tabela com os tipos mais comuns de facilitação lexical usados nas técnicas de reabilitação:

Fonêmico	<ol style="list-style-type: none"> Índice fonêmico inicial: apresentação da primeira sílaba (<i>Guarda-chuva: guar...</i>) Índice fonêmico final: apresentação da última sílaba (Nos dois casos, sem que o paciente possa ver a boca do terapeuta)
Esboço Oral	Apresentação dos primeiros movimentos orais de articulação da palavra.
Fonêmico e Articulatório	Apresentação da primeira sílaba permitindo que o paciente observe o rosto do terapeuta (estímulo acústico e visuo-articulatório)
Descrição funcional	Descrição progressivamente mais detalhada da função do objeto. Inclui-se também a definição verbal (<i>é um objeto que serve para nos proteger da chuva, é um...</i>)
Rima	Apresentação de uma palavra de proximidade acústica e que rime com a procurada (<i>é caça?...[casa]</i>)
Categoria	Apresentação da categoria semântica à qual pertence a palavra (<i>é um animal...[leão]</i>)
Contexto ambiental	<ol style="list-style-type: none"> Apresentação de uma prancha com o objeto situado no contexto. Apresentação verbal descritiva do contexto onde aparece o objeto.
Contexto linguístico	<p>Frase na qual falta o último elemento (que precisa completar) (<i>para cortar o pão usamos uma...</i>)</p> <ol style="list-style-type: none"> Contexto neutro Contexto automático ou de alta frequência: frases feitas, canções, provérbios.
Gráfico	Apresentação da primeira letra escrita ou da primeira sílaba;

Quadro 1 – Tipos de facilitação lexical mais utilizados como técnicas de reabilitação (PAMIES, PEÑA-CASANOVA E PULIDO, 2005, p.212)

Na tabela acima é possível observar os diversos tipos de facilitação que podem promover, segundo os autores, a evocação da palavra em pacientes com dificuldades no acesso lexical. O estudo enfatiza, contudo, que é necessário que haja uma análise detalhada das dificuldades específicas de cada sujeito, uma vez que nem todos os tipos e técnicas vão

funcionar da mesma maneira.

Alguns autores (como BROOKSHIRE, 1975; PATTERSON, PURELL E MORTON, 1983) apontam que as facilitações fonêmicas não são estratégias que funcionem a longo prazo, isto é, a estratégia facilita a produção imediata da palavra, mas tem pouco valor como método terapêutico de modo a permitir a observação de resultados efetivos de forma longitudinal. Estudos mais recentes (NICKELS E HOWARD, 2000; BEST *et al*, 2002; CROFTS *et al*, 2004), no entanto, apontam a eficácia das facilitações semânticas e fonológicas frente às dificuldades de encontrar palavras, bem como seu efeito duradouro no restabelecimento da linguagem do paciente afásico.

Em relação aos diversos tipos de facilitação lexical expostos na tabela acima, os autores enfatizam que se pode reabilitar os afásicos a partir de mais de um tipo de facilitação lexical; no entanto, o tipo de facilitação não seria específico de um quadro afásico.

Por seu turno, Luria (1966, 1970) propõe que os mecanismos subjacentes às dificuldades de nomeação vão se apresentar de forma diferente a depender do tipo de afasia apresentada. O autor postula que o uso do *prompting* é um importante instrumento de identificação que pode apontar os diferentes tipos de dificuldades de nomeação entre os pacientes afásicos. Sendo esta uma questão funcionalista interessante: a linguagem como indício, não como evidência de um processamento qualquer.

Baseado nessa premissa, Luria sugere (1966, 1970) que é possível identificar determinados padrões de *prompting* de acordo com os subgrupos afásicos. Os afásicos com lesões localizadas no lobo temporal, isto é, aqueles que, baseados na classificação tradicional, são diagnosticados com afasia de Wernicke, apresentam dificuldades em resgatar a “imagem auditiva” da palavra e, por isso, não vão ser beneficiados pelo uso da estratégia de *prompt*. Contrariamente, os pacientes que apresentam, em especial, dificuldades de ordem motora, aqueles com afasia de Broca, manifestam um déficit em relação à “imagem articulatória” da palavra, mas apresentam respostas positivas quando são fornecidas facilitações fonêmicas. Da mesma maneira, os afásicos classificados como anômicos respondem de forma bastante satisfatória à estratégia facilitadora. Assim, de acordo com o autor, essas dificuldades de nomeação resultam de dificuldades semânticas ao invés de dificuldades relacionadas ao esquema auditivo.

Já Goodglass afirma (1993 *apud* RAJER, 2011) que o grau do déficit de nomeação nos dá mais pistas sobre a severidade de uma afasia do que sobre o seu tipo. Nesse ponto, o autor faz uma ressalva importante em relação à classificação dos distúrbios afásicos. Se o grau do déficit de nomeação não é capaz de nos indicar o tipo de afasia manifestada pelo sujeito, fica difícil afirmar que a classificação “afasia anômica” possa ser definida como puro déficit de nomeação. Desta forma, a diferença entre os subtipos de afasia não é determinada pela capacidade de nomeação do indivíduo, e sim pela proeminência de outros déficits associados ao distúrbio.

Em estudo sobre os efeitos de pistas semânticas para o acesso lexical em pacientes afásicos com dificuldades de nomeação, especialmente, Saito e Takeda (2001) argumentaram que, a partir de um modelo de ativação interacional de produção da palavra falada, é possível explicar a significativa efetividade das pistas fonológicas e semânticas na facilitação das dificuldades dessa ordem. Este modelo baseia-se naquele de produção da palavra falada já explicitado de forma breve em momento anterior desta tese, quando apresentamos os modelos essencialmente cognitivistas, proposto por Dell e O’ Seaghdha (1991).

De acordo com Pamies, Peña-Casanova e Pulido (2005, p.207), em alguns casos, os pacientes são capazes de evocar parcialmente o material fonológico da palavra procurada, enquanto em outros casos destaca-se a produção de informação semântica parcial (referências ao uso, material, contexto). Em outras situações, a semiologia é mista (fonológica e semântica). Ainda de acordo com os autores, o processo de denominação parte dos sistemas visuais e transita por uma fase de gnosia (reconhecimento do objeto), para alcançar a fase verbal (seleção e produção do vocábulo).

Como vemos, diferentes trabalhos apontam para uma distinção entre alteração léxico-semântica e léxico-fonológica; na primeira estariam alterados os aspectos conceptuais (“abstratos”) e pré-fonológicos, enquanto na segunda estaria afetada a capacidade de entender e organizar a forma fonológica das palavras.

Um outro fenômeno bastante comum quando das dificuldades de linguagem - e mesmo em sujeitos que não apresentam alterações linguísticas - que apresentam uma certa relação com as anomias (cf. LAINE E MARTIN, 2006), conseqüentemente, um ambiente propício para a ocorrência e estudo do *prompting*, é o chamado fenômeno “ponta da

língua”⁹. Este fenômeno é caracterizado por uma dificuldade temporária no acesso lexical (BRANDÃO, 2006). Mais precisamente, é quando ocorre uma pausa na produção do falante em curso, em que o sujeito refere que sabe qual palavra quer utilizar, mas não consegue recuperar sua forma fonológica. Não ocorre unicamente em sujeitos com algum tipo de dificuldade de linguagem, pelo contrário, pode acontecer com qualquer pessoa de qualquer idade.

O fenômeno se caracteriza pela possibilidade de o falante ter acesso a determinadas informações, como o significado da palavra, a classe gramatical, o gênero, o número de sílabas e até mesmo a primeira letra, isto é, neste fenômeno o sujeito sabe que existe uma palavra específica para expressar determinado conceito, mas não consegue recuperar a sua forma fonológica (VIGLIOCCO, 2002; LAINE E MARTIN, 2006).

De acordo com Pamies, Casanova e Pulido (2005), indivíduos que não apresentam alteração de linguagem quando estão em processo de evocação e se deparam com o fenômeno acima descrito beneficiam-se mais de informações fonológicas ou morfológicas do que das informações de ordem semântica.

Na literatura psicolinguística, são duas as teorias que se propõem a explicar o fenômeno acima citado. São elas: a hipótese de ativação parcial e a hipótese de bloqueio (ou interferência).

A primeira delas a ser mencionada aqui é aquela proposta por Brown e McNeill (1966), chamada hipótese da ativação parcial. De acordo com os autores, é possível que uma ativação parcial da rede de nodos atinja níveis semânticos e sintáticos, porém seja fraca demais para alcançar os níveis fonológicos da palavra, isto é, as palavras-alvo ficam inacessíveis porque a sua representação no sistema está enfraquecida. Por causa disso, ocorre o fenômeno “na ponta da língua”, isto é, o sujeito momentaneamente não consegue acessar o sistema fonológico, o que impede a produção da palavra.

Já a hipótese de bloqueio, primeiramente desenvolvida por Woodworth (1938 *apud* HARLEY 2009, p. 417), postula que, quando ocorre o “fenômeno da ponta da língua”, a palavra-alvo está ativamente suspensa/suprimida por outro item caracterizado, naquele momento, como uma concorrente mais forte.

No entanto, tendo em vista a análise dos dados da pesquisa, a teoria que oferece

⁹Traduzido da expressão em inglês the “tip of the tongue” (TOT) phenomenon.

melhor suporte ao fenômeno é a hipótese da ativação parcial, uma vez que sugere que os níveis semânticos e fonológicos ativados no processamento lexical são distintos. Assim, o “fenômeno da ponta da língua” seria explicado através do sucesso do processamento no primeiro estágio da lexicalização e falha no segundo. Vamos supor, por exemplo, que o sujeito esteja apresentando uma dificuldade em recuperar a palavra “telefone”. A pessoa, então, realiza uma pausa e depois um gesto com a mão que indica que se trata de um telefone. Esse fato sugere que o sujeito está tendo dificuldades em nomear, mas reconhece a estrutura ou realidade conceptual daquilo quer dizer, isto é, a sua dificuldade não reside no nível semântico do acesso lexical, mas na recuperação fonológica da palavra que seria o segundo estágio do modelo de acesso lexical de produção.

Dessa maneira, é possível perceber que vários são os “sintomas” de linguagem relacionados à estratégia de facilitação lexical postulados no âmbito clínico, o que torna o tema mais complexo, uma vez que cada sujeito apresenta suas singularidades e cada caso apresenta-se diferente do outro quando levamos em conta, sobretudo, os aspectos sociais da linguagem, além do fato de vários dos chamados “sintomas” linguísticos ocorrerem também com sujeitos que não possuem afasia ou outro tipo de dificuldade de linguagem.

Por um lado, as características ou estratégias linguísticas são tidas como deficit ou falha a ser reparado e, por outro, para outros estudiosos com uma visão menos tradicionalista, são vistos como fenômenos constitutivos da linguagem e de seu processamento. Por isso, faz-se necessário um olhar abrangente, mas, ao mesmo tempo, cuidadoso para o processamento em curso, evitando, assim, as conhecidas “rotulações” e o foco normativista dirigido aos chamados sintomas clínicos.

Uma vez que alguns pontos em relação aos aspectos clínicos do fenômeno e das dificuldades a que lhe são atribuídos foram esclarecidos, é necessário que os expliquemos com um olhar mais voltado às questões linguísticas e ao seu modo de funcionamento.

Como já foi aqui destacado, é imprescindível que tenhamos um conhecimento mais aprofundado dos aspectos de estruturação linguística e fenômenos conversacionais e textuais para que possamos entender como se processa a linguagem e também suas estratégias e reorganização quando da ocorrência da afasia ou outras dificuldades de linguagem.

3.2 O *prompting* no contexto clínico: conceituação e utilização terapêutica

Na maioria dos estudos voltados para os aspectos clínicos e estratégias comunicacionais relacionadas às dificuldades de acesso lexical e anomias, identifica-se o *prompting* como um fenômeno normalmente promovido pelo terapeuta, sendo que a resposta do afásico é considerada uma reação comportamental ao estímulo. Toma-se, ainda, como base, em sua grande maioria, estudos de controle experimental formados, basicamente, por tarefas de nomeação de figuras.

Entre os estudos de linguagem realizados no Brasil é bastante comum o uso da expressão em inglês *prompting* quando das atividades terapêuticas relacionadas às dificuldades de linguagem. O jargão é bastante utilizado na prática clínica e considerado, essencialmente, como um recurso comportamental, terapêutico, para eliciar a fala e assim aumentar a fluência do paciente. É tomado, em outras palavras, como uma estratégia sempre em favor do afásico que ocupa sempre um lugar definido na interação, Terapeuta-Paciente. O auxílio dado é avaliado, na maioria das vezes, como uma quebra na conversação, já que esta última é suspensa para que ocorra uma operação de (auto)monitoramento da fala. A suspensão ou quebra do fluxo e demais características da conversação se dá em função dos objetivos terapêuticos que se pautam pela visualização e identificação de dificuldades do indivíduo afásico. Resulta dessa operação metacognitiva/metalinguística descontextualizada uma ruptura ou manutenção do fluxo conversacional.

De qualquer maneira, estamos de acordo com o fato de que a estrutura de troca, ainda que essencialmente assimétrica, é da natureza de toda interação (verbal ou não). Vion (1992 *apud* MORATO, 1995, p.86) apresenta um interessante conjunto de critérios destinados a tipologizar certas formas essenciais de interação. Para isso, o autor apresenta algumas distinções básicas que as caracterizam: simetria x complementaridade, cooperação x competição, formalidade x informalidade, orientada x não-orientada etc. Morato (1995) enfatiza que esta tipologia corresponde à configuração de quadros interativos que, longe de serem determinados de maneira peremptória e direta à globalidade de parâmetros situacionais, referem-se aos lugares dominantes ocupados pelos sujeitos numa certa interação. A autora concorda com o postulado de Vion (1992, p.105) quando este destaca que todas as categorias são pré-construídas, em outras palavras, nos atos de comunicação,

os sujeitos reconstróem essas categorias mediante as exigências das mais diversas situações discursivas. Isso implica, entre outras coisas, que esses conceitos têm um fundamento na memória discursiva dos sujeitos que participam de uma dada interação, e também daqueles que a analisam.

Como exemplo da utilização do fenômeno no contexto clínico tradicional (baseado, entre outras coisas, na assimetria interacional entre paciente e terapeuta), reproduzimos abaixo alguns estudos realizados com pacientes afásicos nos quais os terapeutas identificam e caracterizam o *prompting*.

Magalhães e Bilton (2004), por exemplo, têm como objetivo realizar uma avaliação clínica de linguagem e de deglutição em idosos hospitalizados após Acidente Vascular Cerebral (AVC). Segue um extrato da avaliação de linguagem realizada pelas autoras a que um dos sujeitos da pesquisa foi submetido, bem como suas respostas:

“Ao conversarem sobre a profissão do paciente, no recorte 5, a T (*terapeuta*) fala sobre o instrumento de trabalho utilizado por B (*afásico*) (68) “*E a barba, hein? Cê cortava com quê? Com aquelas?*”. Neste momento, observa-se que o paciente interrompe a fala da T. e quebra a seqüência da fala, acrescentando (69) “*Navaia*”. O *prompting* presente na fala do paciente possibilitou o fechamento do diálogo na fala da T”.

Inicialmente, podemos apontar o fato de o termo *prompting* ser utilizado no estudo mencionado como a produção complementar realizada pelo afásico com ajuda do terapeuta, isto é, trata-se da resposta do afásico à pista/enunciado incompleto produzido pelo terapeuta. Desta forma, o próprio termo em sua tradução na língua inglesa está sofrendo uma modificação equivocada, uma vez que ele se refere, na verdade, ao movimento iniciado pelo interlocutor que oferece uma pista para que a palavra seja evocada ou o enunciado seja completado. Ainda é possível perceber aqui que as autoras consideram a intervenção do afásico uma quebra na seqüência da fala. No entanto, não percebem, ou não manifestam em sua análise, que o sujeito, que muitas vezes é tão marginalizado nos contextos conversacionais, posicionou-se dentro do diálogo, demonstrando a sua participação ativa e colaboração para o sucesso da construção do sentido.

Por seu turno, Soares (2006, p.37) assim formula o parecer fonoaudiológico a

respeito do afásico participante de sua pesquisa de mestrado:

“apresenta produção de fala não-fluente, com longas pausas entre palavras e frases, dificuldade de repetição, compreensão verbal preservada, agramatismo e fala telegráfica, anomia, com benefício de *prompting* de primeira sílaba, parafasias, estereotípias, vocabulário restrito e frases curtas...”.

Aqui, a autora ainda conceitua o *prompting* como a ação de “*iniciar a palavra com o objetivo de fornecer prontidão linguística para que o paciente continue a palavra*” (nota de rodapé, p.37). É possível perceber neste segundo exemplo de definição/conceituação de *prompting* extraído da literatura clínica o mecanismo de “via única” (o *prompting* é “fornecido” por um falante competente a um falante incompetente) sobre a qual o fenômeno é visto e utilizado, como expomos de forma breve anteriormente. Há o reconhecimento dos benefícios proporcionados pelo *prompting* para o afásico; contudo, apenas se fala nisso para apontar uma dificuldade subjacente à afasia, no caso, a anomia. Os efeitos produzidos na comunicação e, conseqüentemente, nas atividades interacionais não são mencionados.

A palavra inglesa *prompting*, do verbo *prompt*, vem do latim *promptus* e, segundo o dicionário inglês Merriam-Webster, pode significar:

1. *to move to action: incite*
2. *to assist (one acting or reciting) by suggesting or saying the next words of something forgotten or imperfectly learned: cue*
3. *to serve as the inciting cause of “evidence prompting an investigation”.*¹⁰

Como pode ser observado nos exemplos acima, o uso que é feito da estratégia na clínica de linguagem tradicional assemelha-se, de certa forma, à definição que é anunciada e descrita no dicionário. No entanto, como já mencionamos em outros momentos, apesar de ser um fenômeno amplamente empregado quando da descrição de certas patologias e

¹⁰ Fazer agir: incitar, estimular, auxiliar (alguém atuando ou recitando) sugerindo ou dizendo as palavras seguintes de algo que foi esquecido ou aprendido incorretamente: palpite.

dificuldades específicas de linguagem, não se explicita e descreve de forma mais aprofundada questões como o seu estatuto linguístico-cognitivo, condições de emergência na fala e na conversação, características e implicações interacionais, além de eventuais benefícios mais amplos do seu uso.

Apesar de, no Brasil, utilizarmos mais comumente a expressão em sua forma inglesa, em outros lugares a estratégia vai ser denominada de forma diferente, embora apresente conceituações e descrições similares e, conseqüentemente, compartilhem também da mesma opacidade em relação ao seu uso¹¹.

Ao descrever os sintomas e tipos de afasia, Luria (1966, 1970) já mencionava os benefícios da estratégia para a identificação dos vários tipos de dificuldades de nomeação. A definição de Luria para o fenômeno é a mesma que podemos encontrar na maioria dos trabalhos atuais que mencionam o *prompting*. De acordo com o autor “*prompting is the presentation of one or several initial sounds of the target word*”¹². Segundo ele, a habilidade em usar *prompts* efetivamente indica que a dificuldade em nomear não envolve distorção na estrutura fonêmica da palavra. Por outro lado, a ineficácia para se beneficiar da estratégia demonstra que a estrutura sonora estaria afetada.

Lebrun (1995, p.176) também descreve o fenômeno de forma a conceituá-lo, como pode ser observado abaixo:

When a patient is unable to utter a given word, prompting often helps out. By saying or mouthing the beginning of the word, the speech partner seems to be providing a primer or external stimulation that reinforces the beginning of the word production programmed. The beginning of the word can thus be emitted and the rest follows suit. Patients can occasionally prompt themselves by writing the first letter of the target word, or by forming this letter with their index finger¹³.

¹¹ Nos países cuja língua falada é o francês, o fenômeno é chamado de *l'ebauche orale*; quando do espanhol, *pista*.

¹² “é a apresentação de um ou vários sons iniciais da palavra-alvo”.

¹³ Quando um paciente não consegue evocar determinada palavra, o *prompting* pode funcionar como facilitador. Falando ou fazendo o gesto do fonema de início da palavra, o interlocutor fornece um *primer* ou estímulo externo que reforça e auxilia o começo da programação para a produção da palavra. O início da palavra é, então, evocado e o restante da palavra vem em seguida automaticamente. Pode acontecer também de o paciente produzir o *prompt* para ele mesmo através da escrita das primeiras letras da palavra que deseja falar ou apenas realizando o gesto da escrita com o dedo.

Na descrição acima, realizada por Lebrun, considera-se que o *prompting* diz respeito, além do som ou gesto inicial da palavra a ser evocada, a escrita e o gesto da mesma. Desse modo, já é possível perceber uma amplitude maior relacionada à sua conceituação, uma vez que a modalidade escrita da língua também é considerada neste contexto. Além disso, em termos psicolinguísticos, o *prompting* está relacionado com a alteração do próprio processamento linguístico, isto é, dos desvios nas rotas linguísticas que estão na base da produção do enunciado.

Em outros trabalhos que concernem às estratégias para o estímulo da linguagem de crianças com dificuldades de iniciativa verbal também é possível identificarmos o fenômeno em artigos sobre a construção de narrativas por crianças (REESE E FIVUSH, 1993; EATON, COLLIS E LEWIS, 1999; HUDSON, 2006).

No trabalho de Reese & Fivush (1993), por exemplo, são tabuladas de forma esquemática quatro elocuições maternas consideradas categorias conversacionais que promovem o estímulo da linguagem de seus filhos. São elas: perguntas, evocações contextuais, *prompts* e avaliações. Nesta categorização, o *prompt* é descrito como o “enunciado que não apresenta conteúdo, mas que incita a uma resposta da criança” (Ex.: O que mais?). De acordo com as autoras, apesar de o *prompt* não incluir novas informações, são elocuições que promovem de forma explícita a participação verbal das crianças nas atividades terapêuticas para a promoção de narrativas.

Em estudos realizados com pacientes com demência de tipo Alzheimer, Brandão *et al* (2009) e Brandão (2010) investigaram questões relacionadas à linguagem desses sujeitos e suas respostas frente às estratégias de *prompt* com o objetivo de verificar se, através de seu uso, o discurso dessa população tornava-se mais fluído, isto é, menos entrecortado, atenuando, assim, as dificuldades linguísticas decorrentes da patologia, como, por exemplo, as hesitações, as repetições e enunciados não-finalizados.

Ao utilizar os *prompts* como unidades de análise, os autores subdividiram-nos em duas categorias: os *prompts* informativos e os *prompts* não-informativos. Consideraram *prompts* não-informativos os seguintes: *prompts* com informações gerais para a recuperação de um evento autobiográfico, por exemplo, quando o sujeito não resgatou nenhum acontecimento para falar em determinado tópico; *prompts* de continuidade que eram dados diante de pausas longas e sempre que houvesse uma interrupção antes do tempo

no momento da contagem do episódio; *prompts* de retorno ao tópico, que eram acionados sempre que o participante mudava bruscamente de tópico. Já os *prompts* classificados como informativos eram os que apresentavam informações das principais categorias esquemáticas dos modelos mentais, tais como *setting* (hora e lugar), participantes (e suas identidades, papéis na interação e relações), ação principal e consequência (complicação e resolução).

Como se pode observar no levantamento que realizamos sobre as definições encontradas na literatura da chamada clínica fonoaudiológica, há uma certa estabilização do conceito de *prompting* e é a ele que nos interessa reportar de maneira mais aprofundada, uma vez que o fenômeno parece ser considerado até aqui apenas sob um ponto de vista instrumental. No entanto, antes de aprofundarmos nossas reflexões sobre o tema, queremos enfatizar a variação que ocorre quanto à nomenclatura utilizada em língua inglesa para se referir ao fenômeno e discutir brevemente a forma como é tratado e analisado.

3.3 Discussão da literatura no campo da clínica de linguagem de afásicos

Além do termo *prompting*, foi possível observar em nossa revisão da literatura clínica que o fenômeno pode também ser identificado quando se fala em *cue ou supplying words*. Referindo-se à situação em que o terapeuta fornece “pistas” e “apoios” verbais, o fenômeno é conceituado da mesma forma que nas pesquisas produzidas no Brasil; contudo, parece que vem sendo investigado de forma mais específica e aparenta estar mais integrado às rotinas clínicas.

Aprofundando a percepção da pesquisa clínica, mencionamos abaixo alguns estudos realizados no campo clínico-terapêutico (GOLPER E RAU, 1983; FERGUNSON, 1992; LAAKSO E KLIPPI, 1999) que se referem ao fenômeno e, por vezes, o conceituam.

Golper e Rau (1983), ao realizarem uma análise sistemática das estratégias de *cueing* nas afasias, postulam que abordagens que têm como foco o tratamento através de estímulos consideram que uma *cue* adequada tem boas chances de estimular uma grande quantidade de respostas significativas. Abordagens focadas em conversações naturais encorajam o paciente a usar todos os tipos de *cues* disponíveis para auxiliar numa melhor compreensão da mensagem. O papel do terapeuta, provedor da mensagem é, pois, o de

fornecer informações adicionais, *cues* com grande carga de sentido, caso a mensagem não tenha sido bem compreendida pelo paciente.

As autoras acrescentam ainda que, especificamente, para sintomas como dificuldades de encontrar palavras e apraxia da fala, há uma escala hierárquica do provimento de *cueing* que move os pacientes de períodos em que são altamente dependentes de *cues* controladas pelos terapeutas para se comunicarem até que, progressivamente, possam se tornar menos dependentes das pistas.

É possível perceber que as autoras acima mencionadas tratam o fenômeno como estímulos. Trata-se daquilo que já mencionamos acima: as respostas do paciente são percebidas como meras reações padronizadas. Ignora-se, dessa forma, o caráter reflexivo concernente aos momentos em que são providas as pistas quando de sua aceitação (ou não) por parte do afásico e, assim, da possibilidade de continuidade do tópico conversacional.

Ferguson (1992), cujo interesse concentra-se na análise do reparo conversacional em meio a dificuldades de encontrar palavras, inicia seu trabalho com a seguinte questão: como os interlocutores de indivíduos afásicos sabem qual palavra está sendo procurada e o que os torna capazes de suprir as palavras faltantes ou promover *prompts* e *cues*?

A autora acredita que as *supplying words*¹⁴ são uma das formas como a coerência é construída na conversação entre afásicos. Em suas palavras, *supplying words* são:

A form of the condition that indicates hypothesis forming, which involves verbally supplying the word(s) or speaking for/on behalf of the other participant, and asking rhetorical questions. In supplying words, the partner provides the word or words that the speaker “would have said”. The most apparent example of this is when the partner completes the speaker’s sentence, but it also includes a partner’s providing the entire utterance for the speaker. Supplying words is essentially a two-way interaction, and so may be differentiated from “speaking for” behavior, which requires a third person (p. 308)¹⁵.

¹⁴ Realizando uma tradução aproximada para o português, a expressão pode ser reconhecida como “palavras fornecidas”.

¹⁵ Uma condição que indica a formação de hipóteses. Essa condição envolve o fornecimento verbal de palavra(s), falar por/ no lugar do outro participante e o questionamento acerca de perguntas retóricas. Em *supplying words*, o interlocutor promove a palavra ou palavras que o falante “teria dito”. Um exemplo importante disto é quando o interlocutor completa a sentença do falante, mas isso também pode incluir um interlocutor fornecendo uma frase inteira para o falante. *Supplying words* são essencialmente interações nos dois sentidos, assim podemos diferenciá-las de “falar por” que exigiria uma terceira pessoa na interação.

Assim, uma resposta a que a autora chega para a questão norteadora de sua pesquisa é que os *prompts* e *cues*, aliados ao engajamento dos interactantes na conversação, contribuem para o desenvolvimento/provimento do texto futuro, uma vez que o “palpite” acerca da palavra alvo depende do texto precedente dos participantes na interação.

Aqui já é possível observar um caráter mais co-contrutor em relação ao fenômeno, porém ainda enfatiza-se o fato de ser sempre o interlocutor do afásico a promover a pista e ser o interactante responsável em estabelecer a progressão textual e a organização e relevância tópica. Ele comanda o tópico, elabora hipótese sobre o projeto de dizer do paciente e determina sua locução, tanto em termos formais, quanto contedúísticos.

Laakso e Klippi (1999), por seu turno, realizaram um trabalho em que se propunham a examinar mais detalhadamente a natureza colaborativa da conversação de afásicos. Especificamente, analisaram os momentos de procura de palavras, por serem essas situações mais propícias para a ocorrência dos esforços colaborativos. O fenômeno de análise escolhido foram as sequências de “*hint and guess*”¹⁶.

De acordo com as autoras, o fenômeno está presente quando do início da atividade colaborativa de resolução de problemas durante a conversação de pacientes afásicos. As sequências de “*hint and guess*” são momentos durante a interação em que a frase iniciada pelo afásico é considerada uma dica/indício (*hint*) para a frase posterior completada/adivinhada (*guess*) pelo interlocutor não-afásico (LUBINSKI, DUCHAN E WEITZNER-LIN, 1980).

Ao analisar essas sequências, as autoras chegaram à conclusão de que os padrões interativos são similares independentemente do tipo de afasia apresentada. Foi possível afirmar também que a mesma prática de gestão colaborativa para a resolução de problemas também é vista entre indivíduos não-afásicos em conversações ordinárias.

Diferentemente dos estudos mais tradicionais já mencionados, aqui se leva em consideração a estrutura da interação e o papel do afásico na construção da conversação e no provimento de pistas sobre o que quer dizer para a interpretação pelo interlocutor. Enfatiza-se também o fato de esse tipo de atividade acontecer em outros tipos de interações que não as somente concernentes aos sujeitos com dificuldades de linguagem. Vê-se, dessa

¹⁶ Em tradução livre para o português, sequências de “dica e hipótese”.

forma, as sequências de “*hint and guess*” como uma prática também presente entre interlocutores não-afásicos.

Baseando-se essencialmente em baterias de testes para a avaliação da linguagem, alguns autores (BRUCE E HOWARD, 1987; NICKELS, 1992; HOWARD E HARDING, 1998; LUSTIG E TOMPKINS, 2002) vão além do simples ato de detectar determinado sintoma, ao reconhecerem e identificarem, e até mesmo ao proporem, pistas e estratégias de *promptings* acionadas pelo próprio sujeito afásico.

Estudos como os descritos acima identificam e investigam *cues* geradas pelos próprios pacientes para a evocação de determinada palavra. Bruce e Howard (1987) apontaram três habilidades necessárias ao afásico para gerarem as *phonemic cues*: primeiro, eles precisam ser aptos para indicar a letra inicial da palavra que eles estão com dificuldade de evocar; segundo, eles têm que ser aptos para converter a letra selecionada no seu fonema correspondente; e, finalmente, para usar essas informações, de forma que tenham sucesso na busca de palavras, é necessário que os afásicos sejam sensíveis as *phonemic cues/pistas fonêmicas*. Os autores realizaram esse trabalho a partir do treinamento de afásicos para gerar as *cues* através do uso do computador.

Nickels (1992), ao realizar um trabalho sobre um programa terapêutico voltado para a leitura em voz alta e a nomeação, percebeu que o afásico por ele estudado obteve melhoras não por causa do treinamento orientado para tais dificuldades, mas em função de *phonemic cues* geradas pelo próprio paciente. Refletindo sobre esse processo, a autora volta-se para os modelos de ativação de interação proposto por Monsell (1987)¹⁷ para explicar a habilidade do seu paciente em *self-cue*, isto é, a habilidade no auto-fornecimento de pistas.

De acordo com Simmons (1993), estratégias de *cueing* auto-iniciadas em afasia parecem ser motivadas por diversas questões, tais como: compartilhamento de informações, dificuldades na gestão/progressão do tópico e o desejo por envolvimento social e aceitação.

Howard e Harding (1998), através do uso de um quadro alfabético e de *cues* fornecidas pelo terapeuta, relatam melhoras em relação à produção oral de um paciente afásico via *phonemic cues* iniciais.

¹⁷ De acordo com Monsell (1987), as relações fonológicas da produção até o reconhecimento da palavra podem servir para inúmeras funções. Essas relações fonológicas são funcionalmente importantes para repetições, o processo de aquisição de linguagem e o auto-monitoramento da produção de fala.

No trabalho realizado por Lustig e Tompkins (2002) por meio de terapias sistemáticas em três diferentes *settings* terapêuticos, o afásico é orientado a, através da produção de uma pista escrita, realizar a evocação de uma palavra-alvo.

Como vemos, o *prompting*, da forma como surge no campo da pesquisa e da atuação clínica relativa às afasias, é apenas uma parte da constelação de funções linguísticas que o constitui.

Alguns trabalhos desenvolvidos na área da Neurolinguística (como os de FREITAS, 1997; FEDOSSE, 2000; SANTANA, 2002; MACEDO, 2005; VISCARDI, 2005), inclusive sendo alguns desses produzidos no contexto de nosso grupo de pesquisa COGITES, também chegaram a tocar na questão conceitual do *prompting* de alguma forma; contudo, dados os objetivos principais desses trabalhos, as referidas autoras não se dedicaram de forma aprofundada à sua conceituação, nem procuraram discutir de forma aprofundada os termos de seus modos de existência.

Freitas (1997), em sua tese de doutorado, ao investigar a questão das alterações fono-articulatórias nas afasias motoras, mais especificamente a apraxia da fala, depara-se com um sujeito afásico que necessita constantemente de um “*prompting oral*” para produzir os itens que deseja falar.

De acordo com a autora, o afásico assim o faz devido à presença da chamada “inércia patológica” ou, em outras palavras, da falta de iniciativa verbal que seria uma das características das afasias de Broca. Tendo isso em vista, Freitas define o “*prompting oral*” como sendo “*uma pista articulatória; ou seja, a execução, pelo interlocutor, do primeiro gesto ou das primeiras seqüências de gestos que compõem as primeiras sílabas da palavra requerida*” (FREITAS, 1997, p. 60). Assim, o sujeito faz uso da ajuda do interlocutor, que articula a primeira sílaba, continuando a partir da segunda sílaba. A autora reconhece a complexidade da questão apontada, muito embora não se detenha a ela, sugerindo ainda uma investigação mais aprofundada do fenômeno.

Posteriormente, o estudo realizado por Fedosse (2000), também com afásicos, relacionado aos aspectos práticos da linguagem oral, propôs-se a investigar o *prompting fonético* (e somente ele) como trabalho linguístico estruturante da produção oral de um sujeito com dificuldades de iniciativa verbal. O *prompting fonético*, de acordo com a autora, funciona como uma “ponte” para processos complementares e recíprocos que

estruturam a interlocução e a reversibilidade de papéis dela constitutivos (FEDOSSE, 2000, p. 75).

A autora destaca ainda que esse tipo de *prompting* favorece o re(conhecimento) acústico e visual do gesto fonoarticulatório, podendo ser caracterizado como um procedimento interativo, que leva em conta a presença e as ações do investigador, cujo papel é dar continuidade à interlocução, que ocorre na forma de um processo complementar por parte do sujeito que manifesta dificuldade com a iniciativa verbal, como é o caso do afásico investigado em sua pesquisa.

De acordo com a autora, a possibilidade de os pacientes realizarem gestos por “imitação” pode ser explicada pelo fato de que o interlocutor, ao fazer o gesto (“dar o modelo”, usando os termos correntes na literatura e prática clínico-terapêutica), fornece os elementos decisivos para o início e encadeamento da atividade gestual. Ou seja, o interlocutor, no processo interativo, favorece a seleção e a combinação dos elementos envolvidos na produção gestual do afásico.

Como se pode observar pelo visto até aqui, a análise do *prompting* nas interlocuções, terapêuticas ou não, demanda uma proposta de estudo com ênfase no funcionamento integrado dos processos linguísticos e das exigências e estratégias próprias das situações interativas em meio às quais os interlocutores atuam conjuntamente e de forma colaborativa para a construção do sentido e da comunicação.

Ao consultar o trabalho de Santana (1999), que disserta acerca das relações entre escrita e afasia, notamos que a autora identifica a utilização, por parte de afásicos, de um outro tipo de *prompting*, o escrito, ou o gesto desta como mediação para a oralidade.

Em seu trabalho, o *prompting* é conceituado, basicamente, da mesma maneira que o *prompting fonético* mencionado por Fedosse. Porém, nas análises de Santana, o *prompting* escrito é iniciado, na maioria das vezes, pelo próprio afásico. De acordo com a autora (1999, p.91), “o *prompting* escrito é a pista escrita, ou seja, é a execução do primeiro gesto da escrita ou das primeiras sequências de gestos que compõem as primeiras sílabas da palavra requerida”.

A questão vai se tornando complexa quando se percebe que o *prompting* não é algo apenas fornecido a um interlocutor menos competente na interação; também o afásico pode ser capaz de diversas maneiras de demonstrar-se capaz de monitorar sua própria fala ou

enunciado, corrigindo-se, reformulando sua fala, utilizando-se de procedimentos semelhantes aos vistos nos *promptings* verbais ou gestuais. Também suas tentativas servem de *prompting* ao terapeuta ou ao interlocutor que, por sua vez, se serve dessas pistas para interpretar e de forma colaborativa expandir os intentos comunicativos do afásico. A unilateralidade do *prompting*, pois, pode se quebrar nas interações, não indo apenas na direção que segue do terapeuta (que supostamente conhece e antecipa os processos faltantes ou alterados subjacentes ao déficit de evocação ou de processamento linguístico, e assim “os fornece” ao paciente) ao afásico.

Para Santana, o ato de escrever parece funcionar como um suporte capaz de proporcionar ao afásico a comunicação; aqui, a escrita em si não comunica ou não é a matriz da significação, mas serve como instrumento para deflagrar a enunciação oral. O sujeito afásico escreve o que quer falar e retoma o texto escrito para a oralidade. Em suas palavras (p. 91), ele “avança” na fala pela retomada constante da escrita, uma escrita que, por vezes, toma o lugar da fala, uma escrita que serve também para “falar”.

A “escrita no ar”, estratégia analisada no estudo realizado pela autora, que é também bastante utilizada pelos afásicos com elevado grau de letramento ou não, funciona como *prompting* para a fala, indicando que não só a escrita em si funciona como elo intermediário, mas o gesto da palavra escrita que se pretende falar, a escrita já internalizada pelo sujeito. Assim, essa relação evidencia de que modo ocorre o sistema simbólico de linguagem, um signo (gestual/ escrito) funcionando como mediador de outro signo (falado). Esses episódios indicam os caminhos que os afásicos (alfabetizados) percorrem para alcançar a oralidade que parece difícil ou impossível, caminhos estes que se caracterizam pela relação estabelecida entre o sujeito e a linguagem escrita em uma sociedade letrada (SANTANA, 1999, p. 148).

Essas reflexões levaram a autora a pensar que a relação do sujeito com sua linguagem, oral e escrita, muda durante a afasia, e, para alguns afásicos, servir-se da escrita como estratégia para atingir a oralidade parece ser o caminho mais produtivo para significar e comunicar – pensar as palavras e escrevê-las em vez de pronunciá-las. Ao “concretizar” a significação com o concurso da escrita, as palavras tornam-se mais facilmente acessíveis à oralidade, como se o caminho grafema/fonema, ou seja, a “leitura” possibilitasse um *prompting* para a oralidade comprometida pelas hesitações, perseverações, prolongamentos,

dificuldades para o início de uma fala espontânea.

Macedo (2005) procedeu em sua tese de doutorado, intitulada *O processo de refacção textual na linguagem escrita de sujeitos afásicos*, a uma discussão sobre as características das condições de atividades de refacção nos textos escritos de sujeitos afásicos. Segundo a autora (2005, p. 3), “o entendimento dos processos de refacção textual leva a uma melhor compreensão das relações entre oralidade e letramento, respectivamente, como práticas discursivas de linguagem oral e escrita”.

Segundo Macedo (2005), ao se considerar que fala e escrita estão num *continuum* estabelecido dialeticamente, pode-se compreender por que o sujeito afásico, muitas vezes, utiliza-se da fala para organizar a escrita e, em outros momentos, vale-se do processo inverso: usa a escrita como *prompting* para sua fala, a escrita no “lugar” da fala. Tal compreensão pode mudar o desempenho do sujeito em sua escrita. A autora constatou que o processo de reflexão é constante; o afásico necessita, enquanto leitor de seu próprio texto, trazê-lo para a oralidade, enunciá-lo efetivamente, para que então consiga descobrir a melhor maneira de reformulá-lo, ou seja, de proceder à refacção textual, como, por exemplo, nos momentos em que se utiliza da fala como um *prompting* para sua escrita, ou vice-versa, e nos dá indícios de que as duas maneiras de expressão são muito importantes e se inter-relacionam, como a possibilidade da linguagem escrita de contribuir para a reorganização da oralidade.

A maioria dos estudos acima mencionados assinala, como podemos observar, que o *prompting* se constitui no contexto de uma dificuldade específica do paciente com dificuldade de linguagem. Não há, muitas vezes, uma percepção mais aguda ou mesmo um reconhecimento de que o fenômeno pertence às atividades (correntes, ordinárias, “normais”) de elaboração do texto falado ou de organização da linguagem como um todo, seja o indivíduo envolvido na interação afásico ou não. Por isso, a importância de se proceder a uma investigação do fenômeno através do campo da Linguística, com atenção à forma pela qual ele pode ser compreendido e conceituado, sobretudo no terreno das análises textuais e conversacionais.

No próximo capítulo, apresentaremos os aspectos metodológicos da pesquisa, a forma de obtenção dos dados e a descrição dos mesmos.

CAPÍTULO 4

SOBRE A METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, será apresentada a forma como esta pesquisa foi delineada, uma vez que os resultados e uma análise bem executada dos dados dependem de um planejamento coerente e de uma orientação metodológica adequada. Assim, serão explicitados aqui a seleção e o processo de captação do *corpus*, ponto que será descrito de forma cuidadosa, a fim de demonstrar as razões e vantagens, em sua ordem científica, que nos direcionaram à escolha e determinação dos dados aqui analisados, bem como o método de pesquisa eleito para a análise dos dados e as motivações dessa escolha.

De acordo com Marcuschi (1999), “*a metodologia só opera eficazmente na relação com um bom problema e uma boa teoria*”. Sendo assim, antes de dissertarmos sobre o tipo de estudo e metodologia empregada na pesquisa, faz-se necessário retomar brevemente e destacar o problema condutor deste trabalho, os seus objetivos e, de forma breve, o posicionamento teórico que o rege.

4.1 Problematização e objetivos

O propósito de empreender um estudo linguístico-interacional do *prompting* verbal (oral e escrito), bem como seus ganhos explicativos para uma melhor compreensão das afasias, surgiu da imprecisão conceitual do fenômeno, em geral, tomado como “um auxílio para a inclusão automática de uma palavra, especialmente em tarefas em que devem completar ou concluir uma frase” (BENSON E ARDILLA, 1998). Não obstante a pouca clareza sobre os aspectos envolvidos em seu funcionamento, tem sido mencionado na literatura neurolinguística quando da referência às estratégias terapêuticas utilizadas na recuperação da linguagem por afásicos ou mesmo quando da observação de conversações espontâneas entre afásicos e não-afásicos. Via de regra, nesses estudos, o terapeuta fornece ou estimula o *prompting* oral ou escrito ao paciente. Com isso, perdem-se de vista vários aspectos do fenômeno.

Para a realização deste trabalho, tomamos por base no campo da neurolinguística uma perspectiva sócio-interacional (ou sócio-cognitiva) de inspiração vygotskyana. Neste

quadro teórico, a linguagem e a interação são essenciais na constituição e organização da cognição humana. Tendo isso em vista, os objetivos desta tese foram:

- 1) qualificar e caracterizar a emergência do *prompting* na linguagem de afásicos e não afásicos em meio às atividades interativas desenvolvidas no Programa de Linguagem do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), que funciona no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp);
- 2) levantar e descrever o contexto linguístico-interacional propício à ocorrência de tal fenômeno e sua relação com as características de linguagem dos sujeitos, isto é, o tipo de afasia que apresentam;
- 3) caracterizar o que motiva os afásicos a optarem, na resposta ao *prompting*, por uma produção oral, escrita ou gestual.

Os dados utilizados nesta tese foram selecionados a partir da observação das atividades desenvolvidas pelos sujeitos afásicos e não-afásicos no Centro de Convivência de Afásicos (CCA/IEL - Unicamp), entre os anos de 2008 e 2009, e fazem parte do acervo de dados *Aphasiacervus*¹⁸ do grupo de pesquisa “Cognição, Interação e Significação” (COGITES)¹⁹. A decisão pelo período de coleta acima especificado se deu devido ao fato de termos podido estar presente no espaço de produção dos dados e fazer parte das situações ali vivenciadas, uma vez que neste período participamos ativamente dos encontros no Centro como parte da equipe técnica, responsável pela captação e armazenamento das imagens. O fato de estarmos presente nas interações funcionou como

¹⁸ Acervo de dados linguístico-interacionais envolvendo sujeitos afásicos, relativos aos encontros do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), registrados em vídeo. Os dados do acervo encontram-se hoje digitalizados e transcritos, apresentando-se assim como um rico material áudio-visual do qual se pode extrair um *corpus* representativo de distintas interações relativas a múltiplas práticas sociais nas quais emergem uma variedade importante de fenômenos linguísticos, aos quais os membros do Grupo de Pesquisa COGITES, coordenado pela professora Edwiges Maria Morato se dedicam, individual e coletivamente (<http://cogites.iel.unicamp.br>).

¹⁹ Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=00798014981QOS>; Site do cogites: <http://cogites.iel.unicamp.br>

dispositivo metodológico para a seleção dos dados pela possibilidade de realizar observações e anotações pertinentes ao tema investigado. Além disso, o posto ocupado durante os encontros nos permitiu estar presente nas situações de interação analisadas e ter um maior conhecimento acerca das pessoas e práticas pertencentes ao grupo, mas ao mesmo tempo possibilitou uma distância adequada para a manutenção da neutralidade necessária às análises posteriormente realizadas.

Como afirma Mondada (2001, p. 63), não basta trabalhar com dados surgidos da transcrição de interações orais, é fundamental uma metodologia de trabalho consistente em relação ao corpo teórico que procure integrar o pesquisador nos grupos observacionais de forma a não prejudicar a autenticidade das atividades registradas, nem tampouco apagar a indexicalidade “própria de toda atividade, incluída a de quem investiga” .

Os dados foram vídeo gravados e transcritos seguindo o sistema de notação instituído pelo Grupo de Pesquisa COGITES, baseada nas convenções de transcrição textuais e conversacionais da língua falada (*cf.* anexo 2). A partir das transcrições, foram observadas as ocorrências de *prompting* entre afásicos e não-afásicos e entre afásicos e afásicos, para a descrição e análise das suas características e especificidades.

A análise da produção de linguagem selecionada para este trabalho pauta-se em uma abordagem principalmente qualitativa do fenômeno. No entanto, realizaremos também a análise quantitativa dos dados a fim de apontarmos as ocorrências e tendências do *prompting*, de forma mais objetiva, que vem para complementar os resultados descritivos apresentados.

4.2 Conhecendo o Centro de Convivência de Afásicos (CCA): local de produção e emergência dos dados

O Centro de Convivência de Afásicos (CCA), e, mais especificamente, o grupo coordenado pela Prof.^a Edwiges Maria Morato, situado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), é concebido como um espaço de interação no qual se desenvolvem variadas práticas sociais e discursivas entre pessoas afásicas e não-afásicas. Neste Centro, criado há vários anos por iniciativa de pesquisadores do Departamento de Neurologia e de Linguística da Universidade e que

funciona em sede própria desde 1998, procura-se explorar distintas e variadas práticas sociais realizadas cotidianamente, como a conversação e a discussão em grupo sobre temas diversos, a troca de experiências e conhecimentos, a participação conjunta em eventos cotidianos e sociais, bem como a realização de projetos conjuntos. Além disso, o CCA também é um espaço de pesquisa e docência no qual se envolvem pesquisadores, alunos de graduação e pós-graduação que se empenham em pesquisas sobre a complexa relação entre os aspectos sociais e interativos que envolvem linguagem, cérebro e cognição (MORATO, 2007, p. 06).

Dessa maneira, nesse espaço interacional caracterizado por vários rituais sociais, práticas de comunidade, configurações textuais (verbais e não-verbais) e estruturas conversacionais, procura-se restituir a expressão da subjetividade e o papel social vinculados à linguagem e seu funcionamento, perturbados pela afasia.

Para entendermos os processos de intercompreensão dos interactantes afásicos e não-afásicos que constituem o CCA, chamamos a atenção para o fato de que este centro se constitui como uma verdadeira **comunidade de práticas**²⁰, no interior da qual os afásicos podem tomar a palavra e ocupar distintos papéis e posições enunciativas (MORATO, 2007). A importância da descrição do CCA como uma comunidade de práticas concentra-se no fato de colocar em foco a noção de prática para a compreensão da atividade linguística e do comportamento social em grupo. Esta perspectiva, na realidade, permite um tipo de análise do fenômeno linguístico que privilegia não as ocorrências linguísticas isoladas, mas o seu funcionamento nas práticas sociais e cotidianas (MIRA, 2007).

Do grupo de afásicos e não-afásicos ao qual nos referimos fazem parte 10 pessoas afásicas e 6 pessoas não-afásicas (pesquisadores que participam das atividades do Centro, nele assumindo papéis de participantes interactantes ou de coordenadores dos trabalhos ali desenvolvidos, como Edwiges Morato e Heloísa Macedo no “Programa de Linguagem”, Lucimara Silva, no “Programa de Expressão musical”, e pesquisadores que são responsáveis pelo registro e pela filmagem dos encontros semanais, como Elisandra Gasparetto Sé, Júlia Marinho e Pâmela Leão).

²⁰ De acordo com Wenger (1998 *apud* MIRA, 2007) a comunidade de práticas pode ser definida a partir de três dimensões: i) o engajamento mútuo (que diz respeito a uma interação regular, cotidiana; ii) o empreendimento conjunto (que diz respeito não ao objeto compartilhado *a priori*, mas a um empreendimento negociado que envolve complexas relações de mútuos ajustes e acordos); o repertório compartilhado de recursos conjuntos para a negociação do sentido.

Na próxima subseção, apresentaremos de forma mais completa, cada sujeito integrante do CCA, seu histórico neurolinguístico e os papéis que assumem no grupo.

4.2.1 Descrição dos sujeitos participantes do CCA

A breve descrição que será apresentada refere-se à caracterização dos sujeitos afásicos e não-afásicos que participaram dos encontros do CCA no período em que foram coletados os dados da pesquisa, isto é, entre os anos de 2008 e 2009. As informações que serão expostas nesta seção apresentarão dados relativos à história de vida dos afásicos, episódio neurológico e respectivas implicações linguísticas, além de observações sobre a participação no contexto interacional dos encontros do CCA. Em relação aos sujeitos não-afásicos, elencaremos as informações referentes, principalmente, à formação profissional e participações e funções dentro do CCA.

Em relação aos participantes afásicos, informamos que foram 10 (dez) os sujeitos que fizeram parte do grupo nos anos que escolhemos para coletar a nossa amostra, enquanto no grupo de participantes não-afásicos, 6 (seis) é o número de pessoas que fazem parte. Segue abaixo, brevemente, as descrições dos participantes afásicos:

SP

SP é um senhor de origem italiana, nascido em 10/03/1933 que, aos dois meses de idade, mudou-se para o sul da França (região de imigrantes italianos). Desde os 20 anos, SP vive no Brasil, tendo se casado com uma brasileira; aos 36 anos, sofreu um Acidente Vascular Encefálico isquêmico (afetando a área do lobo temporal e núcleo da base parcialmente), que o deixou severamente afásico e com uma hemiplegia à direita.

A afasia de SP é compatível com as formas essenciais das afasias ditas motoras: hesitações e prolongamentos, dificuldades de repetição, perseverações e parafasias verbais e fonológicas etc. No francês, embora suas dificuldades sejam menores e sua desenvoltura mais notória, observa-se a presença do mesmo conjunto de características semiológicas.

Nas interações do CCA, SP participa ativamente das discussões do grupo, opinando sobre os fatos debatidos. Frequentemente, realiza sobreposições ao turno dos outros participantes para se posicionar em relação ao tópico e para agregar

informações à discussão. Quando o turno lhe é dirigido, implícita ou explicitamente, raramente deixa de tomar a palavra, sempre tecendo comentários explicativos sobre conflitos e acontecimentos ocorridos na Europa quando isto se torna tema de debate do grupo.

Os recursos mais utilizados por ele para compensar o seu deficit linguístico incluem o uso de gestos de natureza indexical e vocalizações que servem como para contornar as dificuldades de acesso lexical. SP é um assíduo frequentador do CCA, participa das atividades desde 1995, demonstrando ter uma grande integração com o grupo.

SI

SI é brasileira, nissei, natural da cidade de Presidente Venceslau (SP), casada e mãe de quatro filhos, nascida em 09/11/1940. Reside já há muitos anos em Campinas. Seu grau de escolaridade é básico, tendo concluído até a quarta série do Primeiro Grau. Trabalhou e viveu grande parte de sua vida na zona rural. Em 1988, SI sofreu um AVE hemorrágico. Na avaliação neuropsicológica inicial, SI apresentou discreta paralisia à direita, afasia de Wernicke e síndrome piramidal à esquerda.

Sua linguagem oral apresentava dificuldade de encontrar palavras, parafasias semânticas e fonológicas, além de paragrafias, apraxia buco-facial e construcional, discalculias abundantes e paralexias (leitura assemântica). Antes do AVE, segundo SI, entendia o japonês oral e compreendia alguma coisa da escrita, mas, após o AVE, perdeu esta capacidade.

SI frequenta o CCA desde 1990. Dentre os participantes afásicos do CCA, SI é a integrante que menos realiza sobreposições de turnos. Ela raramente assalta o turno de seus interlocutores ao participar das discussões, para introduzir tópicos ou se posicionar nos debates. Sua participação nas atividades de linguagem ocorre, na maioria das vezes, quando é interpelada diretamente pelos pesquisadores. Preferencialmente, toma a iniciativa de introduzir tópicos conversacionais, compartilhar informações e expor pontos de vista durante o momento do café, contexto interacional não dirigido a práticas e ações mais definidas. SI, ao tomar a palavra, realiza construções lexicais curtas ou monossilábicas em um baixo volume de voz. Frequentemente, tem dificuldade de acesso lexical e seu turno é completado por outros

afásicos, principalmente por NS, com quem mantém uma relação de amizade mais próxima.

MG

MG é uma senhora brasileira, nascida em 04/04/1948, destra, solteira. Antes do AVE, MG tinha uma agência de turismo e uma rotina típica de microempresária. Em 31/12/1999, teve um Acidente Vascular Encefálico (AVE) isquêmico que, segundo a tomografia computadorizada de crânio, atingiu a região têmporo-parietal à esquerda, revelando sequelas de Acidentes Vasculares Encefálicos isquêmicos no tálamo e no lobo frontal, além de AVE isquêmico lacunar na região subcortical de transição têmporo-parietal à direita. Disso resultou uma afasia de predomínio expressivo, com hemiparesia à direita e apraxia oro-facial.

Em sua linguagem, observam-se, de maneira consistente, dificuldades de encontrar palavras e dificuldades predicativas, além de parafasias (fonológicas em especial). Apresentando um quadro afásico de predomínio motor, a produção verbal de MG é, inicialmente, laboriosa, com perseveração, produção de parafasias de várias naturezas (inclusive deformantes ou “neologizantes”). MG comumente chama a atenção, de maneira humorada, para suas dificuldades de produção, em especial às fonético-fonológicas. Embora proceda a operações epilinguísticas, por vezes MG demonstra dificuldades de proceder a processos inferenciais.

Durante as atividades do CCA, não são raras as ocasiões em que MG introduz o tópico da discussão. Ela sempre opina sobre temas polêmicos que integram a pauta das reuniões, como também são frequentes seus relatos sobre viagens realizadas ao litoral com a família. Para conseguir completar o turno conversacional, MG produz alongamentos vocálicos que, muitas vezes, servem para contornar sua dificuldade de acesso lexical. Também observamos, diversas vezes, atividades de "escrita no ar" como estratégia conversacional e evocação lexical. MG integra o CCA desde 2001.

NS

NS é uma senhora brasileira, destra, casada, prendas domésticas, nascida em 28/12/1959, na cidade de José Bonifácio, em São Paulo. Cursou os primeiros anos do

ensino fundamental, e atualmente reside no município de Sumaré (SP). Em 03/05/1999, apresentou uma forte dor de cabeça e hemiparesia à direita, recebendo atendimento no Hospital das Clínicas da Unicamp. De acordo com o exame neurológico realizado neste hospital, NS apresentou um quadro de afasia transcortical decorrente de um Acidente Vascular Encefálico isquêmico à direita. NS, além disso, apresenta um déficit motor à direita. No exame de Eletroencefalograma (EEG), NS apresentou um distúrbio na região fronto-temporal esquerda, indicando lesão estrutural na região.

Em termos neurolinguísticos, caracterizam o quadro afásico de NS dificuldades de acesso lexical, expressão verbal do tipo telegráfica, com supressão de palavras funcionais, má seleção de morfemas gramaticais e predominância de substantivos (em detrimento de verbos). Tal quadro caracteriza uma afasia de domínio expressivo. Em função do seu quadro afásico, ela suprime palavras funcionais, principalmente flexões verbais, pronomes e conjunções, e realiza repetições para garantir a coesão em suas narrativas.

NS participa do desenvolvimento do tópico e realiza sobreposições ao turno de outros participantes do CCA, especialmente nas ocasiões em que tem alguma dúvida sobre o tema discutido. NS mantém uma relação estreita de amizade com SI, e bom entrosamento com os demais integrantes do CCA. Participa do CCA desde 2001.

MS

MS é um senhor brasileiro, destro, nascido em 17/01/1946, divorciado, professor de curso pré-vestibular, nível superior completo (Letras). Atuou como jornalista e ator de teatro. Antes do AVE, MS lia e escrevia muito, nos mais variados gêneros textuais. Depois do episódio neurológico, MS não deixou de frequentar cinemas, teatros e apresentações musicais e costuma viajar com frequência, inclusive para o Exterior. MS apresenta, como seqüela DO ave, déficit motor em domínio direito e afasia motora. Em exame clínico, foi diagnosticado afasia e marcha parética, mantendo hemiparesia direita com sinais de liberação piramidal (Hoffman e Babinski à direita). A

tualmente, continua lendo, porém não apresenta a mesma proficiência anterior. Caracteriza sua afasia dificuldade para encontrar palavras, perseverações, disartria leve, além de hemiparesia à direita – o que dificulta sua escrita, por ser destro.

MS é bastante engajado nas atividades do grupo e sempre brinca, faz piadas com os outros integrantes. Suas intervenções durante o desenvolvimento do tópico são, na maioria das vezes, revestidas de ironia e humor, o que às vezes provoca risos durante os encontros. MS integra o CCA desde 2004.

MN

MN é uma senhora portuguesa, destra, dona de casa, nascida em 24/09/1927, na cidade Riveira do Espanha, Portugal. Em 26/06/1999, apresentou uma forte dor de cabeça e hemiparesia à direita completa, sendo, em seguida, encaminhada para o Hospital de Clínicas da Unicamp. De acordo com o exame neurológico apresentado nesse hospital, MN apresentou um quadro de afasia transitória decorrente de infarto cerebral na região da cápsula interna à esquerda, cujos traços proeminentes são uma hemiparesia à direita, dificuldade de evocar palavras (WFD) e produção de parafasias.

MN participa das atividades de forma engajada e frequenta o CCA desde 2002.

RL

RL é um senhor brasileiro, casado, destro, nascido em 24/02/1957, pai de três filhos. É natural do Espírito Santo, mas reside em Campinas há algum tempo, é um engenheiro elétrico aposentado. Em 1994, sofreu um acidente vascular encefálico que o deixou com alterações de ordem motora e de linguagem.

Em relação à fala, a sua maior dificuldade reside na evocação de palavras, apresentando anomias que tornam o seu discurso laborioso. Além disso, comete parafasias, em geral, fonológicas e semânticas.

RL é um participante ativo dentro do grupo, sempre expondo questões relacionadas a sua vida antes do evento neurológico e também sua opinião sobre os temas discutidos nas

reuniões. Deste período que foi escolhido para a seleção dos dados, RL foi o último participante afásico a integrar o grupo. Participa das reuniões do CCA desde 2009.

VM

VM é uma senhora brasileira, destra, nascida em 11/08/1959, viúva, mãe de três filhos. É natural de Piracicaba, interior de São Paulo, onde mantém residência até hoje. Coursou até o 3º ano de faculdade de Terapia Ocupacional, porém até pouco tempo antes de ser acometida pelo AVE, trabalhava como artista plástica, realizando trabalhos em cerâmica. Em maio de 2008, VM sofreu o AVE. De acordo com o exame de ressonância magnética realizado em maio de 2001, nos lobos parietal e temporal esquerdo, região insular, há áreas de gliose com atrofia do córtex adjacente. No lobo parietal esquerdo, giro supra-marginal, observam-se formações tubulares e filiformes, com hipossinal e áreas de gliose de permeio adjacente, causando efeito de retração de córtex e região subcortical.

O AVE de VM resultou em uma afasia de predomínio expressivo, com hemiparesia à direita que dificulta o ato motor, apraxia oro-facial e dispraxia construcional. Em sua linguagem, observam-se dificuldades de encontrar palavras (WFD) e dificuldades predicativas, além de parafasias (fonológicas, em especial). No entanto, com apoio visual, VM consegue evocar mais facilmente as palavras, ainda que mesmo assim cometa algumas parafasias.

A participação nas reuniões do CCA por parte de VM iniciou-se no ano de 2007. Devido às dificuldades de ordem expressiva, VM mantém-se mais reservada durante as discussões, porém, quando é solicitada, realiza intervenções pertinentes e colaborativas. Faz uso de estratégias de escrita na mesa frente às dificuldades de encontrar palavras e se beneficia bastante desse recurso.

EC

EC é uma jovem brasileira, destra, casada, nascida em 14/07/1976, mãe de um filho nascido após episódio neurológico. Reside em Sumaré e, em relação à escolaridade, tem curso técnico incompleto em Farmácia. Em 1997, aos 21 anos de idade, EC teve um aneurisma cerebral com rompimento em área fronto-parietal à esquerda, e, em consequência disso, precisou colocar um clipe metálico supra-siliar à esquerda.

Em relação às informações de linguagem, apresenta como hipótese diagnóstica uma afasia motora com oscilações na fala, hesitações, prolongamentos, dificuldades de repetição, perseverações (fala com frequência alta o segmento “le”²¹ que, muitas vezes, funciona como *prompting* para evocação de palavras diversas, ou preenche espaços no discurso quando não consegue resgatar a palavra desejada), realiza ainda muitas parafasias verbais e fonológicas.

É uma das participantes que ingressou há menos tempo no grupo, frequentando o CCA desde 2009. No entanto, está sempre engajada nas discussões, emitindo opiniões e realizando intervenções.

LM

LM é um senhor brasileiro, destro, nascido em 10/09/1957, divorciado e pai de três filhos. Reside em Campinas, mas é natural de Borda da Mata, Minas Gerais, metalúrgico aposentado, cursou até a 4ª série do primeiro grau. Em 1986, aos 28 anos de idade, sofreu um Acidente Vascular Encefálico hemorrágico, com edema na região temporal à esquerda, insultando a região da cápsula interna e lesão provavelmente subcortical. Na avaliação neuropsicológica, diagnosticou-se uma hemiparesia espástica acentuada à direita e uma afasia de predomínio expressivo (eferente), com hesitações, parafasias fonológicas, perseverações e alterações de prosódia.

Nas reuniões do grupo, LM participa de forma tímida das discussões. É, normalmente, convocado pelos outros integrantes para que emita suas opiniões e impressões sobre algum tema. Devido às suas dificuldades de linguagem, necessita, em algumas ocasiões, de auxílio do interlocutor para completar a frase. Frequenta as reuniões do CCA desde 1988, porém esteve ausente por 4 anos, devido a problemas familiares. Retornou ao grupo em 2007.

Abaixo, procedemos à descrição dos sujeitos não-afásicos que integram e fazem o Centro de Convivência:

²¹ Para uma descrição mais completa e o esclarecimento de outras questões sobre este fenômeno, ver o trabalho de Epifânio e Morato (2010) intitulado “Descrição e análise do estatuto linguístico da partícula “LE” na fala de um sujeito afásico como recurso de reconstrução de linguagem”.

EM

EM é professora-associada do Departamento de Linguística do IEL – Unicamp. Coordena as atividades do Programa de Linguagem e se responsabiliza de maneira institucional pelo CCA. Geralmente, é ela quem “oficialmente” dá início às atividades no momento em que todos estão sentados à mesa, introduzindo ou organizando os tópicos e procurando distribuir os turnos ao requerer dos afásicos a participação nas discussões do tópico e na gestão das atividades desenvolvidas pelo grupo (como o jornal, o cineclube, as discussões etc.). A professora foi um dos membros fundadores do CCA em 1989, e coordena o grupo aqui analisado desde 2002.

HM

HM é fonoaudióloga, mestre em distúrbios da comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutora pela Unicamp na área de Neurolinguística. Durante o seu doutorado, HM passou a acompanhar as atividades do CCA. Entre 2001 e 2003, a pesquisadora observou as interações do grupo através de um espelho espião em uma sala anexa à sala de convívio (equipada com cozinha e banheiro) onde ocorrem os encontros semanais do CCA. Posteriormente, em 2004, HM participou dos encontros como observadora responsável pelo registro das atividades do grupo. A partir de 2005, passou a integrar o grupo participando das atividades do Programa de Linguagem.

EG

EG é fonoaudióloga, mestre em Gerontologia pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e doutora em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp (2011). Participa dos encontros como observadora responsável pelos registros escritos das atividades ali desenvolvidas.

JS

JS é fonoaudióloga, mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e doutoranda em Linguística no Instituto de Estudos da

Linguagem (IEL/Unicamp). Participou dos encontros do CCA de agosto de 2008 a dezembro de 2009, como observadora responsável pela captação e registros audiovisuais.

PL

PL é estudante de graduação em Pedagogia. De fevereiro a junho de 2009 foi bolsista-trabalho (SAE/Unicamp), orientada pela professora Edwiges Morato, ficando responsável pela organização e registro do material empírico vídeo-gravado no CCA, desde o tratamento de dados até a discussão e estudos de aprofundamento sobre técnicas de filmagem.

4.3 A constituição do *corpus*

O processo de coleta dos dados se deu a partir da participação semanal nos encontros do CCA, entre os anos de 2008 e 2009, em que foram realizadas gravações a partir de duas câmeras de filmagem em diferentes ângulos, com o objetivo de captar as melhores imagens para a análise, prática esta que já faz parte da rotina metodológica dos encontros do CCA. Neste período, de outubro de 2008 a outubro de 2009, foram tomados para análise 32 (trinta e dois) encontros do CCA com duração de 3 (três) horas cada um deles, totalizando, em torno, de 96 (noventa e seis) horas de gravação, dos quais foram extraídos os 10 (dez) dados conversacionais analisados. Os arquivos foram armazenados em um HD externo, após terem sido digitalizados em formato *.wmv*, e foram transcritos seguindo normas universais de estudos textuais e conversacionais da língua falada. O processo de transcrição aqui adotado leva em consideração não apenas os aspectos falados da língua, mas também os fenômenos não-verbais, uma vez que os falantes normalmente fazem uso desses recursos para melhor se fazer entender. No caso dos afásicos, por apresentarem dificuldades específicas de linguagem, utilizam-se bastante dessas estratégias, tais como gesto, mímica facial, escrita para comunicar. O processo de transcrição é lento e requer bastante atenção e cuidado por parte do investigador. E, por se tratar de conversações em grupo, em que há muitas sobreposições de vozes e várias atividades ocorrendo ao mesmo tempo, o trabalho torna-se ainda mais complexo.

A partir das transcrições, foram observadas as ocorrências de *prompting* entre afásicos e não-afásicos e entre afásicos e afásicos, para a descrição e análise das suas características e especificidades. A partir de situações de conversação em grupo, em formato de reuniões informais, extraímos fragmentos conversacionais em que houve ocorrências do fenômeno em investigação. Para a identificação da estratégia, selecionamos situações em que havia atividades de buscas de palavras e dificuldades de nomeação e seleção lexical. A escolha desses momentos interacionais se deu porque, durante essas situações, verificamos maior probabilidade de emergência do fenômeno aqui investigado e das sequências conversacionais.

Para esta pesquisa doutoral, foram selecionados 10 (dez) extratos conversacionais, nos quais foi possível identificar a emergência de diferentes tipos do fenômeno ora investigado, entre diferentes sujeitos interactantes. Esta escolha, em relação ao tamanho do *corpus*, é justificada pelo fato de ser uma amostragem que dá suporte ao tipo de procedimento metodológico por nós elencado, isto é, um trabalho essencialmente de cunho qualitativo que contém um respaldo quantitativo, apenas com o objetivo de demonstrar melhor e de forma mais didática os resultados obtidos.

Abaixo, apresentamos de forma esquemática os fragmentos que foram analisados, juntamente com algumas caracterizações informacionais. Com esta tabela, resumimos alguns pontos sobre os encontros analisados e, de forma bastante breve, as categorias de *prompting* que neles foram identificados.

	Encontros	Participantes	Categorias de <i>prompting</i>
Dado 1	16/10/2008 – Renovação da habilitação	Afásicos: NS e MG Não-afásicos: HM	- Sequências <i>de hint and Guess</i> (<i>Prompting</i> gestual/ escrita: MG → HM)
Dado 2	23/10/2008 – Assassinato em Alagoas	Afásicos: MS, MG e NS Não-afásicos: HM	- <i>Prompting</i> contextual (HM → MS) - <i>auto-prompting</i>

			gestual escrito (MG)
Dado 3	12/03/2009 – A história dos gêmeos	Afásicos: EC, RL, MG e MS Não afásicos: EM e HM	- Sequências de <i>hint and Guess</i>
Dado 4	12/03/2009 – Qual o seu time?	Afásicos: RL, MG, SI e MS Não-afásicos: EM e HM	- <i>Prompting</i> contextual (EM → RL) - Sequências de <i>hint and guess</i>
Dado 5	16/04/2009 – Cine CCA	Afásicos: EC, MS e MN Não-afásicos: EM, HM e JS	- Sequências de <i>hint and guess</i>
Dado 6	23/04/2009 – A história do cabelereiro	Afásicos: LM, EC, e MS Não-afásicos: EM	- <i>Prompting</i> de expansão - Sequências de <i>hint and guess</i>
Dado 7	18/06/2009 – A ausência de MG	Afásicos: MS Não-afásicos: EM	- <i>Prompting</i> gestual (MS → EM)
Dado 8	27/08/2009 – O jornal do CCA	Afásicos: LM, RL, MS e EC Não-afásicos: EM e HM	- Sequências de <i>hint and guess</i>
Dado 9	10/09/2009 – O final da novela	Afásicos: VM e EC Não-afásicos: EM, HM e JS	- Sequências de <i>hint and guess</i> - <i>Prompting</i> contextual - <i>Prompting</i> expansivo

Dado 10	22/10/2009 – Fotografia da neta de SP	Afásicos: SP, MS, VM e RL Não-afásicos: EM	- <i>Prompting</i> gestual escrito (SP → EM)
----------------	---	--	---

Quadro 2 – Sumarização dos dados analisados nesta tese

CAPÍTULO 5

ANÁLISE DE DADOS

O capítulo referente à análise dos dados congrega, além das análises e discussões dos dados da tese, a apresentação do *corpus* em sua forma íntegra, isto é, os extratos conversacionais e, além disso, a descrição do contexto em que emergiram os fenômenos linguísticos em suas diferentes configurações.

Tendo em vista o exposto, serão apresentados, a seguir, os dez fragmentos de conversação, juntamente com a sua análise. Também serão realizadas a identificação e a descrição da emergência do *prompting* nos contextos situacionais em que foram encontrados.

5.1 Apresentação dos dados

DADO 1

Corpus: *AphasiAcervus*²² (16/10/2008)

Contexto: *Encontro com a presença dos afásicos NS e MG e da pesquisadora HM. Trata-se de um pequeno trecho no qual a afásica MG explica a mais duas participantes do grupo, HM e NS, a localização do posto onde ela realizou a renovação de sua carteira de motorista.*

01	NS	São Paulo? ((tentando entender onde ficava o
02		posto do poupa tempo))
03	MG	não
05	HM	<i>um endereço?</i>
06	MG	não
07	NS	campinas?
08	MG	campinas ((afirmando))
09	HM	mas qual o endereço?
10	NS	[você não sabe a rua? ((MG faz o gesto de que
11		vai tentar escrever e HM incentiva))
12	HM	faz ((afastando os objetos da mesa para que MG

²² Acervo de dados linguístico-interacionais de interações envolvendo sujeitos afásicos, relativos aos encontros do Centro de Convivência de Afásicos (CCA) registrados em vídeo. Os dados do acervo encontram-se hoje digitalizados e transcritos, apresentando-se assim como um rico material áudio-visual do qual se pode extrair um *corpus* representativo de distintas interações relativas a múltiplas práticas sociais nas quais emergem uma variedade importante de fenômenos linguísticos, aos quais os membros do Grupo de Pesquisa COGITES se dedicam, individual e coletivamente. (<http://cogites.iel.unicamp.br>)

13 escreva))
 14 ((MG escreve na mesa CAM e logo em seguida fala))
 15 MG **campinas** ((fala como se ainda faltasse outro
 16 **item para o entendimento do local**))
 17 HM hum-rum
 18 MG Fica na...((tenta explicar fazendo gestos com a
 19 mão))
 20 NS **barão?**
 21 MG não
 22 HM **fica perto da sua casa?**
 23 MG não ((fazendo o gesto com a mão tentando
 24 explicar))
 25 HM fica longe? Shopping?
 26 MG shopping ((falando com dificuldade))
 27 HM galleria?
 28 MG não
 29 HM iguatemi
 30 MG não
 31 HM nova campinas/ shopping campinas?
 32 MG ISSO
 33 HM lá no:: na saída da Anhaguera...tem um posto
 34 lá?
 35 MG ISSO
 36 HM ah:...ok...sabe porque né?
 37 ((MG faz que sim com a cabeça))
 38 HM porque antes você fez cam-pi-nas...que deu
 39 campinas shopping

Neste fragmento, a afásica MG está engajada numa conversa com o grupo, tentando explicar aos demais onde realizou mais fácil e rapidamente a renovação de sua carteira de motorista. Assim, o seu objetivo principal na interlocução, no extrato que pode ser acima visualizado, é que seus interlocutores saibam o local exato onde realizou o processo de renovação. Ao perceber que MG está com dificuldades para conseguir explicar, o grupo se solidariza e fornece uma série de indicações para auxiliá-la, isto é, uma série de questionamentos para que MG os valide ou não e consiga indicar do que se trata o seu enunciado. Apesar de conseguir estreitar de certa forma, a ampla gama de possíveis lugares para a realização do procedimento a partir das inferências do grupo, MG não consegue chegar à evocação do local.

Quando NS sugere a cidade de Campinas, MG concorda. Em seguida, HM pergunta sobre o endereço do local, mas MG desvia da dica sugerindo que não se trata da cidade de Campinas, especificamente. Em seguida, MG faz o gesto da escrita na mesa das letras, compondo a sílaba CAM, que remonta à palavra Campinas, apontando para o lado e indicando que falta uma palavra. Após uma série de tentativas e da insistência de MG em fornecer a informação ao grupo, HM, que também mora em Campinas e conhece os locais

de renovação da habilitação, pergunta se se trata de um *shopping* e MG concorda. Após elencar os *shoppings* mais conhecidos da cidade, chega ao objetivo de MG que é o “campinas *shopping*”. A palavra *shopping*, então, emerge como complemento faltante na sentença de MG.

É possível perceber neste dado que, ao fazer uso de um *prompting*, na realidade, disponibilizando um *prompting* aos seus interlocutores, MG consegue se fazer entender. A partir dos processos de significação verbais e não-verbais, isto é, de um *continuum* escrita-gesto-fala demonstrado por MG, HM a consegue entender e constrói junto com ela o enunciado e também a construção referencial.

É importante ressaltar que a conversação não progride enquanto MG não consegue explicitar o nome do local e com isso identificar o referente textual; o *prompting* é então acionado como estratégia para a manutenção do fluxo conversacional.

DADO 2

Corpus: AphasiAcervus (23/10/2008)

Contexto: Neste fragmento, os participantes estão comentando sobre o assassinato, em São Paulo, de uma jovem que repercutiu em todo o País. O tópico conversacional gira em torno da reviravolta do mesmo caso quando, após ter aparecido na televisão, o pai da vítima foi identificado como sendo um foragido da polícia, suspeito de ter assassinado um delegado em Alagoas. Participam desse extrato conversacional os afásicos MS, MG e NS e a pesquisadora HM.

01 HM ((comentando sobre o caso do assassinato da
02 menina Eloá)) mas ele:: aí o que eu eu sei é
03 que/ o que o MS tava falando também/ não sei se
04 vocês viram/é que depois quando a menina morreu
05 e etcetera...com isso quem é que aparece? A
06 família.
07 MS éh
08 HM na hora que a família aparece...foram descobrir/
09 NS mas qual?
10 HM o pai...a mãe da menina...
11 NS ah tá...ah tá
12 HM descobriram que este pai estava usando um nome
13 falso
14 ((todos concordam))
15 HM e **esse nome falso estava sendo usado porque**
16 **ele...**((HM dá aos seus interlocutores um
17 prompting oral a fim de obter um retorno do seu

18 conhecimento à respeito do assunto partilhado e é
 19 acolhido por MS))
 20 MS matou A-la-go-as ((falando com dificuldade))
 21 HM em Alagoas ele tinha cometido/ele é
 22 suspeito...na verdade...ele tinha sido condenado
 23 né...mas ele era...não é compro/ ele participou
 24 da morte/
 25 participou do assassinato de um político não é
 26 isso? em Alagoas...e aí ele::
 27 MG **Foi um um ((discordando de HM e fazendo o gesto**
 28 **da escrita da letra D na mesa)) delegado**
 29 HM era um delegado?
 30 MS éh éh...
 31 HM e aí ele tá /ele tava foragido...e agora ele tá
 32 foragido de novo.

No dado acima, observamos dois tipos diferentes de *promptings*. Na linha 15, a pesquisadora HM incita, propositalmente, os participantes ao não completar a sua frase, fazendo com que MS complemente o resto da informação e assumo, por ora, o papel de locutor, caracterizando, assim, um *prompting* contextual. Com isso, tem o objetivo também de checar o conhecimento por parte da sua audiência sobre o assunto que está sendo comentado e estimular o engajamento de todos no tópico conversacional. Além disso, trata-se do tipo de *prompting* que se assemelha àquele que, mais comumente ocorre e é utilizado na clínica fonoaudiológica. É possível verificar que por mais que, muitas vezes, nesse formato em que se apresenta, o fenômeno venha a ser identificado como um mecanismo automático de resposta ao estímulo verbal, também ele vem a ser um ponto central, em um contexto de conversação, de engate do encadeamento discursivo, essencial para a construção do referente.

Em outro momento desse fragmento, na linha 27, o *prompting* acontece de maneira totalmente diferente. Neste caso, a afásica MG, ao perceber que HM evocou e forneceu uma informação errada sobre o fato relatado, toma o seu turno conversacional a fim de corrigi-la. Porém, devido à dificuldade de evocação oral, se serve do gesto da escrita para conseguir, através da visualização da primeira letra da palavra pretendida, enunciar. Neste episódio, visualiza-se o processo reflexivo da própria linguagem mobilizado pela afásica, ao prever a dificuldade em iniciar a verbalização do enunciado, quando realiza hesitações durante a formulação e modifica a modalidade de linguagem oral para a pista escrita da palavra-alvo.

O uso do gesto da escrita como *prompting* para a fala tem um impacto no fluxo da fala, com diminuição de interrupções, de pausas longas, hesitações. Outro impacto é o interacional, desde que o fluxo de fala interfere na dinâmica conversacional. Além disso, permite que o enunciado seja realizado pelo próprio sujeito não sendo necessário, neste caso, a intervenção do interlocutor para a ocorrência da evocação. Muitas vezes, quando ocorre essa intervenção, a conversação se torna mais extensa devido à dificuldade do interlocutor em captar as pistas contextuais para a interpretação e acesso ao conteúdo informacional requeridos pelo falante.

DADO 3

AphasiaAcervus (12/03/2009)

Contexto: *Os integrantes do grupo estão relembrando e discutindo os fatos ocorridos durante a última semana, prática esta integrante do quadro metodológico desenvolvido no CCA. Estão falando especificamente sobre um caso que ocorreu em São Paulo em que uma mulher, que estava grávida de gêmeos, deu à luz somente uma criança. Participam da cena enunciativa os afásicos EC, LM, RL, MG e MS e os não-afásicos EM e HM.*

01 EM nossa que história! você sabia- cê cê viu essa história
02 lázaro?
03 EC NÃO! o o outra ca- che chega cabou
04 LM vi
05 EM essa história acabou
06 EC outra bebê UM um: bebê tira o bebê e::
07 EM a mulher foi pr'hospital
08 ((fazendo gesto))
09 EC EH EH ih: dois né?
10 EM grávida de dois? (.) e só saiu com um?
11 (mostrando os dedos)
12 EC eh::ihihihih
13 MS hehehe
14 HM como que aconteceu essa história? não sei essa
15 RL foi on on hoje
16 HM ontem?
17 EM mas foi onde essa história em são pa::u
18 RL **em são paulo aqui na no** a juíza né? (...)
19 EC **lá no:: (.) aqui no::**
20 RL **em que cidade?**
21 EM eh: no:: (0.3)
22 RL campinas não né?
23 EC Não são paulo
24 RL são paulo mesmo?
25 HM são pa::ulo
26 EC

27 EM mas ela ela de maneira comprovada ela tava grávida de
 28 dois?
 29 RL num sei [porque o::
 30 EC [é dois (...) são tudo aí
 31 EM ninguém sabe?
 32 MG °dois° ((MG mostra os dedos dizendo que é dois))

Neste extrato conversacional, é possível observar diversos tipos de ações colaborativas/cooperativas por parte dos interlocutores na construção de um objeto de discurso²³ comum que possibilite a compreensão do enunciado e, conseqüentemente, a continuidade tópica.

EC introduz uma nova notícia para que o grupo comente e agregue informações. Na linha 14, HM diz que não ouviu falar na história e pede que os integrantes narrem como aconteceu o caso. O afásico RL inicia a sua narrativa e EM o indaga sobre o local em que a história aconteceu. Neste momento, RL demonstra dificuldade para responder ao questionamento de EM, produzindo uma série de hesitações, destacando uma busca de palavra, no caso o nome da cidade, como é possível observar nas linhas 18 e 20. Ao se dar conta da dificuldade de RL, EM e a afásica EC disponibilizam, em formato de perguntas, pistas semânticas de forma cooperativa com o objetivo de auxiliá-lo em sua busca.

Primeiro, EM colabora com uma pergunta de expansão “em que cidade?” A partir da análise do texto já enunciado por RL, é possível interpretar que EM faz esta inferência com base no conhecimento de que RL já havia mencionado que o caso tinha ocorrido em São Paulo. EM supõe que ele estava se referindo ao estado de São Paulo e que, então, a sua dificuldade está em evocar o nome da cidade. EC, atenta ao diálogo e percebendo que RL continua sem conseguir acessar o nome da cidade, intervém, na linha 23, fazendo uma pergunta de caráter eliminatório, isto é, com o intuito de eliminar determinada cidade do leque de possibilidades e, dessa forma, deixar todas as outras possibilidades em aberto para que RL escolha aquela que for a correta. Neste momento, RL rejeita de maneira enfática a sugestão de EC e produz o nome da cidade: São Paulo. A estratégia utilizada por EC assemelha-se àquela de “*guess*”, como proposto por Lubinski, Duchan & Weitzner- Lin

²³ Os objetos do mundo, aos quais o discurso faz referência, são “objetos constitutivamente discursivos” gerados na enunciação; ou seja, eles se elaboram numa atividade discursiva, não fazem uma simples remissão lingüística, pois não se trata de uma ação de representação do mundo, mas de uma construção desse mundo por meio do discurso. Os objetos de discurso são elaborados pelos interlocutores, em um processo dinâmico e intersubjetivo, apoiado em práticas discursivas e cognitivas situadas social e culturalmente, bem como em negociações que se estabelecem no campo das relações interacionais (Cf. Mondada, 2003).

(1980). Aqui, a forma como EC elaborou a pergunta permitiu que RL, ao rejeitar a sua hipótese, conseguisse recuperar e evocar de forma seletiva a palavra-alvo. O que parece ter acontecido durante este episódio é que as sugestões dadas pelos interlocutores colaboraram para que RL conseguisse acessar a palavra “São Paulo”.

Há vários processos interessantes para se analisar nesta primeira parte do extrato conversacional. O primeiro que nos chama atenção é o fato de RL, antes de apresentar a dificuldade para encontrar a palavra voluntariamente, já a ter enunciado. No entanto, o “São Paulo” a que RL e EM se referiam inicialmente era o estado de São Paulo. Isto nos permite afirmar que não se trata de uma dificuldade de ordem articulatória (fonológica), mas uma dificuldade em relação ao acesso semântico-lexical. Um outro aspecto interessante é a diversidade das pistas disponibilizadas para RL e a efetividade daquela dada por EC. A pista dada pela afásica EC foi o “gatilho”, isto é, a pista que possibilitou que o afásico ao corrigi-la, isto é, ao rejeitar a cidade por ela proposta, conseguisse enunciar a palavra. O enunciado, mesmo sendo rejeitado, como ocorreu à proposta feita por EC, pôde contribuir para a organização da linguagem do outro. No caso do extrato acima transcrito, ao rejeitar a opção oferecida por EC, RL é obrigado a realizar um reparo e, assim, num percurso semântico-pragmático, proceder à informação correta.

DADO 4

AphasiaAcervus (12/03/2009)

Contexto: *Na cena enunciativa em questão os participantes do grupo estão discutindo sobre as principais notícias ocorridas na última semana. No extrato transcrito abaixo o assunto é o time de futebol que venceu o jogo. A partir daí, EM indaga alguns participantes a respeito do time pelos quais eles torcem. Participam do episódio os afásicos RL, MG, SI e MS e as participantes não-afásicas EM e HM.*

01 EM quem é mais *corinthiano* na sua casa? a a alda é
02 *corinthiana*?
03 SI não ((balança a cabeça))
04 EM só ocê?
05 SI não eh o o o: itaya também
06 EM o itaya também é *corithiano*? cê assistiu o jogo?
07 SI °eu° nu:: num: num assistí não
08 EM mas cê viu o resultado?
09 SI o:: resultado eu vi

10 EM tem esse jogador o ronaldinho agora (...)- você é
11 *corinthiano* não?((pergunta para RL))
12 RL °não°
13 EM e você (.) você também não_↑ né? ((perguntando para MG))
14 MG ((faz o sinal de não com a cabeça))
15 RL |o o::
16 MS |ah ah <<guarani>> <<guarani>>
17 RL não eh:: *botafogo* eu
18 EM é *botafoguense*
19 RL **eh:: o:: filho eh:: (0.3) o::corin- não o outro**
20 MS <<**bugre**>>
21 RL **não o::**
22 MS **bugre**
23 RL não *bugre* mas eh:: ((faz gesto com a mão indicando que
24 se trata de outro time))
25 MS *guarani* (0.3)
26 RL não calma calma (.)
27 EM ele vai hehehe
28 RL eh::
29 EM **você falou a palavra filho?**
30 RL é
31 EM como assim filho? filho do que do time principal não
32 entendi filho do que (.)
33 RL não filho: eh:: MEu filho
34 EM ah isso!
35 MS hahaha
36 EM ahn?
37 RL eh::
38 EM **ah você é bo *botafoguense* e o teu filho_↑**
39 RL eh: e a minha filha eh::
40 EM ***corinthiano*?**
41 RL não ((pedindo ajuda))
42 HM °*guarani*° *guarani*
43 MS <<**guarani**>>
44 RL não co-
45 HM ***ponte pre-?***
46 RL NÃO *corinthiano* não foi:
47 HM ***ponte preta?***
48 MS °não°
49 EM você tem que escrever com:: você tem uma caneta pra
50 emprestar pra ele shizue?
51 HM ***palmeiras?***
52 EM aí
53 RL ***PALMEIRAS***
54 HM ai desculpa
55 MG ahn
56 RL *palmeiras*
57 EM ah::

Na cena enunciativa acima apresentada, é possível identificar uma busca de palavra, fenômeno de interesse para o nosso trabalho, RL, o afásico que era o mais recente integrante do grupo, está tentando falar para os outros participantes o time pelo qual o seu filho torce. A busca pelo nome do time inicia-se na linha 19 e continua até a linha 53.

Durante todo o período em que está tentando dizer o nome do time de seus filhos, RL recebe de três diferentes interlocutores, afásicos e não-afásicos, hipóteses acerca do possível referente, a palavra-alvo. MS inicia a série de hipóteses fornecendo o nome dos times de Campinas, cidade em que RL reside.

EM, então, realiza uma intervenção, um questionamento que opera como organizador e esclarecedor do evento, tentando entender melhor o que RL está pretendendo evocar. Para isso, solicita que RL explique melhor, pois ela ainda não estava conseguindo entender o que ele queria dizer. Quando RL iniciou o subtópico, evoca apenas a palavra “filho”, então EM pede que ele especifique o referente textual. Neste momento RL explica que se trata do time do seu filho aquilo o que ela tenta enunciar.

Na linha 38, EM reformula a informação produzida por RL e fornece um *prompting* contextual (cf. Benson e Ardila, 1996) de caráter responsivo-automático para que RL complete com a palavra apropriada. Ele realiza uma expansão da frase acrescentando “e minha filha” para dizer que o time refere-se não só ao time do seu filho, mas também ao da sua filha, porém, ainda não consegue evocar a palavra pretendida. Mais uma vez, os interlocutores fornecem uma série de opções (nas linhas 40, 42, 43, 45 e 47), as quais RL rejeita. Neste momento, RL tenta, através do gesto da escrita na mesa, fornecer uma pista para que seus interlocutores possam ajudá-lo. HM, atenta ao *prompting* gestual, então, fornece oralmente a todos o nome do time: Palmeiras. RL repete a palavra, confirmando e aceitando a palavra sugerida, e consegue, nesse momento, oralmente, fornecer a palavra-alvo e realizar seu intento comunicativo.

DADO 5

AphasiaAcervus (16/04/2009)

Contexto: *Na cena enunciativa que se segue, os participantes estão às voltas com a escolha do próximo filme a ser apresentando no “Cine CCA”. Neste momento, a afásica EC está tentando lembrar o nome de um filme que assistiu e gostou bastante. Na realidade, aqui, a afásica está tentando recuperar o nome de um outro filme mais antigo no qual o ator do primeiro filme também atuou. Participam da cena enunciativa os afásicos EC, MS e MN e os integrantes não-afásicos HM, EM e JS.*

01 EC sabe le le /moner/? /moner/
02 HM a mulher?
03 EC sabe o filme /moner/ né? (.) le homem
04 HM o homem o- o homem do fil-
05 EC [NOssa /MOner/ sabe o filme /moner/?
06 HM [o filme?
07 EM [pra passar agora?
08 EC e: le no
09 HM /moner/?
10 EC nã::o le /moner/ le:: ai meu::
11 MS [<<mulher>>?
12 EC é /moner/ noss- **homem** /mon::/ eh:: **filme** /moner/
13 HM mulher
14 EC é
15 HM mas que filme você tá falando?
16 MN não é um homem que o representa?
17 EC nã::o meu deus eh:: ai meu deus **le bolsinha** ((fazendo
18 gesto)) entendeu? **le chamar** (.) **le carro entrar**
19 JS uma linda mulher?
20 EC é! é
21 EM é o quê?
22 JS uma linda mulher
23 EC é é: e:: verdade e
24 MS huh huh ((levanta a mão pedindo a palavra))
25 EM sei
26 EC entendi ser le no natal la natal **homem três homem** mon-
27 **três dançar le eh:: dançar** alf- sal e:: tsc
28 EM vários tipos de dança?
29 EC é:: **dança le três /mino/ gordinho outro e magrinho e e o**
30 **menino /moner/ homem**
31 EM isso é o quê? um espetáculo que você assistiu?
32 EC nã:o le filme são MInas minas assisti LE:gal
33 EM cê assistiu em minas?
34 EC é é ma- novinho tudo aí oh
35 EM você sabe o título do filme?
36 EC eu num se- o nossa **le trem** tudo aí nossa oia (.) **le passa**
37 **trem assim ne sozin-**
38 EM ah é uma comédia?
39 NS é é nã-
40 HM não já sei qual que é com richard gere (.) e esse filme
41 que ele tá no metrô ele passa por um salão de baile
42 EC no:ssa verdade é
43 JS ah quer dançar comigo
44 HM é vem dançar comigo
45 EC é:: NOssa
46 HM aí ele vai aprender a dançar no salão né isso?
47 EC eh le três menino e o- NO::ssa graças a deus
48 EM hehehe tá (.) [cê tá-
49 NS [você quer falar e não consegue
50 EC legal
51 EM [tá (.) deixa eu ver (.) cê tá sugerindo
52 EC [num sei nome não sei nada hehehe
53 EM ô evandra ô evandra cê tá sugerindo que a gente passe no
54 no cine clube=
55 EC [é eu qu- QUero
56 EM =quer dançar comigo?
57 EC huhuh eu quero ver

A busca pelo nome do filme inicia-se com um problema de compreensão devido aos desvios de ordem fonológica realizado por EC ao se referir à palavra “mulher”. Essa alteração causa uma confusão momentânea no início do tópico para a resolução do problema porque EC não parece ter consciência da parafasia produzida, como pode ser verificado na linha 09, quando HM repete a palavra da mesma maneira que é falada por ela e EC a rejeita. Esse é um dado que demonstra como os diferentes tipos de afasias e suas caracterizações específicas podem interferir na atividade conversacional de forma diferente e na própria utilização do fenômeno aqui analisado. A estrutura das sequências de *prompting* nos afásicos é arranjada no decurso do discurso e a depender também das questões de linguagem que se apresentam ao longo desse período.

No entanto, em seguida, na linha 11, o afásico MS, percebendo a produção parafásica de EC realiza uma heterocorreção, repetindo a palavra da maneira correta enfaticamente e, aí sim, ela demonstra perceber a correção e a aceita.

Resolvido esse conflito, os interlocutores iniciam uma série de questionamentos para tentar tornar mais claro aquilo o que EC quer dizer, como é possível observar na linha 15, quando HM a indaga sobre o que é o filme e, na linha 16, em que a afásica MN também realiza uma “*guess*” para tentar esclarecer sobre de que se trata. A pergunta feita por HM aqui pode ser considerada um tipo de pergunta-*prompt*, uma vez que leva a afásica a agir de maneira que torne mais claro para os seus interlocutores o que está tentando evocar.

A partir de então, percebendo que os seus interlocutores estão com dificuldade de entendê-la e, assim, procuram ajudá-la a encontrar as palavras, EC promove uma série de pistas para que algum dos interlocutores possa chegar à solução da sua busca. Essas pistas promovidas por EC fazem com que a participante JS evoque a palavra-alvo. Assim, o *prompting*, nesse caso, ocorre da afásica EC para a não-afásica JS.

Resolvida a primeira parte da informação que está tentando expor ao grupo EC, então, dá continuidade ao tópico sugerido e segue tentando finalizar a sua contribuição. Neste segundo momento, encontra, mais uma vez, certa dificuldade na busca da palavra que deseja evocar. Durante toda a atividade de procura, os seus interlocutores seguem fazendo questionamentos como forma de estruturar o conteúdo disponibilizado por EC e de auxiliá-la na organização e evocação do enunciado. Como, por exemplo, na linha 28 em que EC

produz um enunciado pouco compreensível e EM intervém para ajudá-la, primeiramente com uma questão direta de esclarecimento e depois com uma questão que incita maior explicação e detalhes.

EC segue promovendo pistas do referente que deseja evocar nas linhas 26, 27, 29, 30, 36 e 37 e assim vai construindo uma cadeia de informações que vão permitindo, a partir do conhecimento compartilhando entre os interactantes, que o núcleo da expressão referencial possa ser acessado. É quando, na linha 41, HM, influenciada pelas pistas fornecidas por EC, relata aquilo que EC estava tentando evocar. Aqui, HM atua como “animadora”,²⁴ nos termos de Goffman (2002), da produção de EC, autora do comentário.

DADO 6

AphasiaAcervus (23/04/2009)

Contexto: *Neste extrato conversacional os participantes estão comentando os fatos ocorridos durante a semana. O afásico LM comenta acerca de um acontecimento, mas EM não ouviu falar sobre tal episódio. LM segue, então, explicando o caso ao grupo. Participam do episódio os afásicos LM, EC e MS e a integrante não-afásica EM.*

01	EM	que é que foi lázaro? alguém quer-?
02	LM	eu eu- uma coisa que eu achei incrível (.)
03	EM	ahn?
04	LM	eu queria ser (0.3) o cara que fo:i (.) roubar:: o
05		cabeleleiro
06	EM	ahn
07	LM	sabe?
08	EM	não vi
09	LM	não viu?
10	EM	não (0.3)
11	LM	quando- o cara foi: assaltar
12	EM	ahn (0.3) a cabeleireira?
13	LM	<u>isso</u>
14	EC	ah:: e:: hahaha
15	LM	eh::
16	EM	e aí?

²⁴ Um indivíduo que fala pode desempenhar papéis ou funções em relação aos outros participantes da interação. Porém, segundo Goffman (2002), os conceitos de falante e ouvinte não são suficientes para explicar as posições de participação e a complexidade dos papéis comunicativos. Assim, ao tratar da estrutura de participação, aborda questões ligadas ao ouvinte, e o formato de produção constituirá as questões relacionadas ao falante. O formato de produção é constituído pelos conceitos de animador (quem produz sonoramente o texto), autor (quem produz o conteúdo do texto) e responsável (quem delimita sua posição em relação ao texto).

17 LM ele foi:: *estupado* pela:: hahaha
 18 MS hahaha **como?**
 19 EM hahaha
 20 MS **como?**
 21 EC (...) haha
 22 EM **o cara foi estuprado por quem?**
 23 LM [pela
 24 EC [cabelo
 25 LM é
 26 EC [cabela corta cabelo
 27 MS [<<bebeleira>>
 28 EM **pela cabeleireira?**
 29 LM **pela cabeleireira**
 30 MS hehehe
 31 HM o quê? a notícia?
 32 EM que horror

O extrato tem início com LM fazendo um comentário acerca de um caso que ocorreu durante a semana. Como EM parece desconhecer o ocorrido, LM inicia a narração da notícia.

Na linha 16 é possível identificar uma expressão eliciadora da clarificação, isto é, o que é aqui considerado um tipo de *prompting*, uma expressão empregada com o objetivo de estimular a continuidade textual do interlocutor promovida por EM com o intuito de que LM desenvolva mais o tópico e discorra sobre mais detalhes para a compreensão abrangente do caso e do próprio enunciado. Na linha 17, é possível perceber que LM compreende a solicitação e segue tentando realizar uma explanação mais apurada do caso, mas encontra algum problema para concluir a frase e dizer o autor do “estupro”. Neste momento, fica estabelecida e explícita a dificuldade em encontrar palavras, uma vez que o afásico realiza uma série de hesitações e pausas.

Os fenômenos linguísticos que sublinham o percurso semântico-textual de seleção da palavra para o desenvolvimento da interlocução funcionam como pistas para que o interlocutor identifique, por inferências várias, a necessidade de o falante receber contribuições para finalizar a conversação. Dessa forma, na linha 22, EM faz uma pergunta em sua forma direta para que LM evoque a palavra que ele deixou de enunciar. LM, mais uma vez, inicia a frase, mas realiza uma pausa sem evocar a palavra-alvo. Percebendo a dificuldade de LM em continuar, EC e MS o auxiliam na busca da palavra. Apesar de os afásicos também apresentarem dificuldade para evocar a palavra, eles conseguem dar pistas para que EM possa compreender o que estão tentando dizer e realizar uma “*guess*”.

Assim que EM realiza a “guess”, LM logo a confirma, realizando uma repetição da palavra cabeleireira e, assim, o grupo dá continuidade à narrativa.

DADO 7

AphasiaAcervus (18/06/2009)

Contexto: Neste extrato conversacional, os participantes do grupo estão conversando sobre uma afásica que não compareceu ao último encontro do Centro. MS, afásico, está relatando a sua ligação telefônica para a casa de MG, a afásica ausente, para saber o motivo pelo qual ela não estava indo aos encontros. Participam deste episódio o afásico MS e a pesquisadora e coordenadora do grupo, EM.

01 EM eu falei com a irmã... DEla mas foi na:: semana::
02 retrasada e ela estava Indo para os exames...
03 MS [isso
04 EM e ela não me retornou de novo
05 MS é
06 EM então não sei como é que::
07 MS [eu...eh::ah::: (faz gesto com a mão
08 **na orelha**
09 EM [você ligou
10 MS isso
11 EM ligou e aí?
12 MS ah::ah::eh:: graça? Eh::não sei...a: a mesma (aponta para
13 EM)
14 EM ahn?
15 MS ahn...graça? nã::o sei...como não sabe?
16 EM certo
17 MS não...eh::di:ente...muito doente
18 EM [está doente...tem que saber o
19 que que se passa
20 MS hum
21 EM então eu vou telefonar tá bom? Aí na semana que vem eu::
22 conto pra vocês

No episódio, é possível observar que, durante toda a conversação, os participantes da situação interacional atuam de forma colaborativa para a manutenção da coerência e da intercompreensão daquilo que está sendo verbalizado e negociado no decorrer da interlocução.

Devido às dificuldades fonético-fonológicas, MS realiza durante todo o episódio estratégias que fornecem à sua interlocutora, EM, pistas para que ela possa auxiliá-lo na produção verbal de seus intentos comunicativos. As pistas são ora gestuais, ora fonológicas,

e dependem das impossibilidades que surgem ao longo da elocução juntamente com as alterações de linguagem afásica.

É possível identificar na linha 07, em uma atividade de co-construção da conversação, a pista gestual, ou melhor, o *prompting* em sua forma de gesto fornecido pelo afásico para a sua interlocutora, ao se deparar com uma impossibilidade de evocação lexical. Para que não haja uma ruptura na cadeia conversacional, devido ao momento de descontinuidade linguística explicitado pelas hesitações e prolongamentos vocálicos, MS prontamente realiza um gesto direto da palavra faltante ao texto, cuja atividade gestual EM interpreta corretamente, sendo possível que o afásico dê continuidade a sua narração.

É importante destacar aqui que o gesto nem sempre vai desenvolver uma função de *prompting*. Existem gestos que atuam conjuntamente ao texto falado, complementando as informações fornecidas verbalmente. Há ainda aqueles utilizados no lugar da fala, podendo ocorrer por uma impossibilidade de ordem orgânica, como é o caso da língua de sinais e da comunicação alternativa e suplementar.

Sobre os elementos não verbais utilizados na interação face a face, Vezali (2011, p. 101), em sua tese doutoral, postula que não se reduza a conceber, de forma distinta ou excludente, a gestualidade como fenômeno co-ocorrente, alternativo ou compensatório à fala. Essa hipótese, de acordo com o autor, não se sustenta pelo fato de que a gestualidade emergente em produções afásicas é modalizada de maneira semelhante ao contexto não afásico, isto é, o gesto não isolado ou separado da linguagem e suas funções, e nem é desprovido de realidade semiológica. Os afásicos continuam empregando gestos dêiticos, icônicos, metafóricos, ritmados da mesma forma que são utilizados por pessoas não afásicas. Além disso, os dêiticos gestuais participam da construção do sentido referencial (referenciação dêitica) de maneira específica, não redutível à significação linguística.

Aqui, ao ser tipologizado *prompting*, vai atuar no formato de pista para o interlocutor com a finalidade de complementação do enunciado devido a uma impossibilidade em acessar determinado segmento momentaneamente, sendo necessário, dessa forma, a colaboração do interlocutor para que a produção verbal ocorra.

DADO 8

AphasiaAcervus (27/08/2009)

Contexto: *No episódio interacional abaixo, os participantes do grupo estão retomando as matérias que serão escritas para o próximo número do jornal. Assim, a pesquisadora HM questiona o afásico LM sobre a sua contribuição. Ao explicar que está elaborando o trabalho em conjunto com outro participante afásico, RL, LM é interrompido pelo afásico MS que faz um comentário sobre o momento anterior ao encontro do grupo, em que estavam trabalhando na produção dos artigos. Participam deste episódio os afásicos LM, RL, MS e EC e as pesquisadoras EM e HM.*

01 HM o: lázaro falou o que é que vai fazer...o lázaro
02 ((apontando para LM)) no jornal...o que é que você vai pôr
03 no jornal?
04 LM **erm ((apontando e direcionando o olhar para RL))...tamo::s**
05 RL =conversando nós dois
06 EC isso sim oh hahaha
07 LM () eh:: o: Renato tá: ((realiza gesto do ato de
08 escrever)) fazendo e: eu tô:
09 EM [mas qual que é o tema assim geral?
10 LM ahm?
11 EM qual/é sobre o quê?
12 LM sobre: /da vida dele
13 EM e você tá ajudando?
14 LM isso
15 EM ahn::
16 HM você tá ajudando de que jeito?
17 LM hum?
18 HM de que jeito que cê tá ajudando...cê tá escrevendo, cê tá
19 perguntando
20 LM ah...começou
21 HM cês começaram mas aí não vai dizer nada sobre você, vai
22 dizer só sobre ele ou vai escrever uma coisa sobre você no
23 jornal?
24 LM mas ele...quem teve a/quem tá: ()
25 HM ah tá bom...cês tão elaborando?
26 MS [ah eh o:: ((apontando para RL E LM))
27 LM [isso
28 MS ah ah e eu:: ((faz gesto que viu algo))
29 HM **você queria fazer com eles?**
30 MS nã:o...e::u ((apontando para LM))a anos
31 LM ah é
32 MS eh:: ((aponta para RL))
33 LM ahnram
34 HM ele fe-/ como anos?
35 MS **nã:: eh...a a a assim...e::u e Michele AH ((apontando
36 para LM))**
37 EM **encontraram o lázaro?**
38 MS isso...como? ((contando fato ocorrido e apontando para RL
39 e LM)) ahh ((faz gesto de digitação))

40 HM **você e Michele tão trabalhando como eles também...é isso?**
41 MS não não ahm: eu::já ter-mi-nei...AH:: lázaro ((apontando
42 para LM e fazendo gesto de legal com dedo polegar))hum
43 HM () de ajudar é isso?
44 MS is/não eh e::u vi ((apontando para LM e RL))
45 EM **você viu eles trabalhando?**
46 MS vi:: ((concordando com a cabeça))
47 HM **[ah você vi/você tinha terminado e viu eles trabalhando é**
48 **isso?**
49 MS ma-ra-vi-lha

O extrato acima é iniciado com uma conversa entre HM e LM sobre o artigo que o afásico está escrevendo juntamente com RL para publicar no “Jornal do CCA”. É possível observar logo no início do episódio, na linha 05, uma estratégia de pista gestual realizada por LM para complementar o seu discurso falado e se fazer entender de forma bem sucedida, funcionando como gatilho para que RL tome o seu turno e realize o acabamento do enunciado. Neste segmento, o afásico LM, ao realizar uma pausa e o prolongamento da palavra em curso, demonstra certa instabilidade em seu discurso que permite que o ouvinte RL, realize a intervenção. Na sequência deste evento, HM e EM fornecem pistas conversacionais colaborativas sob forma de questionamentos que proporcionam a estruturação e organização do tópico e do evento comunicativo.

No decorrer deste episódio, outro afásico, MS, interrompe a conversação entre HM e RL, na linha 21, para realizar um comentário sobre o tópico em questão. A partir daí, tem início uma sequência típica de *promptings* colaborativos entre os interlocutores para obtenção da significação na conversação, uma vez que MS, em função de sua afasia, demonstra dificuldade em explicitar o fato ocorrido mais cedo entre ele e o afásico LM.

Dessa maneira, ocorre uma sequência de 05 situações de “*hint and guess*” até o fechamento completo e bem sucedido do subtópico iniciado por MS, quando ele, finalmente, aceita a opção disponibilizada/sugerida por HM sobre o item conversacional faltante na interlocução.

Esta última sequência de *promptings* permite que, ao longo do discurso, os interlocutores, tomando como referência as pistas e esboços verbais fornecidos pelo afásico MS, possam articular questionamentos que promovem a construção do enunciado-alvo. Nesse percurso de questionamentos, o esforço para que a significação se concretize ocorre de ambos os lados: do esforço do falante em promover as pistas e avaliar se as opções de respostas fornecidas pelo interlocutor são pertinentes; e os esforços do interlocutor em

captar, a partir das pistas e do conhecimento compartilhado, as intenções comunicativas do falante.

DADO 9

AphasiaAcervus (10/09/2009)

Contexto: *No episódio interacional abaixo, os participantes estão comentando sobre a trama ocorrida nos capítulos finais de uma telenovela de sucesso da televisão brasileira. Os participantes discutem a suposta morte do protagonista da história. Participam deste episódio os afásicos VM e EC e as pesquisadoras EM, HM e JS.*

01 EM você cê tá vendo a novela vera?
02 VM anham
03 EM o herói da novela morreu?
04 VM nã:o
05 EM =o protagonista...o mocinho?
06 VM não
07 HM que que- então...quem acha que tá morto?
08 EC le num sei
09 VM [não bem
10 HM eu sei o que aconteceu
11 EC éh ((concordando com HM))
12 HM você não sabe o que aconteceu?
13 VM nã::o...eu sei
14 HM então...não morreu ninguém
15 VM eu...ai...difícil falar
16 HM **mas você consegue...morreu alguém?**
17 EC queimou no homem né?
18 HM queimou((apontando para EC))então...
19 EM [dá um tempo pra ela falar
20 HM queimou? (0.3)
21 EM como é que ele chama mesmo?
22 HM é o:: ele chama como? não é raj é::
23 JS isso...raj
24 HM é o raj mesmo é o raj...o bonitão lá...
25 EM [o raj é o mocinho?
26 HM um dos mocinhos
27 EM **um dos mocinhos...e ele morreu ou ou: deu a entender que**
28 **ele morreu mas ele não morreu?**
29 VM [isso isso
30 EM **deu a entender que ele morreu?**
31 VM isso
32 EM **e e como foi que ele morreu?** Assim ((faz sinal do símbolo
33 entre aspas))
34 VM é::a::pashi...
35 EM sei
36 HM [que é o pai...
37 VM é:: é:: ((gesticulando)) já...é::
38 EM **ele acha que o- que ele morreu?**
39 VM isso mesmo...

40 EM **ele morreu de que jeito vera? (0.3) como é que ele teria**
41 **morrido então...como é que ele morreu?**
42 EC le trem queimou
43 EM **assim a atiraram nele?**
44 VM [não não de...é a:: (0.5)
45 EM **ele caiu no rio?**
46 VM não não
47 EM **como é que foi que ele morreu?**
48 VM é::trem
49 EM **o trem bateu ou pegou fogo?**
50 VM isso ((fazendo sinal de concordância com a cabeça))
51 EM **o quê?**
52 VM é...
53 EM **pegou...((realiza o prompting contextual))**
54 VM fogo
55 EM pegou fogo? então acham que ele morreu?

Neste episódio conversacional, o grupo está tecendo comentários sobre os últimos capítulos de uma telenovela. A discussão gira em torno da suposta morte do personagem principal. HM e EM questionam VM, que acompanha diariamente o programa de televisão, sobre os últimos acontecimentos da trama. VM, é uma participante afásica, cujas alterações de linguagem interferem de forma significativa no seu processo de comunicação, principalmente em relação às questões de iniciativa verbal.

É possível identificar no extrato vários processos mobilizados pelos interlocutores de VM para que haja a realização da enunciação. Trata-se de uma sequência bastante extensa em que os interlocutores agenciam diversos questionamentos com o objetivo de auxiliar VM na explicação do acontecimento. As questões são feitas ora no formato de perguntas do tipo *guess* ora de perguntas expansivas de forma que permita a VM dar sequência aos enunciados. No entanto, em várias ocasiões as estratégias utilizadas não são efetivas, uma vez que a afásica não consegue se beneficiar dos questionamentos para a construção do seu enunciado, como pode ser observado nas linhas 27, 30, 32, 38, 40, 43 e 45. Ao perceber que as estratégias não estão funcionando da forma adequada para VM, EM, na linha 53, proporciona um *prompting* contextual para VM, que realiza de forma correta o seu completamento dando continuidade ao tópico conversacional.

Assim, fica explícito aqui que, muitas vezes, a depender do tipo de afasia e das características de linguagem de determinado sujeito, a efetividade de alguns tipos de *prompting* pode ficar comprometida. No caso das situações aqui analisadas, em que parte

dos interlocutores têm um conhecimento aprofundando sobre as afasias, a mudança de estratégias e o sucesso ao fim dos episódios interacionais ocorre de forma mais sutil.

DADO 10

Corpus: AphasiAcervus (22/10/2009)

Contexto: Neste extrato conversacional, SP está mostrando uma fotografia sua com a família ao grupo. EM localiza a neta de SP na foto e o indaga acerca da idade da criança.

Participam da cena enunciativa os afásicos SP, MS, VM, RL e a pesquisadora EM.

01 EM tá certo...agora quem é que a gente não conhece?
02 SP mmm...não sei
03 EM essa figura aqui
04 MS [mm...não sei
05 VM é....é Isso mesmo VIu! ((rindo))
06 MS [er er
07 EM né? a FOTO tá muito bonita a foto tá linda mas::
08 MS [er er er er...in USAO((todos riem))
09 EM entendeu? houve aqui uma intrusão aqui er/ tava por ali
10 né? esse aqui...
11 SP é::
12 EM aí cês...((gesticulando))
13 SP mmm
14 EM é ele mesmo...tá vendo aqui?
15 RL é
16 EM tá ce::rto (.)que idade tem a mariana agora? a sua
17 netinha (.)
18 SP er:: er:: va: v: tem lá lá::sá sábado lá tem::
19 EM hum-rum
20 SP **te tem:: o:: ((escreve o número sete na mesa))**
21 EM [é aniversário de/? o que é que você fez aí?
22 SETE?
23 SP é
24 EM vai fazer SETE anos já? Nos/ gente o tempo passa hein?
25 lembra quando ele CONTOU que nasceu a netinha dele pra
26 nós aqui? ((gesticulando)) você não tava né?
27 VM não
28 MS DOIS anos dois anos ((fazendo o sinal de dois com a mão))
29 EM sete anos
30 VM é
31 EM a gente já tava aqui em dois mil e dois

No segmento acima, é possível visualizar um *prompting* acionado pelo sujeito afásico SP. Nesse caso, o *prompting* foi mobilizado em favor do interlocutor. Devido à dificuldade em evocar, o afásico SP realiza o gesto da escrita do número sete para EM. A

pergunta feita pela sua interlocutora é prontamente respondida e eles seguem com a conversação. Antes disso, SP ainda agregou outras informações, com a colaboração de EM, ao dizer que o aniversário aconteceria no sábado.

Diferentemente do modo como esse mesmo tipo de *prompting* foi utilizado por outro sujeito afásico, no dado 1 desta mesma seção de análise - quando MG realiza o gesto da escrita da primeira letra da palavra e evoca verbalmente na sequência - aqui, devido às alterações de produção de SP se apresentarem diferente e de forma um pouco mais severa, não ocorre a enunciação propriamente dita, o afásico promove a pista para seu interlocutor, uma vez que tem consciência de suas dificuldades de articulação da palavra. Aqui, as diferentes formas de manifestação afásica moldam o modo de operar do fenômeno linguístico.

É importante notar que SP é um dos participantes mais antigos do grupo e convive há muitos anos com suas dificuldades de linguagem. Para ele, é realmente muito comum realizar, neste contexto, esse tipo de pista para que o interlocutor possa compreender aquilo que procura enunciar. Nesse dado, fica bem evidente essa característica quando ele realiza o gesto e continua o seu turno, mas EM não consegue compreender a princípio porque também está falando, então ela interrompe SP e pede que ele repita o gesto. Ele o faz, EM o acompanha, compreendendo o enunciado. Ambos dão, a partir disso, continuidade e progressão ao tópico conversacional.

5.2 Resultados e discussão

Nesta seção, trataremos das questões referentes aos resultados alcançados com a pesquisa e realizaremos uma discussão em torno desses dados. Na tabela abaixo, é possível visualizar alguns dos tipos principais de *promptings* que se destacaram nas atividades interativas que ocorreram no CCA, no *corpus* selecionado para esta pesquisa. A tabulação apresentada refere-se à análise quantitativa dos dados. Posteriormente, refletiremos sobre os dados de forma qualitativa, enfoque metodológico basilar do presente trabalho.

TIPOS DE PROMPTING	OCORRÊNCIAS
Sequências de “<i>Hint and guess</i>”	07
<i>Prompting</i> gestual	04
<i>Prompting</i> contextual	06
<i>Prompting</i> expansivo	02
Total de <i>promptings</i>	19

Quadro 3 – Número de ocorrências das diferentes categorias de *prompting*

Foram tabulados acima os quatro tipos principais de *prompting* identificados nas situações interativas analisadas.

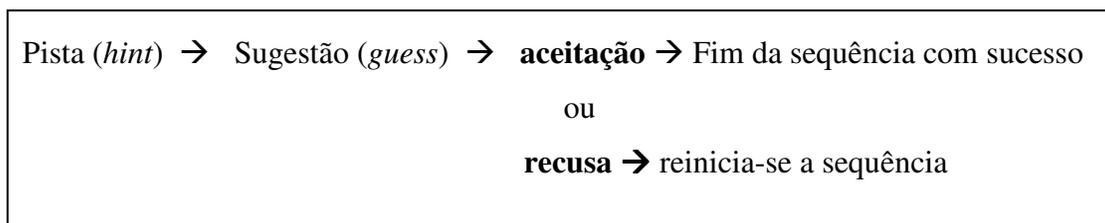
O tipo de *prompting* mais recorrente nas cenas enunciativas analisadas foram as sequências de “*hint and guess*” (Cf. LUBINSKI, DUCHAN E WEITZER-LIN, 1980). Trata-se de estratégias que emergem em atividades interativas contínuas de pistas e dicas que têm como objetivo final não apenas a evocação. Nessas sequências conversacionais, normalmente, estabelece-se um roteiro padrão que evolui até a obtenção da palavra-alvo ou enunciado almejado e fechamento do tópico discursivo em questão. Inicia-se usualmente com um “impasse” durante a conversação, na maioria das vezes, no caso dos nossos dados, uma busca de palavra decorrente de uma anomia ou de uma dificuldade de encontrar palavra.

Sendo assim, o falante se depara com uma série de questionamentos, por parte de seus interlocutores, com fins esclarecedores sobre a palavra-alvo e, de seu lado, produz várias pistas e dicas sobre o seu intento comunicativo para auxiliar seu interlocutor nesta atividade comunicacional conjunta. Neste caso, o locutor, que, em nossos dados, na maioria das vezes, é um sujeito afásico, dá pistas ou *promptings* para que o participante não-afásico enuncie a palavra requerida. Ocorre também de o interlocutor promover sugestões da palavra-alvo, cabendo ao locutor recusar ou aceitar, caso seja a palavra que deseja evocar, a proposta.

É comum nas conversações face a face que as pistas de contextualização sejam acionadas. Nesses casos, atuam de forma ativa nas trocas conversacionais de apoio ou corretivas. As pistas de contextualização (*contextualization cues*) são todos os traços linguísticos que contribuem para a sinalização de pressupostos contextuais (cf. GUMPERZ, 2002). Constituem os meios pelos quais os falantes sinalizam e os ouvintes interpretam qual atividade está acontecendo, como seu conteúdo deve ser compreendido e como cada proferimento se relaciona com os adjacentes (cf. GARCEZ E OSTERMANN, 2002). Elas são fundamentais, como vimos, na continuidade, gestão e relevância tópica.

Foi possível observar nos dados que, em meio às alternativas de palavras oferecidas pelo interlocutor, o afásico, ao declinar da sugestão, evocava a palavra procurada de forma correta e mais rápida. Aqui a correção, por parte do afásico, selecionava, por exclusão, a produção da palavra requerida.

Outra especificidade que pôde ser identificada sobre o fenômeno foi a própria padronização na estruturação conversacional que ocorre durante os momentos de busca de palavras, nas sequências de “*hint and guess*”. Formulamos abaixo o esquema cíclico dessas sequências conversacionais:



Quadro 4 – Quadro esquemático das sequências de “*Hint and guess*”

Observamos, em alguns dados, a recidiva do ciclo por algumas vezes até a finalização da sequência com sucesso, isto é, o circuito repete-se mais de uma vez até o seu objetivo ser alcançado. Em algumas situações, pode ainda ocorrer de não ser possível a conclusão com sucesso da sequência, uma vez que os *promptings* fornecidos são ineficientes para a recuperação da palavra. Outro dado interessante encontrado nesta tese é a situação de produção da palavra requerida quando da rejeição de uma opção ofertada, isto é, o interlocutor não afásico fornece uma alternativa lexical incorreta, e o locutor afásico, ao rejeitá-la, consegue realizar a evocação. O processo linguístico que aqui se apresenta é a

determinação referencial por seletividade semântico-lexical. Vários processos inferenciais, lexicais, textuais, cotextuais, pragmáticos, contextuais (MARCUSHI, 1989, 2008) atuam de forma importante nesse tipo de *prompting*, assim como em outros.

O tipo de *prompting* que também emergiu nas conversações analisadas é semelhante àquele provido de caráter eminentemente terapêutico, ainda que encontrado comumente na co-construção de textos falados, mobilizado preferencialmente pelo participante não afásico, sendo este denominado *prompting* contextual. Geralmente, é fornecido pelo interlocutor não-afásico e acionado com o objetivo de inserir o afásico na conversação ou de checar se ele está acompanhando o tópico discursivo, bem como facilitar a evocação de palavras. Neste caso, o contexto de produção é de crucial importância para a atividade interacional.

A ocorrência dessas sequências conversacionais, no contexto analisado, podem ser explicadas pelo conhecimento aprofundado dos interactantes não afásicos sobre as afasias e suas consequências linguísticas, podendo caracterizar, por conta disso, uma relação e situações assemelhadas àquelas que ocorrem no âmbito terapêutico, em que pode se configurar uma relação assimétrica na interação.

O outro tipo de *prompting* identificado em nosso *corpus* difere do tipo anteriormente citado, uma vez que é mobilizado pelo próprio afásico. Geralmente é acionado frente às dificuldades de ordem articulatória (isto é, nas alterações fonético-fonológica) ou de acesso lexical (isto é, semântico-pragmática), em que podem ocorrer repetições de segmentos e parafasias sucessivas/aproximativas, que indicam auto-monitoramento para se chegar à palavra-alvo, e, por isso, são usados, muitas vezes, os gestos da escrita como pista. O *auto-prompting* escrito/gestual pôde ser observado em várias situações, mas com padrões e objetivos diferentes, como assinalamos abaixo:

- 1) *Prompting* mobilizado ou iniciado pelo afásico para a evocação pelo seu interlocutor;
- 2) *Prompting* mobilizado pelo afásico para que ele mesmo possa articular/enunciar a palavra-alvo.

Assim, a questão vai se tornando complexa quando se percebe que o *prompting* não é um fenômeno linguístico apenas fornecido ou dado a um interlocutor menos competente na interação; também o afásico pode ser capaz de diversas maneiras demonstrar monitoramento de sua própria fala, corrigindo-se, reformulando o enunciado, utilizando-se de procedimentos semelhantes aos vistos nos *promptings* verbais ou gestuais. Também suas tentativas servem de *prompting* ao terapeuta ou ao interlocutor que, por sua vez, se servem dessas pistas para interpretar e de forma colaborativa expandir os intentos comunicativos do afásico. A unilateralidade do *prompting*, pois, pode se quebrar nas interações, não indo apenas na direção que segue do terapeuta ou do interlocutor não-afásico (que, supostamente, conhece e antecipa os processos faltantes ou alterados subjacentes ao déficit de evocação ou de processamento linguístico, fornecendo-os ao paciente ou interlocutor) ao afásico.

Além do *prompting* gestual da modalidade escrita, identificamos também a realização de gestos utilizados pelos afásicos como pistas para a obtenção de uma palavra-alvo. A gesticulação durante a verbalização e os gestos que ocorrem no lugar da fala têm um estatuto diferente do gesto que funciona como *prompting*. No caso do *prompting* vai haver sempre uma impossibilidade de acesso ao léxico de forma específica que conduz o sujeito a mobilizar outras estratégias linguísticas para que o interlocutor possa auxiliá-lo na recuperação de um determinado segmento. Neste caso, o gesto que vem junto à fala opera como pista semântica para a significação.

Em menor proporção, mas com seu grau de importância e especificidade, foi possível identificar o *prompting* do tipo expansivo. O subtipo do fenômeno ocorreu apenas duas vezes, porém, após a sua emergência neste trabalho, identificamos outros importantes estudos que o explicam (SCHEGLOFF, 1982; LERNER, 2004). Ele ocorre quando o falante realiza uma pausa em seu discurso, seja por alguma alteração de linguagem ou memória, e o interlocutor promove sentenças de continuidade, incentivando que o locutor se reorganize e dê continuidade à conversação.

Schegloff (1982, p. 80) denomina o fenômeno de “*continuers*” (continuadores) e o conceitua como “*feedback signals*” (sinais de retorno) que seria, neste caso “*understanding that someone is still not finished producing a larger unit of talk that implies perceiving*

what the other is saying and usually also understanding the content of what is being said”²⁵
(FISCHER, 2000, p. 73).

Lerner (2004) denomina o fenômeno de *prompt* e o caracteriza como um tipo de reparo hetero-iniciado. De acordo com o autor, a atividade é um dispositivo de fornecimento de pista que permite o desenvolvimento do turno de forma mais extensa por parte do falante.²⁶

Outra questão importante que emerge ao analisarmos os dados, é a forma como a mobilização da estratégia de *prompting* é realizada, isto é, o modo como o fornecimento das pistas ocorre. Identificamos nos dados, a ocorrência de 12 (doze) estratégias de *prompting* realizadas pelos sujeitos afásicos, enquanto as outras 7 (sete) ocorrências foram mobilizadas pelos não afásicos. Essa verificação se apresenta como um dado importante para o nosso estudo, uma vez que na literatura clínica tradicional postula-se que a estratégia de *prompting* seja inevitavelmente proposta pelo terapeuta, ou seja, pelo sujeito não-afásico. E, no presente estudo, ocorre que, nos dados analisados, o contrário se apresenta, demonstrando que o afásico também atua como organizador do texto falado e na resolução de impasses que possam ocorrer na conversação.

Além disso, é possível perceber, ao observar os dados, de uma forma geral, características ou padrões específicos do processo que antecedem o evento do fenômeno. A sequência do enunciado segue uma ordem e apresenta determinadas estruturas linguísticas que caracterizam essa situação interativa. Este padrão ocorre tanto entre afásicos, como entre não-afásicos e pertence ao repertório pragmático-discursivo dos falantes às voltas com o processamento *online* do texto falado. Dessa maneira, podemos afirmar que essa competência relativa às operações de ordem meta voltada às resoluções dos impasses conversacionais, na maioria dos casos, mantêm-se presentes de alguma forma quando do advento da afasia. Os processos linguístico-cognitivos de reformulação, de planejamento e de reestruturação podem ser identificados nas situações de interação entre afásicos aqui analisadas através de reparos, hesitações, pausas, repetições – e do *prompting* propriamente dito.

²⁵ “O entendimento de que o falante não finalizou a produção de uma unidade de fala mais longa que implica ao interlocutor reconhecer aquilo que está sendo dito pelo outro e, geralmente, também entender sobre o conteúdo daquilo que está sendo falado”.

²⁶ “*a device to prompt a type-specific extension of a prior speaker’s turn*”.

É imprescindível, ainda, assinalar questões referentes aos tipos específicos de afasia e a relação com o fenômeno linguístico aqui investigado em relação ao seu uso e efetividade. Realizar análises, identificar padrões e fazer algumas considerações pertinentes sobre essas questões nos permitem entender melhor a linguagem afásica e aspectos específicos de seu processamento, bem como aprimorar/ melhorar a interação verbal com esses/ desses sujeitos, identificando as melhores estratégias linguísticas para cada afásico.

O predomínio dos tipos afásicos aqui analisados refere-se basicamente às alterações de linguagem de origem motora ou expressiva, que constituem um quadro chamado comumente afasia de Broca. Esses tipos afásicos apresentam, segundo a literatura clínica (PEÑA-CASANOVA, PAMIES E DIÉGUES-VIDE, 2005; ORTIZ, 2005, AHLSEN, 2006), redução da expressão, esforço e alterações articulatorias, redução do vocabulário e da extensão das frases, agramatismo e parafasias fonéticas e/ou fonêmicas. A repetição fica gravemente alterada e a denominação é afetada. A anomia pode ou não estar presente, podendo emergir, de forma mais explícita, em situações de conversação. A compreensão está preservada ou levemente comprometida. Na escrita, é possível evidenciar redução, agramatismo e paragrafias. A compreensão da escrita pode estar mais alterada do que a compreensão oral. No entanto, os autores concordam, e é também possível afirmar com o nosso estudo que, mesmo havendo um quadro sintomatológico clássico, em sua grande maioria, os distúrbios afásicos não são sempre iguais. Assim, ao estabelecer as relações entre as características afásicas e o *prompting*, verificamos que os padrões encontrados podem apresentar-se de forma diferente entre os indivíduos, a depender do local e da extensão da lesão cerebral, grau de letramento, das experiências sócio-culturais, estímulos terapêuticos, qualidade da intervenção empreendida na reabilitação, formas de reação subjetivas e psico-afetivas ao comprometimento neurológico por parte do indivíduo e seus próximos, entre outros.

Para que fiquem mais claras as relações entre as afasias e os fenômenos linguísticos que ocorrem na situações conversacionais, optamos por tabular as características de linguagem de cada sujeito e as estratégias de *prompting* mais utilizadas nos dados que foram aqui coletados. Segue abaixo, a propósito, uma tabela sinóptica contendo a identificação dos sujeitos que fizeram uso da estratégia, as características linguísticas gerais após o evento neurológico e os tipos de *prompting* mobilizados pelo/para o sujeito afásico.

SUJEITOS	CARACTERÍSTICAS LINGUÍSTICAS	PROMPTINGS UTILIZADOS
SP	<ul style="list-style-type: none"> - Hesitações; - Prolongamentos vocálicos; - Dificuldades de repetição; - Perseverações/automatismos; - Parafasias verbais, fonéticas e fonológicas. 	- <i>prompting</i> gestual
MG	<ul style="list-style-type: none"> - Apraxia oro-facial; - Anomia; - Dificuldades predicativas; - Parafasias fonológicas; - Fala laboriosa; - Perseveração; - Paragrafias. 	- <i>prompting</i> gestual
MS	<ul style="list-style-type: none"> - Anomia (dificuldade de encontrar palavras); - Perseveração/automatismo; - Disartria leve; - Parafasias fonológicas; 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Prompting</i> gestual; - <i>Prompting</i> contextual; - Sequências de <i>Hint and Guess</i>.
RL	<ul style="list-style-type: none"> - Anomia (dificuldade de encontrar palavras); - Parafasias fonológicas e semânticas; 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Prompting</i> contextual; - Sequências de <i>Hint and Guess</i>; - <i>Prompting</i> gestual.
VM	<ul style="list-style-type: none"> - Apraxia oro-facial; - Dispraxia construcional; - Anomia (dificuldade de 	<ul style="list-style-type: none"> - Sequências de <i>Hint and Guess</i>; - <i>Prompting</i>

	encontrar palavras); - Dificuldade predicativa; - Parafasias fonológicas.	contextual; - <i>Prompting</i> expansivo.
EC	- Hesitações; - Parafasias verbais e fonológicas; - Perseverações/ automatismo; - Dificuldades de repetição.	- Sequências de <i>Hint and Guess</i> .
LM	- Hesitações; - Parafasias fonológicas; - Perseverações/ automatismo; - Alterações de prosódia; - Dificuldades de implementação fonética.	- <i>Prompting</i> expansivo; - Sequências de <i>Hint and Guess</i> ; - <i>Prompting</i> gestual.

Quadro 5 – Síntese das características linguísticas e estratégias utilizadas pelos sujeitos

Na tabela, é possível destacar que o *prompting* gestual apareceu três vezes em nossa amostra da produção dos sujeitos SP, MG e MS. No entanto, foram utilizados de duas formas diferentes, uma vez que as motivações linguístico-cognitivas eram diferentes. No caso de SP e MS, o *prompting* gestual foi realizado para que a evocação fosse realizada pelo interlocutor; MG realizou um *auto-prompting* de um gesto escrito para evocar a palavra-alvo.

O *prompting* expansivo não funcionou com efetividade para os sujeitos VM e LM. No caso deste tipo de estratégia, é necessário que esteja preservada a habilidade –motora e sensorial - de dar continuidade ao segmento. As motivações linguístico-cognitivas que impediram a efetividade do *prompting* foram diferentes. No caso de VM, foram as dificuldades predicativas; já no caso de LM, o impedimento aconteceu devido à impossibilidade momentânea de implementação fonética ao acesso ao léxico. Essas questões linguísticas influenciam de forma significativa na estruturação e fluidez da produção do afásico.

Por outro lado, no caso do *prompting* contextual, houve uma relação direta da utilização da estratégia com o tipo de dificuldade linguística apresentada pelos sujeitos. É

possível observar na tabela que MS, RL e VM, que apresentam em seus quadros afásicos anomias e dificuldades de encontrar palavras, realizaram a evocação e seus intentos comunicativos com efetividade quando lhes foi fornecido o *prompting* contextual. Este é um resultado relevante para o nosso estudo, uma vez que foi possível identificar uma correlação entre o *prompting* e dificuldades de acesso ou processamento lexical (que percutem em anomias, dificuldades de encontrar palavras e parafasias de diversas naturezas).

As sequências de *Hint and Guess* apresentaram-se como uma dinâmica bastante efetiva nas resoluções de problemas conversacionais de acesso ao léxico e da identificação do referente textual. Foi a estratégia mais utilizada entre os participantes desta pesquisa, e com os melhores resultados comunicacionais.

Em relação aos outros tipos de afasias, como as de predomínio essencialmente receptivo (afasias de compreensão), é possível presumir maiores dificuldades na utilização e interpretação de pistas, principalmente nas sequências de *Hint and Guess* que exigem que o falante, ao receber o *prompting* do interlocutor quando dos questionamentos sobre opções possíveis de palavra-alvo, tenha a habilidade de validar aquilo o que lhe foi ofertado como resposta.

Na observação e análise dos extratos apresentados, é possível destacar as seguintes considerações:

i) o afásico, ao realizar os diferentes tipos de *promptings*, face às suas dificuldades linguísticas na situação, atua de maneira reflexiva e monitorada sobre a língua e sobre a interação em curso, selecionando ou “escolhendo” a melhor maneira de significar e fazer com que o interlocutor compreenda e colabore na construção do seu enunciado e do seu intento comunicativo;

ii) os movimentos realizados nas situações interativas entre afásicos e não-afásicos não ocorrem, necessariamente, em uma via direta não-afásico → afásico. Os dados analisados mostraram que muitas vezes o *prompting* pode ser fornecido pelo próprio afásico para ele mesmo, numa espécie de *auto-prompting*. Ou pode ser iniciado por ele e completado pelo

seu interlocutor. É interessante enfatizar esse achado, pois diferentemente do que é normalmente admitido na prática clínica, a atividade de *prompting* pressupõe um engajamento conjunto na construção do enunciado e não uma reação a determinado comando. Ou seja, o *prompting* é um fenômeno integrado às práticas conversacionais, e não um mero expediente terapêutico ou didático;

iii) o *prompting* gestual atua como organizador da fala, bem como da dinâmica interacional, do encadeamento enunciativo e do fluxo conversacional. Diferentemente do *prompting* contextual é, geralmente, iniciado pelo próprio afásico, de forma a auxiliá-lo na comunicação dos seus intentos comunicativos e o seu interlocutor na colaboração e na interpretação daquilo que ele realmente pretende dizer. Com isso, destaca-se o aspecto multifuncional e intersemiótico do *prompting*;

iv) O caráter co-construtor do fenômeno é outro ponto importante a ser destacado aqui. As estratégias de “*hint and guess*” (pistas fornecidas pelos falantes e as hipóteses sugeridas pelos seus interlocutores nas atividades interacionais), por exemplo, que marcam explicitamente esta característica, são um tipo de estratégia que emerge recorrentemente nos momentos de busca de palavras. As sequências enunciativas, inclusive, apresentam um padrão bastante comum entre elas.

CAPÍTULO 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito da Neurolinguística, é grande o número de estudiosos que se interessam pelo entendimento das particularidades da linguagem afásica e pelos processos de intervenção clínica que promovam a reestruturação dos aspectos linguísticos e cognitivos alterados. Devido ao foco nas questões voltadas para as estruturas do cérebro e da língua, há comparativamente questões ainda pouco desenvolvidas ou investigadas que abarquem processos importantes para os estudos afasiológicos ligadas não apenas às estruturas linguísticas e cognitivas, mas ao seu uso e formas de funcionamento.

A nossa proposta, nesta tese doutoral, é ampliar os estudos referentes ao *prompting* nas afasias, com o objetivo de repensar a concepção atualmente empregada e propor tipologias específicas do fenômeno até então não explicitadas na literatura. Tomamos como base, para essa proposta, os estudos realizados no campo da Linguística, uma vez que os estudos textuais-interativos e conversacionais nos proporcionam uma visão pormenorizada da estruturação dessa estratégia linguístico-interacional, permitindo a identificação de aspectos que se perdem de vista nos estudos estruturalistas ou naqueles com preocupação essencialmente clínica.

Desse ponto de vista, aplicamos às nossas análises as reflexões sobre o texto falado realizadas no âmbito da Linguística Textual e da Conversação, em especial a desenvolvida por linguistas brasileiros como Koch (2002; 2006) e Marcuschi (2003; 2006), de forma a abranger todos os fenômenos que envolvem esta atividade: as pausas, hesitações, correções, repetições, interrupções, *etc.* Sobre a dinâmica da interação e da referenciação, tomamos também por base os postulados de autores como Mondada & Dubois (2003), além de Koch (2005) e Marcuschi (2007). Em relação às questões de co-construção textual e pistas de contextualização, invocamos autores como Goodwin & Goodwin (1986) e Gumperz (1982), a fim de ancorar nossa análise de dados interacionais.

Do ponto de vista de questões específicas relacionadas ao *prompting*, partimos dos estudos clássicos como os de Luria (1966; 1970), Lebrun (1995) e Benson & Ardilla (1998), no campo da Neuropsicologia. Na explicação e tipologização de sequências de pistas e questionamentos, fizemos uso do conceito de *Hint and Guess*, aqui considerado um

tipo específico de *prompting*, inicialmente proposto por Lubinski, Duchan e Weitzner-Lin (1980) e, posteriormente, retomado e ampliado por Laakso & Klippi (1999).

O *prompting* se refere, como ressaltamos no início da tese, a um fenômeno que é bastante citado no âmbito clínico da área da Fonoaudiologia. Diz respeito à pista fornecida pelo terapeuta para a evocação oral de uma palavra-alvo pelo paciente. Essas pistas são, geralmente, os sons iniciais de uma palavra, uma frase em que falta um elemento para que seja completado ou o esboço gestual do início da palavra ou da palavra propriamente dita. No entanto, a conceituação, e o próprio entendimento a respeito do fenômeno não se apresenta de forma clara e é muito comum se deparar com profissionais da área que não sabem explicá-lo em termos teóricos e metodológicos, ou que desconhecem seu caráter estratégico e que não sabem quando e como utilizá-lo. Ele é, dessa forma, tomado de maneira intuitiva. E é o intuitivismo que parece explicar sua ocorrência nas práticas clínicas.

O uso que é feito na abordagem do fenômeno, atualmente, diz respeito às formas automáticas, frases pré-construídas que restringem, de certa forma, o caráter espontâneo relativo à linguagem. Tendo em vista que os sujeitos afásicos apresentam maior desenvoltura linguística quando em situações menos descontextualizadas e artificiais, optamos por realizar, neste trabalho, uma investigação do *prompting* em situações de fala espontânea a fim de identificar os tipos existentes do fenômeno nas situações analisadas e a forma como se dão na conversação.

A esse propósito, afirma Viscardi (2012, p. 186):

Na fala espontânea os sujeitos organizam, a todo momento, recursos linguísticos, cognitivos e interacionais que são empregados durante o processo de construção do sentido no decorrer da atividade verbal. Essa qualidade da fala espontânea permite estudar os diferentes conhecimentos que são articulados durante o processo de produção e compreensão da linguagem. Por sua riqueza, permite entrever não só o andamento da conversa, mas *como* esse andamento se desenrola, com as mudanças de estilo, com as correções, as reformulações e as contínuas transformações que fazem da linguagem um recurso tão dinâmico.

A partir de uma perspectiva de cunho interacional, o nosso objetivo com o trabalho foi verificar a ocorrência do *prompting* na fala de afásicos e analisar o seu processamento em meio à dinâmica conversacional; além disso, com objetivo de agregar mais conteúdos aos estudos das afasias, fazer relações e reflexões entre o fenômeno e os tipos ou quadros afásicos.

Para a análise dos dados linguísticos que envolvem o fenômeno investigado, tomamos como base a abordagem sóciocognitiva de forte filiação interacionista, que postula que a linguagem e a interação são essenciais na constituição e organização da cognição humana (VYGOTSKY, [1934] 1987; MORATO, 1996; 2000). A análise linguístico-interacional do fenômeno que foi proposta nesta tese permitiu uma melhor compreensão das afasias e das condições de emergência dos vários tipos de *prompting* apresentados pelos sujeitos. Aqui, foi possível adensar o conhecimento sobre questões específicas da patologia de linguagem e suas manifestações clínicas, como as anomias e dificuldade de encontrar palavras, além de caracterizar de forma mais consistente as diferentes manobras linguísticas de *prompting* realizadas pelos sujeitos em interação para a resolução e gerenciamento de questões emergentes nas atividades interacionais.

A partir de situações de conversação em grupo, em formato de reuniões informais, extraímos fragmentos conversacionais em que houve ocorrências do fenômeno em investigação. Para a identificação da estratégia, selecionamos situações em que havia atividades de buscas de palavras e dificuldades de nomeação e seleção lexical. A escolha desses momentos interacionais se deu porque, durante essas situações, verificamos maior probabilidade de emergência do fenômeno aqui investigado e das sequências conversacionais.

Ao final da análise dos extratos conversacionais, identificamos e elencamos quatro tipos principais de *prompting* que foram mobilizados ora por sujeitos afásicos ora por não afásicos. Foram eles:

- i) as sequências de *hint and guess*;
- ii) o *prompting* contextual;
- iii) o *prompting* gestual;
- iv) o *prompting* expansivo.

As sequências de *hint and guess* foram o tipo mais recorrente entre os sujeitos aqui analisados. Trata-se de questionamentos sobre a palavra-alvo realizada pelo interlocutor para a obtenção do acesso lexical. Nesse tipo da estratégia linguístico-interacional, o falante promove pistas/dicas da palavra que tenta evocar e o interlocutor, por reconhecimento da intenção comunicativa, mobiliza opções referenciais para que o falante as confirme ou não, em uma espécie de jogo de adivinhação largamente inferencial e contextual. Para o sujeito afásico que, muitas vezes, apresenta dificuldades predicativas, torna-se mais fácil o acesso às categorias léxicas a partir dessa estratégia, já que o processo de co-construção os auxilia na obtenção da palavra faltante de forma mais rápida, permitindo a continuidade textual e melhor estruturação do texto falado.

Além disso, o uso da estratégia demonstra habilidades refinadas dos sujeitos em relação à própria dinâmica interacional, observadas quando o sujeito realiza as escolhas lexicais mais adequadas para mobilizar as pistas que permitem que o interlocutor, a partir delas, possa formular os questionamentos que vão propiciar a identificação do referente.

Por outro lado, caso haja uma dificuldade de compreensão (associada a certos quadros afásicos), a estratégia pode vir a não ser funcional, uma vez que a troca nas sequências de pistas e questionamentos fica prejudicada, situação na qual o falante apresenta dificuldades para validar os questionamentos e na própria seleção de pistas lexicais. Tal não foi o caso dos sujeitos que participaram de nossa pesquisa, cujas características linguísticas e cognitivas eram essencialmente de ordem expressiva.

Os sujeitos não-afásicos também fazem uso deste tipo de estratégia em meio às atividades de conversação. Ocorre, normalmente, por questões de falta momentânea de acesso ao léxico ou dificuldades de memória. No entanto, diferentemente dos afásicos, as sequências, na maior parte das vezes, apresentam-se mais curtas em sua extensão, possibilitando que a resolução do impasse seja mais rapidamente resolvida.

Outro tipo de *prompting* que, para a sua funcionalidade, é essencial levar em consideração as questões linguísticas apresentadas pelo sujeito, é o expansivo. Quando o afásico apresenta dificuldade para realizar iniciativas verbais, este tipo específico de estratégia será bastante funcional, permitindo que o sujeito dê continuidade e mantenha a progressão textual durante a conversação. No entanto, quando a alteração reside no acesso ao léxico, a estratégia pode não ter a mesma utilidade. Por isso, para avaliar o que melhor o

auxiliará em suas dificuldades específicas, é importante que se conheçam as características linguísticas dos sujeitos.

Nos sujeitos não-afásicos também é comum observar a utilização dessa estratégia, como atestam os estudos realizados por Schegloff (1982), Fischer (2000) e Lerner (2004). O objetivo do interlocutor, nesses casos, é atuar na conversação de forma cooperativa auxiliando o falante a finalizar algum enunciado inacabado ou interrompido por algum motivo. Assemelha-se, assim, ao modo como é utilizado pelos afásicos na resolução das questões que surgem no decorrer das interações sociais.

O *prompting* contextual, por outro lado, não oferece aos sujeitos não afásicos a mesma funcionalidade nas conversações espontâneas, como o faz para os afásicos. Não é comum que se observe este tipo de estratégia entre indivíduos adultos não afásicos. Falamos, neste caso, em indivíduos adultos porque há uma variedade de estudos realizados com crianças (REESE E FIVUSH, 1993; EATON, COLLIS E LEWIS, 1999; HUDSON, 2006) em que se verifica a presença do fenômeno no período de aquisição de linguagem com o objetivo de estimular o desenvolvimento da linguagem oral.

No entanto, entre os sujeitos afásicos, é o tipo mais comumente descrito na prática clínica. É aquele que, também neste estudo, em contexto de situação interacional espontânea, foi bastante recorrente. A estratégia, diferentemente das sequências de *Hint and Guess*, em que o interlocutor desconhece o referente ao promover os questionamentos ao falante; para ser realizada aqui, necessita que o interlocutor conheça a palavra-alvo a ser evocada, a fim de produzir pistas mais explícitas ao locutor corrente, como as primeiras sílabas da palavra ou a articulação gestual da letra que a inicia.

Na análise de dados foi possível verificar que a decisão daquilo que promove mais fluência ao diálogo e à fala propriamente dita é, muitas vezes, direcionada pelo sujeito afásico no decorrer da dinâmica conversacional. A depender do que está disponível no momento - em termos de acesso lexical, frequência da palavra, opções linguísticas - o sujeito vai selecionar a estratégia que ocasione menos descontinuidade ao fluxo verbal, como, por exemplo, quando da utilização do *prompting* gestual para a realização da evocação ou para que o interlocutor possa colaborar na evocação e no fluxo conversacional.

A utilização deste tipo de *prompting* deixa entrever uma competência relativamente à linguagem chamada epilinguística, indispensável no processo de construção e

reconstrução da linguagem (DE LEMOS, 1997; FIGUEIRA, 1997; BUSATO, 2001; HEBLING, 2009). Trata-se da atividade na qual o sujeito opera sobre a linguagem e busca alternativas para a resolução de suas dificuldades. Reconhecer a emergência dessas manobras e tratá-las como solução para a fluência na dinâmica conversacional abre o leque de possibilidades para a resolução de impasses linguísticos mobilizados pelo próprio afásico, apontando para uma modificação na já estabelecida relação assimétrica existente entre terapeuta x paciente, afásico x não afásico. Assim, o fenômeno linguístico aqui investigado atua de forma significativa para o estabelecimento da fluência conversacional, uma vez que o sujeito, ao optar pela estratégia linguística ao receber auxílio na construção de seu enunciado, em meio aos problemas de formulação e planejamento verbal, promove a continuidade e progressão textual.

Outras competências de ordem meta (metalinguística, metaformativa) também são identificadas quando direcionamos o nosso olhar para as estratégias de *prompting*: ela atua em situações nas quais o sujeito percebe que determinada palavra não é a correta, quando monitora as perguntas do interlocutor para a obtenção do significado, quando apresenta pistas linguísticas que auxiliam o interlocutor a direcioná-lo na interlocução.

Sobre esses aspectos enunciativos e pragmáticos da metalinguagem, Morato (2008, p. 8) pondera:

Com respeito à noção de metalinguagem, a análise empírica de processos meta (metalinguísticos, meta-enunciativos, epilinguísticos, metadiscursivos) no contexto das chamadas patologias linguístico-cognitivas tem nos levado a investigar a maneira como os sujeitos, ao atuarem de forma reflexiva com vários processos de significação – verbais e não verbais - deixam entrever a natureza sócio-cognitiva da competência. Não sendo a competência uma faculdade mental ou um atributo do indivíduo, e não sendo a comunicação (e a significação, naturalmente) uma « faculdade » derivada de uma competência (mental) genérica, sujeitos afásicos não deixam – em suas ações com linguagem – de atuarem de alguma forma competente.

Tendo em vista essas ponderações, a partir de nosso estudo foi possível demonstrar a importância da análise do *prompting* para a melhor compreensão de fenômenos conversacionais, tais como a dinâmica de turnos, a progressão tópica, as atividades de

construção referencial, no desenvolvimento e gestão do tópico conversacional e na resolução de mal-entendidos, a contextualização, a continuidade do fluxo do diálogo e da fala em geral, as operações de ordem meta, como epilinguísticas e outras que visam à (re)formulação da produção verbal.

O estudo em torno do fenômeno em questão, a partir de uma perspectiva linguístico-interacional, permitiu-nos uma compreensão mais apurada das afasias (questionando, por exemplo, a definição que a toma como perda da capacidade de realizar operações metalinguísticas), das condições de emergência dos vários tipos de *prompting* tanto entre os afásicos, como nas produções orais não-patológicas.

Consideramos, por fim, que enquanto estratégia linguística e sociocognitiva, o *prompting* pode ser entendido como uma categoria de análise de processos ligados ao processamento do discurso e da interação conversacional, além de ser um elemento e fator importante das estratégias de avaliação e intervenção terapêutica, em função das possibilidades que abre tanto para a identificação de recursos conversacionais, quanto para a caracterização dos processos alterados na afasia.

Dessa forma, seria possível construir a partir da compreensão do *prompting* enquanto fenômeno linguístico-interacional um planejamento terapêutico pertinente, baseado num recurso teórico e metodológico permitido pelo conhecimento de estratégias próprias das interações conversacionais.

Diante disso, seria interessante a realização de novas pesquisas que investigassem outras questões específicas relativas ao *prompting*, como o seu uso em diferentes contextos, patologias e abordagens terapêuticas, a fim de que haja um maior conhecimento acerca das outras *nuances* e utilizações do fenômeno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ahlsén, E. Neurolinguistics for different components of language. In: Ahlsén, E. *Introduction to Neurolinguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2006.
- Bakhtin, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, [1929]1995.
- Benson, F. & Ardilla. *Aphasia - A Clinical Perspective*. New York: Oxford University Press, 1998.
- Best, W.; Herbert, R.; Hickin, J.; Howard, D.; Osborne, F. Phonological and orthographic facilitation of word retrieval in aphasia: immediate and delayed effects. In: Nickels, I. *Cognitive Neuropsychological approaches to spoken word production*. Hove: Psychology Press, 2002, p. 151-168.
- Bock, J.K.; Levelt, W.J.M. Language Production: Grammatical Encoding. In: Gernsbacher, A. (Ed.). *Handbook of Psycholinguistics*. San Diego: Academic Press, 1994.
- Brandão, L. *et al.* Cognition and discourse production in Alzheimer's disease: using informative prompts. *Psychology & Neuroscience*, 2009, 2, 2, 147-155.
- Brandão, L. Produção de linguagem e envelhecimento. In: Parente, M.A.M.P. e cols. *Cognição e envelhecimento*. Porto Alegre: Artmed, 2006, p.133-152.
- _____. Discurso e cognição em duas variantes da demência frontotemporal de Alzheimer. *Neuropsicologia Latinoamericana*, Vol 2, No. 1, 2010.
- Brookshire, R. H. Effects of prompting on spontaneous naming of pictures by aphasic subjects. *Human Communication*, Autumn, 1975, p.63-71.
- Brown, B.; McNeill, D. The tip of the tongue phenomenon. *Journal of verbal learning and verbal behavior*, 5, 1966, p. 325-337.
- Bruce, C.; Howard, D. Computer-generated phonemic cues: an effective aid for naming in aphasia. *Brit. J. Disorders of communication*, 22, 1987, 191-201.
- Busato, V. A noção de metalinguagem no campo da Neurolinguística: um estudo enunciativo. Campinas, SP:[s.n], 2001. (*Dissertação de Mestrado em Linguística, Unicamp/IEL*).
- Castro-Caldas, A.; Miranda, P. C.; Carmo, I.; Reis, A.; Leote, F.; Ribeiro, C.; Ducla-Soares, E. Influence of learning to read and write on the morphology of the corpus callosum. *Eur. J. Neurol.*, v. 6, n. 1, p. 23- 28, 1999.

Clark, H. H. The use of language. In: *Using Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p.3-25.

Crofts, B., Nickels, L., Makin, K., Taylor, C. & Moses, M. A Comparison of the Effectiveness of 'Semantic' and 'Phonological' Tasks in the Facilitation of Word Production in Aphasia. In Murdoch, B.E., Goozee, J., Whelan, B.-M. and Docking, K. (Eds.), *Proceedings of the 26th World Congress of the International Association of Logopedics and Phoniatrics*, 2004.

De Lemos, C. T. G. Native speaker's intuitions and Metalinguistics abilities: what do they have in common from the point of view of language acquisition? *Cadernos de Estudos Linguísticos* 33, 1997.

Dell, G.S. A spreading activation theory of retrieval in language production. *Psychological Review*, 1986, 93, p.283-321.

Dell, G.S.; O'Seaghdha, P.G. Mediated and convergent lexical priming in language production: a comment on Level et al. *Psychological Review*, 98, 1991, p.604-614.

Eaton, J.; Collis, G.M.; Lewis, V. Evaluative explanations in children's narratives of a video sequence without dialogue. *Journal of Child Language*, 26: pp. 699-720, Cambridge University Press, 1999.

Fávero, L.L.; Andrade, M.L.C.V.O.; Aquino, Z.G.O. O par dialógico pergunta-resposta. In: Jubran, C.C.A.S.; Koch, I.V. (orgs.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, p.89-132.

Fedosse, E. *Da relação linguagem praxia: estudo neurolinguístico de um caso de afasia*. Campinas, SP:[s.n], 2000. (Dissertação de Mestrado em Linguística, Unicamp/IEL). 155p.

Ferguson, A. Conversational repair of word-finding difficult. *Clinical Aphasiology*. Vol. 21, 1992, 299-310.

Figueira, R. A. Children's Riddles: what do they tell us about change in language acquisition? *Cadernos de Estudos Linguísticos* 33, 1997.

Fischer, K. *From cognitive semantics to lexical pragmatics: the functional polysemy of discourse particles*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2000.

Freed, D.B.; Marshall, R.C.; Frasier, K.E. Long-term effectiveness of PROMPT treatment in a severely apractic-aphasic speaker. *Aphasiology*, Vol. 11, No 4/5, 365-372, 1997.

Freitas, M. S. *Alterações fono-articulatórias nas afasias motoras: um estudo linguístico*. Campinas, SP: [s.n], 1997. (Tese de Doutorado em Linguística, Unicamp/IEL). 253p.

Garcez, P. M.; Ostermann, A. C. Glossário conciso de Sociolinguística. In: Ribeiro, B. T.; Garcez, P.M. (orgs.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Editora Loyola, 2002.

Garret, M.F. Syntactic processes in sentence production. In: Wales, R.J.; Walker, E. (Eds.). *New approaches to language mechanisms*. Amsterdam: North-Holland, 1976.

_____. Levels of processing in sentence production. In: Butterworth, B. (Ed.). *Language Production* (Vol.1, p.177-220). Orlando/London: Academic Press, 1980.

_____. Processes in language production. In: Newmeyer, F. (Ed.), *Linguistics: the Cambridge Survey III. Language: Psychological e Biological Aspects*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p.69-96.

Goffman, E. *Frame Analysis: an essay on the organization of experience*. New York: Northeastern University Press, 1986.

Goffman, E. Footing. In: Ribeiro, B. T.; Garcez, P.M. *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Editora Loyola, 2002.

Goodwin, M.H.; Goodwin, C. *Gesture and coparticipation in the activity of searching for a word*. Mouton de Gruyter: Amsterdam, 1986.

Golper, L. A.C.; Rau, M. T. Systematic analysis of cuing strategies in aphasia: taking you “cue” from the patient. In: R. H. Brookshire (Ed), *Clinical Aphasiology Conference Proceedings* (Vol.13, p. 52-61). Minneapolis, MN:BRK.

Gumperz, J. J. *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge Univeristy Press, 1982.

_____. Convenções de contextualização. Ribeiro, B.T.;Garcez, P. M. (orgs.). *Sociolinguística interacional: Antropologia, Linguística em Análise do Discurso*. Porto Alegre: AGE, 2002, p. 98-119.

Harley, T. *The psychology of language: from data to theory*. 3 ed. Psychology Press, 2009.

Hebling, C. B. A definição de afasia como problema de metalinguagem: notas a partir da leitura de Jakobson. *Literatura, Língua e Ensino*, v.2, maio, 2007, 181-189.

_____. *Atividades de reformulação na conversação entre afásicos e não-afásicos*. Campinas, SP: [s.n], 2009. (Dissertação de Mestrado em Linguística, Unicamp/IEL). 116f.

Howard, D.; Harding, D. Self-cueing of word retrieval by a woman with aphasia: why a letter board works. *Aphasiology*, 1998, vol.12, nos. 4/5, 399-420.

Howard, D.; Orchard-Lisle, V. On the origin of semantic errors in naming: evidence from the case of a global aphasic. *Cognitive Neuropsychology*, 1, 1984, p.163-190.

Hudson, J. *The development of future time concepts through Mother-Child conversation*. Merrill-Palmer Quarterly, Volume 52, Number 1, January 2006, pp. 70-95 (article).

Jakobson, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo, SP: Cultrix, 1954.

Kaplan, E., Goodglass, H., & Weintraub, S. *Boston Naming Test*. Philadelphia: Lea and Febiger, 1983.

Koch, I. G.V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 41. Campinas/SP: IEL, 2001, p. 75-89.

_____. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Referenciação e orientação argumentativa. In: Morato, E.M.; Bentes, A.C. (org.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. A especificidade do texto falado. In: Jubran, C. A. S. Koch, I. G. V. (Orgs). *Gramática do português falado no Brasil*. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006, p.39-46.

Koch, I.V. Cunha-Lima, M.L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: Mussalim, F.; Bentes, A.C. (Orgs). *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*, vol.3, 3ed. São Paulo: Cortez, 2007, p.251-300.

Laakso, M.; Klippi, A. A closer look at the “hint and guess” sequences in aphasic conversation. *Aphasiology*, 1999, 13: 4, 345 — 363.

Laakso, M. Collaborative construction of repair in aphasic conversation. In: Goodwin, C. (ed.), *Conversation and brain damage*. Oxford University Press, 2003.

Laine, M.; Martin, N. *Anomia: theoretical and clinical aspects*. New York: Psychology Press, 2006.

Lebrun, Y. Luria’s notion of ‘(frontal) dynamic aphasia’. *Aphasiology*, 1995, Vol.9, No.2, 171-180.

Lerner, G. Collaborative turn sequences. In: G.H. Lerner (Ed.) *Conversation Analysis: Studies from the First Generation*. Amsterdam: John Benjamins, 2004.

Levelt, W.J.M. Monitoring and Self-repair in Speech. *Cognition*, 14, 1983, p.41-104.

_____. *Speaking: from intention to articulation*. Cambridge, MA: MIT Press, 1989.

Levelt, W.J.M. et al. The time course of lexical access in speech production: a study of picture naming. *Psychological Review*, vol. 98 (1), jan./1991, p. 122-142.

Levinson, S.C. *Pragmatics*. Cambridge University Press, 1983.

Lubinski, R.; Duchan, J.; Weitzner-Lin, B. Analysis of breakdowns and repairs in aphasic adult communication. In: Brookshire, R. (Ed.). *Clinical Aphasiology Conference Proceedings*. Minnesota: BRK Publishers, 111-116, 1980.

Luria, A. R. *Human Brain and Psychological Processes*. Harper & Row: New York, 1966.

_____. *Higher Cortical Functions in Man*. Basic Books: New York, 1970.

_____. *Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

Luria, A.; Hutton, J. T. A modern assessment of the basic forms of aphasia. *Brain and Language*, 4, 129-151, 1977.

Lustig, A. P.; Tompkins, C. A. A written communication strategy for a speaker with aphasia and apraxia of speech: treatment outcomes and social validity. *Aphasiology*, 2002, 16 (4/5/6), 507-521.

Macedo, H. O. *O processo de refacção textual na linguagem escrita de sujeitos afásicos*. Campinas, SP: [s.n], 2004. (Tese de Doutorado em Linguística, Unicamp/IEL).

Magalhães, L. A.; Bilton, T. L. Avaliação de linguagem e deglutição de pacientes hospitalizados após acidente vascular cerebral. *Distúrbios da Comunicação*, 16 (1): 65-81, Abril, 2004.

Mansur, L. L.; Radanovic, M.; Araújo, G. C.; Taquemori, L.Y.; Greco, L. L. Teste de nomeação de Boston: desempenho de uma população de São Paulo. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, Barueri (SP), v. 18, n. 1, p. 13-20, jan.-abr. 2006.

Marcuschi, L.A. *A Repetição na Língua Falada: Formas e Funções*. 1992. 196 p. Tese (Livre Docência) - Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 1992.

_____. *A questão metodológica na análise da interação verbal: os aspectos quantitativos e qualitativos*. Recife, 1999. (mimeografado).

_____. Perplexidades e perspectivas da linguística na virada do milênio. In: *Semana de Letras*, 6. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 10-12 fev., 2003.

_____. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: Koch, I.V.; Morato, E.M.; Bentes, A.C.S. (orgs). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p.49-78.

_____. Fenômenos intrínsecos da oralidade: Hesitação. In: Jubran, C.C.A.S.; Koch, I.V. (orgs.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, p.48-70.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 3ed. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

Martin, N., Fink, R., Renvall, K., & Laine, M. Effectiveness of contextual repetition priming treatments for anomia depends on intact access to semantics. *Journal of International Neuropsychological Society*, 12, 2006, p. 1-14.

Mira, C. *O CCA como uma comunidade de práticas: uma análise das interações do Centro de Convivência de Afásicos*. Dissertação de mestrado. IEL, Unicamp. Campinas, 2006.

Mondada, L. Pour une linguistique interactionnelle. *Marges Linguistiques*, n.1, maio 2001.

Mondada, L.; Dubois, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: Cavalcante, M. M.; Rodrigues, B. B.; Ciulla, A. (Orgs.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

Morato, E. M. *Um estudo da confabulação no contexto neuropsicológico: o discurso à deriva ou sem razões do sentido*. Campinas: IEL, Unicamp, 1995. (Tese de Doutorado em Linguística, IEL/Unicamp).

_____. *Linguagem e Cognição: as reflexões de L. S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem*. São Paulo: Plexus, 1996.

_____. (In)determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação anti-referenciada dos processos enunciativos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. v. 41, p. 55-74, 2001.

_____. *Sobre as afasias e os afásicos. Subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos*. Ed. Unicamp, Campinas, 2002.

_____. O interacionismo no campo lingüístico. In: Mussalin, F.; Bentes, A. C (orgs.) *Introdução à Linguística - fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004, p. 311-351.

_____. Neurolingüística. In: Mussalin, F.; Bentes, A.C. (orgs.) *Introdução à Linguística 2*. São Paulo: Cortez, 2006, p. 143-170.

_____. *Competência e metalinguagem no contexto de práticas interativas de afásicos e não-afásicos*. Relatório Parcial de Pesquisa. Fapesp: Processo n. 06/52950-9, 2007.

_____. O caráter sócio-cognitivo da metafóricidade: contribuições do estudo do tratamento de expressões formulaicas com afasia e com Doença de Alzheimer. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.16, n.1, p. 157-177, jan./jun, 2008.

_____. As querelas da semiologia das afasia. In: Morato, E.M. (org.). *A semiologia das afasias: perspectivas lingüísticas* – São Paulo: Cortez, 2010.

_____. Referenciação metadiscursiva no contexto das afasias e da Doença de Alzheimer. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.47, n.1, p.45-54, jan.-mar., 2012.

Nickels, L. *The autocue? Self-generated Phonemic cues in the treatment of a disorder of reading and naming. Cognitive Neuropsychology*, 1992, 9 (2) 155-182.

Nickels, L.A., & Howard, D. When the words won't come: relating impairments and models of spoken word production. In L. Wheeldon (Ed.), *Language Production*. London: UCL Press, 2000, p.115-139.

Oppenheimer, F.; Avila, C. R. B. *Influence of bilingualism in usual word designation in naming tasks: a study with Brazilian preschoolers. Pró-Fono Rev. At. Ci.*, Barueri (SP), v. 16, n. 2, p. 169-178, 2004.

Ortiz, K. Z. Avaliação das afasias. In: Ortiz, K.Z. (Org.). *Distúrbios neurológicos adquiridos: Linguagem e cognição*. Barueri, SP: Manole, 2005, p.65-93.

Oelschlaeger, M. L. e Damico, J. Word searches in aphasia: a study of the collaborative responses of communicative partners. In: Goodwin, C. (ed.), *Conversation and brain damage*. Oxford University Press, 2003.

Pamies, M. P.; Peña-Casanova, J.; Pulido, J.H. Reabilitação da anomia. In:Peña-Casanova, J.; Pamies, M. P. *Reabilitação da afasia e transtornos associados*. Barueri, SP: Manole, 2005, p.206-217.

Patterson, K.E.; Purell, C.; Morton, J. The facilitation of naming in aphasia. In: Code, C; Muller, D.J. (Eds.). *Aphasia Therapy*. London: Arnold, 1983.

Peña-Casanova, J.; Pamies, M.P.; Diéguez-Vide, F. Tipos clássicos de afasias e alterações associadas. In: Peña-Casanova, J.; Pamies, M. P. *Reabilitação da afasia e transtornos associados*. Barueri, SP: Manole, 2005, p.64-87.

Pineda, D. A.; Rosseli, M.; Ardila, A.; Mejia, S. E.; Romero, M. G.; Perez, C. The Boston diagnostic aphasia examination; spanish version; the influence of demographic variables. *J. Int. Neuropsychol. Soc.*, v. 6, n. 7, p. 802–814, 2000.

Preti, D. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. A hesitação no discurso dos idosos. In: Preti, D. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.47-53.

Rajer, F. *A anomia e sua realidade semiológica*. Campinas, SP: [s.n], 2011. (Dissertação de Mestrado em Linguística, Unicamp/IEL)

Raymer, A. M.; Rothi, L. J. G. Cognitive approaches to impairments of word comprehension and production. In: Chapey, R. *Language intervention strategies in*

aphasia and related neurogenic communication disorders. 4. ed. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins, 2001. cap. 23, p. 524-550.

Reese, E., & Fivush, R. Parental styles of talking about the past. *Developmental Psychology*, 29, 596–606, 1993.

Sacks, H. *Lectures in conversation*. (2 volumes edited by Gail Jefferson). Oxford, Basil Blackwell, 1992.

Sacks, H., Schegloff, E., Jefferson, G. A simplest systematic for the organization of turn talking for conversation, In: *Language*, 50, 1974, 696-735.

Saito, A.; Takeda, K. Semantic cueing effects on word retrieval in aphasic patients with lexical retrieval deficit. *Brain and Language*, v.77, n.1, 2001, p.1-9.

Salomão, M.M.M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. In: *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*. Juiz de Fora, v3 – n1 – p.61 a 79, 1999.

Santana, A. P. *O Lugar da Linguagem Escrita na Afasiologia: implicações e perspectivas para a neurolinguística*. Campinas: IEL/UNICAMP, 1999. (Dissertação de Mestrado em Linguística, IEL/UNICAMP).

_____. *Escrita e afasia: o lugar da linguagem escrita na afasiologia*. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

Santana, A.P. *et al.* O estatuto simbólico dos gestos no contexto da surdez. In: *Psicologia em estudo*, Maringá, v.13, n.2, p. 297-306, abr./jun., 2008.

Schegloff, E. A.; Sacks, H. Opening up closings. *Semiotica* 8, 1973, p.289-327.

Schegloff, E. A. The relevance of repair to syntax-for-conversation. In: Givón, T. (Ed.). *Syntax and Semantics 12: discourse and syntax*. New York: Academic Press, 1979, p. 261-288.

Schegloff, E. A., Jefferson, G. & Sacks, H. The preference for selfcorrection in the organization of repair in conversation. In: *Language*, 53, 1977, p. 361-382.

Schegloff, E. A. Repair after next turn: the last structurally provided for place for the defense of intersubjectivity in conversation. *American journal of Sociology*, 97 (5), 1982, p. 1295-1345.

Stemmer, B.; Joannette, Y. Strategies in verbal productions of brain-damaged individuals. In: Kasper, G.; Kellerman, E. *Communication Strategies: Psycholinguistic and Sociolinguistic Perspectives* (Applied linguistics and language study), Addison Wesley Longman, New York, 1997.

Simmons, N. N. *An ethnographic investigation of compensatory strategies in aphasia*. Unpublished dissertation, Louisiana State University and Agricultural and Mechanical College, L.A., 1993.

Soares, T. C. *Projeções metonímicas em afásicos de Broca*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2006. (*Dissertação de Mestrado em Linguística*). 87f.

Tagliaferre, R. C. S. *Formas e funções da repetição no contexto das afasias*. Campinas, SP: [s.n.], 2008. (*Dissertação de Mestrado em Linguística, Unicamp/IEL*). 114f.

Tannen, D. *Talking voices: Repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse*. Cambridge, Cambridge University Press, 1989.

Tomasello, M. *Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano*. São Paulo: Martins Fontes, (1999/2003).

Van Dijk, T.A., & Kintsch, W. *Strategies of Discourse Comprehension*. London: Academic Press, 1983.

Van Dijk, T.A. Discourse, context and cognition. *Discourse Studies*, 2006, 8(1), 159-177.

Veza, P. A. *A dêixis na interação entre afásicos e não afásicos: conjugação indicial fala/gesto*. Campinas, SP: [s.n.], 2001. (*Tese de Doutorado em Linguística, IEL, UNICAMP*).

Vigliocco, G. Psychology of tip-of-the-tongue. In: *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Science*, 23, 2002.

Vion, R. *La Communication Verbale*. Paris: Hachette, 1992.

Viscardi, J. M. *O estatuto neurolingüístico do automatismo*. Campinas, SP: [s.n.], 2005. (*Dissertação de Mestrado em Linguística, IEL, UNICAMP*).

_____. J. M. *Repetições hesitativas em fala afásica e não afásica*. Campinas, SP: [s.n.], 2012. (*Tese de Doutorado em Linguística, IEL, UNICAMP*).

Vygotsky, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1934/1987.

Whitworth, A.; Webster, J. Howard, D. *A cognitive neuropsychological approach to assessment and intervention in aphasia: a clinician's guide*. New York: Psychological Press, 2005.

ANEXOS

SISTEMA DE NOTAÇÃO

Preocupados em associar a análise provinda tanto dos chamados dados etnográficos primários, quanto dos chamados dados secundários (isto é, aqueles que por meio da transcrição e do sistema de notação dão visibilidade às ações e práticas dos sujeitos e às questões teóricas), partimos das seguintes observações:

- a) A identificação dos participantes do CCA é feita a partir das iniciais do nome e do sobrenome;
- b) o texto da transcrição é apresentado em sistema ortográfico modificado; em alguns casos, torna-se necessária a transcrição fonética;
- c) sendo necessário diferenciar os sujeitos afásicos dos não afásicos, usamos no caso dos primeiros suas iniciais negritadas e sublinhadas;
- d) no caso de locução, são usadas as iniciais em letras maiúsculas dos sujeitos; quando se trata de suas condutas não-verbais ou de significação não-verbal, as iniciais dos sujeitos são apresentadas letras minúsculas.
- e) os pesquisadores referem-se às situações nas quais os dados são produzidos tanto por “contexto” quanto por “cenas enunciativas”.
- f) Os pesquisadores por vezes deixam em negrito as passagens que destacam nos extratos, para efeito de análise.

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
Incompreensão de palavras ou segmentos	(SI)	Então é...olha de ta com (SI)...deixa eu ver...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	Aqui (livro)...ah
Truncamento ou interrupção brusca	/	Dia pri/trinta e um de julho
Entonação enfática	Maiúscula	AfaSIAS
Prolongamento de vogal e consoante	: (podendo aumentar de acordo com a duração)	Agora...a:...a Ida Maria que pesquisou
Silabação	-	Ser-vi-do-res
Interrogação	?	Pra quem você mandou isso?
Qualquer pausa	...	Ela veio qui... perguntar... veio se instruir
Pausas prolongadas (medidas em segundos)	(4s)	Eu (5s) tirava <i>indica 5 segundos de pausa</i>

Comentários do transcritor e designações gestuais	((minúscula))	Isso não... ((risos))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição	— —	Maria Éster... —.dá pra... ta longe aí né... pequenininho... eu também não enxergo direito...— Oliveira da Silva... e ela também é coordenadora
Superposição	[apontando o local onde ocorre a superposição	MG: Nova Iguaçu [JM: ah
Simultaneidade de vozes	[[apontando o local onde ocorre a simultaneidade	MN: [[eu falava.. mas NS: [[quatro ano.. =deixa <i>(indica que duas conversas ocorrem simultaneamente)</i>
Indicação de que a fala foi retomada	... no início	EM: a gente tá mandando pros coordenadores e eles tão colocando onde... EM: ...nas bibliotecas...
Citações literais ou leituras de textos	“ ”	aqui... “vimos por meio dessa... desta agradecer o envio dos livros...”
Indicação e continuidade de gestos significativos, com a descrição de gestos	* início e fim do gesto* *-----□* continuidade gestual	NS: i::xi... faz tempo aqui *--- ---□* ((aponta com o dedo))

(Projeto *AphasiaAcervus*, 2003-2006. Morato *et alli*, 2006)

DADO EXEMPLAR - AphasiaAcervus (10/09/2009)

Contexto: Na situação abaixo, os participantes do grupo estão lendo e fazendo comentários sobre as matérias para o jornal do grupo enviadas por uma associação de afásicos portuguesa (A.N.A). O afásico RL está questionando sobre alguns pontos referentes a uma carta escrita por um afásico português, como colaboração para o Jornal do CCA. HM, pesquisadora e não-afásica, participa deste cenário realizando hipóteses para auxiliá-lo em sua elocução e resolução de dificuldades linguísticas e comunicacionais).

01 HM deu pra entender tudo?
02 RL sim mas eh:: ah erm eh: (3s) a escrita...num num sei se:
03 HM **=se foi ele que escreveu**
04 RL não eh::(4s) ler num::
05 HM [num tá com problema
06 RL não...não é
07 HM **tá conseguindo ler bem? Melhorou bem?**
08 RL não...((faz gesto com a mão indicando tempo passado)) eh:
09 aqui a a: ((aponta para o papel que está lendo))
09 HM **você tá querendo saber dele?**
10 RL é
11 HM ah:: não sei mas olha uma ideia que a gente pode ter
12 também é o seguinte essas pessoas bom nós vamos encontrar
13 essas pessoas e nós vamos conhecer essas pessoas então por
14 exemplo se você tiver perguntas a fazer a essas pessoas...
15 a gente pode levar essas perguntas e trazer as respostas
16 porque eu acho que pode ser bem interessante isso né?
17 RL é ((concordando com a cabeça))
18 HM o Renato tá em dúvida a respeito dele...ele conta algumas
19 co:isas...esse João paulo e você gostaria de saber outras
20 informações dele...
21 RL é...a:: fala
22 HM **sobre a fala dele...como tá...é isso?**
23 RL não...porque a fala eh::
24 HM **ele diz...** ((esperando que RL complete))
25 RL **=é que é:: ainda é::um é::**
26 HM **que ainda é difícil**
27 RL é difícil mas...
28 MN ah é difícil ah:
29 RL [não...ah num tem é::
30 HM mas a escrita dele tá muito boa?
31 RL não sei
32 HM **você quer saber se foi ele mesmo que escreveu...como é que**
33 **foi...**
34 EM **se escreveu com ajuda**
35 HM [com aju::da
36 RL ou...ou ((faz sinal com a mão para HM continue))
37 HM ou se ele consegue mesmo escrever desse jeito melhor
38 que a melhor que falar...é isso que você quer saber? Como
39 é que tão essas coisas...
40 RL [é...é não é::eu por é::aqui ((pega

